

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



## **A canhoneira Pátria**

**O sistema de informação: 1903-1931**

**Rodrigo Botelho**

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação - Arquivística

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



## **A canhoneira Pátria**

**O sistema de informação: 1903-1931**

Rodrigo Botelho

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação - Arquivística

2017

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva, cuja paciência foi essencial para a conclusão deste trabalho.

À Dra Isabel Beato, responsável pelo Arquivo Histórico da Marinha, a qual sempre se mostrou disponível para me ajudar.

E, finalmente, um agradecimento muito especial à minha família, em particular aos meus pais, os quais sempre me apoiam.

## Resumo

O presente estudo sobre a Lancha-canhoneira Pátria resulta de uma dissertação e mestrado em ciências da Documentação e Informação, focando-se no seu sistema de informação. Inicia com um breve enquadramento histórico da sua aquisição, problematizando-se, depois, o Ultimato Inglês, e descrevendo os acontecimentos subsequentes até à aquisição da Lancha-canhoneira. No que concerne ao seu sistema de informação, descreveu-se como funcionava a circulação da informação no interior da canhoneira.

A análise teórica dos sistemas de informação visa uma compreensão do conceito, bem como o enquadramento deste no campo da Ciência da Informação.

Quanto à metodologia, recorreu-se à observação directa, assim como ao estudo de caso. A análise da documentação e da legislação permitiu reconstituir a estrutura orgânico-funcional do produtor, a qual se encontra espelhada no quadro de classificação proposto.

Sendo possível observar a problemática inerente ao Arquivos históricos, tornando-se latente a necessidade de organização da informação, recorrendo às regras nacionais e internacionais de organização e representação Arquivística, designadamente ao nível da descrição, para, deste modo, potenciar o acesso à informação.

**Palavras chave:** Ciência da Informação; Arquivística; Arquivo Histórico; Sistemas de Informação; Lancha-canhoneira Pátria

## Abstract

The present study on the Pátria gunboat results from a dissertation and master's degree in Documentation and Information Sciences, focusing on its information system. It begins with a brief historical background of its acquisition, and then discusses the English Ultimatum, and describes the subsequent events until the acquisition of the gunboat. As far as its information system was concerned, the circulation of information inside the gunboat was described.

The theoretical analysis of the information systems aims at an understanding of the concept, as well as the framework of the information systems in the field of Information Science.

As for the methodology, we used direct observation, as well as the case study. The analysis of the documentation and the legislation made it possible to reconstitute the organic-functional structure of the producer, which is mirrored in the proposed classification framework.

It is possible to observe the problems inherent in the Historical Archives, making latent the need for information organization, using the national and international rules of organization and representation in Archival science, namely at the level of the description, in order to enhance access to information.

**Key words:** Information science; Archival discipline; historical archives  
Information systems; Pátria Gunboat.

## Sumário

	p.
Introdução	9
1. Sistema de Informação: A discussão do conceito e da sua aplicabilidade ao objecto de estudo .....	11
2. Metodologia .....	34
3. A Canhoneira Pátria .....	43
3.1 Uma breve história .....	43
3.2 Estudo orgânico-funcional .....	64
4. A organização da informação produzida e acumulada .....	98
Conclusão .....	111
Referências bibliográficas.....	114
Apêndices e anexos .....	123

## Índice de figuras

	p.
Fig.1 - Raphal Bordallo Pinheiro - Ilustração.....	47
Fig. 2 - Artigo de jornal de 1890 referente à subscrição nacional ....	51
Fig. 3 - Recibo de venda de ticket da Subscrição Nacional de 1890....	52
Fig.4-6 - Artigo da Revista Portugal-Brasil sobre a Lancha-Canhoneira Pátria .....	53-55
Fig. 7 - Artigo da Ilustração Portuguesa da Lancha-canhoneira Pátria no Brasil .....	56
Fig.8-15 - Relatório e Contas da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros de D. Pedro V anno de 1903 .....	58-63



## Introdução

A presente dissertação foi elaborada como trabalho final no âmbito do processo de avaliação no Mestrado de Ciências da Documentação e Informação, especialização: Arquivística, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A escolha do tema deve-se à possibilidade de potenciar futuros estudos associados à mesma temática, particularmente no que concerne aos sistemas de informação da Marinha, neste período.

A realização de um estudo orgânico, segundo Fernanda Ribeiro, tem por objectivo primordial caracterizar, de um ponto de vista rigoroso e exaustivo, o contexto da produção informacional, pois só conhecendo como, onde e porque é gerada a informação, se pode, numa fase final do trabalho arquivístico, representar com exactidão, através de instrumentos de pesquisa, a informação que, ao longo do tempo, constitui a memória institucional (o arquivo) e que deverá ser posta ao serviço quer da entidade produtora, para fins de gestão, quer da sociedade, para fins de investigação<sup>1</sup>.

No que concerne aos interesses pessoais, fui motivado pela possibilidade de tratar um sistema de informação em arquivo definitivo, permitindo ganhar assim uma visão da gestão da informação sob uma perspectiva histórica, permitindo ganhar uma maior compreensão da dialéctica produtor da informação/arquivo, enquadrado num espaço restrito com problemáticas próprias.

Considerando agora os objectivos últimos do nosso trabalho e como nos propomos a alcançá-los. A pergunta que procuramos responder é a seguinte:

---

<sup>1</sup> MATOS FERNANDES, Maria Eugénia; RIBEIRO, Fernanda - O Sistema de Informação Arquivística da Universidade do Porto: potenciar o uso da memória informacional retro-prospectivamente. *Páginas a&b* : arquivos e bibliotecas. Lisboa. 11, p. 6.

*De que modo se estruturava e organizava o sistema de informação da canhoneira Pátria?*

No que concerne aos objectivos gerais:

Aquisição de conhecimentos para o desenvolvimento de uma boa política de gestão de um sistema de arquivo;

Aquisição de conhecimentos sobre a entidade produtora;

Para que estes objectivos sejam alcançados, devem em primeira instância ser alcançados os seguintes objectivos específicos:

Compreender o funcionamento do sistema de informação da canhoneira Pátria;

Compreender a história da entidade produtora;

Elaborar de um quadro de classificação, de modo a organizar a documentação, respeitando a legislação coeva.

Considerando a metodologia usada em virtude de se tratar de documentação presente num arquivo histórico, analisando-se um fundo inactivo já há bastante tempo, recorreu-se à pesquisa documental, a informação produzida e acumulada pela canhoneira Pátria, estando assim centrada na observação directa através da qual se procura construir um modelo hipotético-indutivo que nos permita responder à pergunta de partida . Desenvolveu-se um estudo de caso para melhor fundamentar as conclusões alcançadas.

O trabalho surge dividido em 4 partes, sendo que na primeira de natureza mais teórica se abordou o estado da arte das várias matérias teóricas tratadas. Dando a conhecer o que se compreende por Sistema de Informação, no contexto das Ciências da Informação dentro de um quadro transdisciplinar. No segundo capítulo abordou-se a metodologia, veículo indispensável a garantir a cientificidade do trabalho, e o respeito pelo método científico. No terceiro capítulo, efectuou-se uma breve história da canhoneira, seguida do estudo orgânico-funcional, procedendo-se a um levantamento exaustivo da

legislação coeva. No quarto capítulo, após o recenseamento da documentação existente, procedeu-se à criação de um quadro de classificação que reflectisse a organização original da informação, pois de momento o fundo não reflecte o organograma da canhoneira. Além disso é ainda apresentado o inventário do fundo, assim como as tabelas do estudo orgânico funcional.

## **1. Sistema de Informação: A discussão do conceito e da sua aplicabilidade ao objecto de estudo**

Procuramos efectuar uma breve viagem pela evolução dos sistemas de informação, visando igualmente apreender os caminhos para onde a gestão de sistemas de informação caminha, no reforço da sua cientificidade, integrando-a, naturalmente, no âmbito da ciência da informação.

Em virtude da grande abrangência disciplinar e temática desenvolvida pelos sistemas de informação, centramo-nos nos desenvolvimentos relacionados com as Ciências Sociais, os quais têm uma mais fácil aplicação no campo da disciplina arquivística.

Importa, porém, definir o que entendemos por sistemas de informação, e recorrendo à definição que nos é dada por Gordon Davis, que defende que o campo dos Sistemas de Informação visa *a transmissão da informação assim como a gestão e o funcionamento dos mesmos sistemas nas organizações, garantindo ainda o seu desenvolvimento, implementação e operação quotidiana. Caberá a estes sistemas capturar, armazenar, processar, e comunicar dados e informação. O sistema combina tanto elementos técnicos, como humanos, assim como os utilizadores*<sup>2</sup>. Carlos Guardado da Silva propõe a seguinte definição *conjunto de componentes interrelacionados que capturam (ou recuperam), processam, armazenam e distribuem informações destinadas a apoiar a tomada de decisões, a coordenação e o controlo de uma organização, bem como auxiliam os gestores de topo e trabalhadores a*

---

<sup>2</sup> DAVIS, Gordon - *Information Systems Conceptual Foundations: Looking Backward and Forward*, 2000. Baskerville R., Stage J., DeGross J.I. (eds) *Organizational and Social Perspectives on Information Technology*. IFIP — The International Federation for Information Processing. Springer: Boston, MA: Springer, 2000, vol.41, p. 62. [Em linha]. [Consult a 07/07/2017] disponível na internet: <[https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-35505-4\\_5](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-35505-4_5)>

*analisar os problemas, a visualizar assuntos complexos e a criar novos produtos*<sup>3</sup>.

As matérias aqui tratadas têm frequentemente uma relação umbilical, sendo difícil destrinchá-las em determinados pontos, no que diz respeito à relação entre a Ciência da Informação e os Sistemas da Informação na sua vertente organizacional e na sua vertente tecnológica. Sendo de sublinhar que, se em alguns contextos permanecem disciplinas distintas, no âmbito da Ciência da Informação, os sistemas de informação integram a área disciplinar da gestão de sistemas de informação ou da gestão da informação, integrante daquela.

Entre ambas existe e fomenta-se a interdisciplinaridade. Podemos tomar em consideração várias definições, nomeadamente a de Berger, o qual a definiu como a interdisciplinaridade como: *interacção entre duas ou mais disciplinas e que pode ir desde a simples comunicação de ideias até à integração mútua dos conceitos directivos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização, da investigação e do respectivo ensino*. Para Palmade, consiste na *integração interna e conceptual que rompe com a estrutura de cada disciplina, para edificar uma axiomática nova e comum a todas elas, com o fim de dar uma visão unitária de um campo do saber* <sup>4</sup>. Piaget concebeu-a como: *intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências, resultando deste processo um enriquecimento recíproco*<sup>5</sup>. Foi mais longe Thom, ao sugerir a *transferência de problemática, conceitos e métodos de uma disciplina para outra*<sup>6</sup>. E, por fim, Resweber sublinha que a *interdisciplinaridade ultrapassa a pluridisciplinaridade, porque vai mais longe*

---

<sup>3</sup> Silva, Carlos Guardado - *Relatório apresentado para obtenção do título de agregado*. Coimbra, 2015. p. 6.

<sup>4</sup> Apud Silva, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. Porto : CETAC.com – Centro de Estudos em Tecnologias, Artes e Ciências da Comunicação. nº 5, dez. 2007. [Em linha]. [Consult. 07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26180>>. p. 10.

<sup>5</sup> PIAGET, Jean - *L'épistémologie des relations interdisciplinaires. L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et des recherche dans les universités*. Paris: OCDE, 1972. p.167. [Em linha]. [consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <[http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/VE/jp72\\_eptist\\_relat\\_interdis.pdf](http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/VE/jp72_eptist_relat_interdis.pdf)>

<sup>6</sup> Apud SILVA, Armando - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. Op. cit.. p. 10.

*na análise e confrontação dos resultados, porque busca uma síntese em nível de métodos, leis e aplicações, porque pretende um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objecto de estudo se complexifica através dos diferentes métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematicidade e mútua relatividade*<sup>7</sup>. Tratando-se assim de um processo científico que reúne várias áreas científicas, não sendo um encontro meramente transitório, no entanto, não as funde, mas também não cria uma área científica nova<sup>8</sup>. Não devemos deixar de considerar que para alguns autores como Rogers, Scaife e Rizzoo, frequentemente estudos ditos interdisciplinares, serem na realidade, realizados ao nível multidisciplinar, isto é, *onde um grupo de pesquisadores de diferentes disciplinas colabora trabalhando em conjunto no mesmo problema para um objetivo comum, mas continuam a fazê-lo usando as teorias, ferramentas e métodos de sua própria disciplina*<sup>9</sup>.

Debrucemo-nos, ainda, sobre a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade, as quais, embora sejam analisadas em separado, possuem elementos suficientes em comum para que a generalidade da doutrina afirme que uma distinção efectiva não é possível.

Assim, começando pela multidisciplinaridade. Para Piaget *consiste na convocatória, para a resolução de determinado problema, de informação de uma ou mais ciências ou sectores do conhecimento, sem que as disciplinas que são trazidas à colação pelos que as utilizam sejam alteradas ou enriquecidas por isso*<sup>10</sup>. Para Berger, *trata-se da justaposição de disciplinas diversas, por vezes sem relação aparente entre si*. Para Palmade, *a multidisciplinaridade orienta-se para a interdisciplinaridade quando as relações de interdependência entre as disciplinas emergem, passando-se, então, do mero “intercâmbio de ideias” a uma cooperação e interpenetração*

---

<sup>7</sup> RESWEBER, Jean-Paul – *La Méthode interdisciplinaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981. p. 75.

<sup>8</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>9</sup> ROGERS, Y.; SCAIFE, M. e RIZZO, A. - *Interdisciplinarity: an emergent or engineered, process?*. University of Sussex - School of Cognitive and Computing Sciences, 2003. [Em linha]. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:

<<http://www.sussex.ac.uk/informatics/cogslib/reports/csrp/csrp556.pdf>>. p. 3.

<sup>10</sup> PIAGET, Jean – *op. cit.*, p. 166.

das disciplinas<sup>11</sup>. E contrapondo a *pluridisciplinaridade*, Berger descreve como: *justaposição de disciplinas mais ou menos próximas nos seus campos de conhecimento. Para Resweber a pluridisciplinaridade é a mera associação de disciplinas que visam uma realização comum, sem que cada uma delas modifique sensivelmente a sua própria visão de coisas e os seus próprios métodos*<sup>12</sup>. Para Armando da Silva Malheiro, *pluridisciplinaridade é suficiente para observar a convergência de várias disciplinas para a solução de um problema*<sup>13</sup>.

Finalmente, a *transdisciplinaridade*, que Piaget descreve do seguinte modo: *integração global das várias ciências, que implica uma etapa superior, relativamente à das relações interdisciplinares, na qual além de se atingirem as interações ou reciprocidades entre investigações especializadas, seria também possível deslocar essas relações para dentro de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas*<sup>14</sup>. Gusdorf descreve uma prática que se aventura *para além dos limites do saber, propriamente dito, em direcção a uma unidade de natureza escatológica: Se cada disciplina propõe um caminho de aproximação ao saber, se cada aproximação revela um aspecto da verdade global, a transdisciplinaridade aponta para um objecto comum, situado além do horizonte da investigação epistemológica, nesse ponto imaginário em que todas as paralelas acabam por se encontrar*<sup>15</sup>.

Para melhor compreender a transdisciplinaridade devemos considerar a carta da transdisciplinaridade de 1995. No preâmbulo são estabelecidas as ideias gerais e a relevância desta disciplina no mundo constatando-se que o aumento do saber no mundo, assim como das disciplinas existentes torna impossível uma visão global do ser humano, a sujeição do homem a critérios de eficiência, conduz a um empobrecimento interior cada vez maior,

---

<sup>11</sup> Apud SILVA, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. Op. cit., p. 9.

<sup>12</sup> RESWEBER, Jean-Paul - op. cit., p. 71-75.

<sup>13</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. Op. cit., p. 9.

<sup>14</sup> PIAGET, Jean – op. cit., p. 171.

<sup>15</sup> GEORGES, Gusdorf - *La conscience révolutionnaire. Les ideologues*. [Em linha] Paris: Les Éditions Payot, 1978. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: [http://classiques.ugac.ca/contemporains/gusdorf\\_georges/sc\\_hum\\_pensee\\_occ\\_t\\_VIII/sc\\_hum\\_pensee\\_occ\\_t\\_VIII.html](http://classiques.ugac.ca/contemporains/gusdorf_georges/sc_hum_pensee_occ_t_VIII/sc_hum_pensee_occ_t_VIII.html)>. p. 492-493.

promovendo uma crescente desigualdade entre os povos<sup>16</sup>. Posteriormente descreve-se a metodologia: *A Transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade; não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa<sup>17</sup>; conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos, religiões e temas afins, que os respeitam em um espírito transdisciplinar<sup>18</sup>.*

No que concerne à Ciência da Informação, uma disciplina cujas origens contemporâneas, remontam ao séc. XIX, por via do trabalho de Paul Otlet e Henri La Fontaine. Em 1892, estes conjugaram esforços para a criação do Instituto Internacional de Bibliografia, o que acabou por conduzir ao surgimento de uma nova área de estudo, a Documentação. ‘Documentação’ passou a ser um conceito com uma especificidade própria, restringindo o seu âmbito à organização e ao tratamento de registos informativos em diversificados suportes, essencialmente à investigação científica e técnica. Desenvolvendo bibliografias, índices e resumos, entre outras técnicas, que visavam facilitar o acesso à informação<sup>19</sup>.

Em 1958, teve lugar a *Internacional Conference on Scientific Information*, nos Estados Unidos da América, conferência que é vista como a marca da transformação da Documentação em Ciência da Informação, na qual estiveram representantes da Europa, da Ásia, e da América, com profundas repercussões. Na década de 60 já o termo Ciência da Informação era amplamente aceite<sup>20</sup>. A Ciência da Informação é dada como um exemplo típico de transdisciplinaridade<sup>21</sup>. Maria Cristina Freitas e Daniela Ferreira, que analisam o período entre a Revolução Industrial e a Segunda Grande Guerra,

---

<sup>16</sup> PRIMEIRO CONGRESSO MUNDIAL DA TRANSDISCIPLINARIDADE, Lisboa, 1994 – *Carta da transdisciplinaridade*. Arrábida, 1994. p. 1.

<sup>17</sup> IDEM – *ibidem*, p. 2.

<sup>18</sup> IDEM – *ibidem*, p. 3.

<sup>19</sup> SILVA, Armando Malheiro da [et.al.] – *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento, cop. 1998. p. 28.

<sup>20</sup> IDEM – *ibidem*, p. 29.

<sup>21</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. Op. cit., p. 10.

como uma altura em que se dá uma alteração no discurso científico, o qual originalmente se centrava no particular, considerando os fenómenos como realidades separadas. Esta visão do mundo alterou-se sensivelmente na década de 50, quando as partes começaram a ser vistas como parte de um todo, esta forma de observar a realidade é compatível com a anterior na medida em que as várias partes singulares quando reunidas, constituem o todo, trata-se simplesmente de uma nova abordagem que permite novas descobertas, quando usando o conhecimento já acumulado se estabelecem novas relações<sup>22</sup>. Ideias desenvolvidas por Ludwig von Bertalanffy, na Teoria Geral dos Sistemas. Como Alvin Toffler propõe, o pós-industrialismo, que se coloca numa terceira fase subsequente à agrícola e à industrial, levando-nos a um novo tipo de sociedade, à Sociedade da Informação<sup>23</sup>.

Assim a Ciência da Informação, nascida nos Estados Unidos por via dos consensos obtidos nas conferências do Georgia Institute of Technology de 1961 e 62, nas quais se deram os primeiros passos para a elaboração de uma definição a qual foi mais tarde desenvolvida por Harold Borko em 1968, no artigo *Information science - what is it?*, publicado no *American Documentation: É uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam os fluxos e os usos da informação, e as técnicas, tanto manual quanto mecânica, de processamento da informação, visando a sua armazenagem, recuperação, e disseminação ideal. Isto inclui a pesquisa sobre a representação da informação em ambos os sistemas, tanto naturais quanto artificiais, o uso de códigos para a transmissão. É uma ciência derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação,*

---

<sup>22</sup>FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Aspectos e reflexões conceituais sobre informação, sistemas e de sistemas teoria*. Em linha]. APQ: EFQM, 2012. [Consult.11/07/2017]. Disponível na internet: <URL:[http://www.apq.pt/portal/web/EFQM/Os%20Conceitos%20Fundamentais%20da%20Excelência\\_2013.df](http://www.apq.pt/portal/web/EFQM/Os%20Conceitos%20Fundamentais%20da%20Excelência_2013.df)>. p. 4.

<sup>23</sup>TOFFLER, Alvin - *Future Shock*. [Em linha]. New York: Bantam Books, Cap. 1. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <https://cdn.preterhuman.net/texts/literature/general/Alvin%20Toffler%20-%20Future%20Shock.pdf>.

*Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes*<sup>24</sup>. Harold Borko defende que a *Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos para processá-la, a fim de obter acessibilidade e utilização ótimas. É uma ciência interdisciplinar [...] relacionada com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia de computação, a pesquisa operacional, as artes gráficas, a comunicação, a biblioteconomia, a administração [...] Tem componentes de uma ciência pura, que investiga o assunto sem relação com sua aplicação, e componentes de uma ciência aplicada, que cria serviços e produtos*<sup>25</sup>. Para Foskett trata-se de uma disciplina que surge de uma 'fertilização cruzada' de ideias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e linguística que, em suas formas modernas, têm a ver directamente com todos os problemas da comunicação - a transferência do conhecimento organizado<sup>26</sup>. Saracevic caracteriza a Ciência da Informação do seguinte modo: *É por natureza interdisciplinar; É inexoravelmente conectada com a tecnologia da informação; Como muitos outros campos, uma activa e deliberada participante na evolução da sociedade da informação, Em sentido amplo, o imperativo tecnológico tem imposto a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, ou era da informação (..). Ela tem um importante papel a desempenhar, tem uma forte dimensão social e humana, acima e além da tecnologia*<sup>27</sup>.m) Goffman afirma que "O objectivo da disciplina CI deve ser o de estabelecer um enfoque científico homogéneo para

---

<sup>24</sup> BORKO, Harold - *Information science: what is this?*. *American Documentation, Journal of the Association for Information Science and Technology*, 1968, 19.1. [Em linha]. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/k---artigo-01.pdf>>. p. 3.

<sup>25</sup> BORKO, Harold – *Op. cit.*. p. 2.

<sup>26</sup> Apud LIMA, Gercina - *Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva*. [Em linha]. CI. Inf. Brasília: IBICT. vol.32 nº.1 Jan./Apr. 2003. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100008)>. p. 64.

<sup>27</sup> SARACEVIC, Tefko - *Ciência da Informação : origem, evolução e relações*. Perspectivas em Ciência da Informação. [Em linha]. Belo Horizonte: UFMG. v.1, n.1, jan/jul, 1996. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/%20235/22>>. p. 42.

*estudo dos vários fenómenos que cercam a noção de informação, sejam eles encontrados nos processos biológicos, na existência humana ou nas máquinas... Consequentemente, o assunto deve estar ligado ao estabelecimento de um conjunto de princípios fundamentais que direccionam o comportamento em todo processo de comunicação e seus sistemas de informação associados... (A tarefa da CI) é o estudo das propriedades dos processos de comunicação que devem ser traduzidos no desenho de um sistema de informação apropriado para uma dada situação física" <sup>28</sup>. Rabello defende que a CI conta com um lugar investigativo singular onde se opera a interdisciplinaridade como dispositivo para o estudo dos fenómenos relacionados ao seu difuso objecto - a informação, que podem se revelar nos passos que são dados na sua validação enquanto disciplina<sup>29</sup>.*

No que concerne à cientificidade, a teoria divide-se, Armando da Silva Malheiro, subscreve a tese da cientificidade uma vez que está definido o objecto a estudar e a explorar; sendo de notar na sua génese a interdisciplinaridade, embora nem todos subscrevam esta interpretação. Assim como a aceitação de uma disciplina científica com identidade própria, gerada e aberta à interdisciplinaridade<sup>30</sup>. Esta cientificidade é alvo de contestação por parte da doutrina. É neste sentido que Boaventura de Sousa Santos defende que *no actual quadro da ciência não é possível enquadrar a Ciência da Informação. Para tal seria necessário alterar os critérios da cientificidade*<sup>31</sup>. São vários os autores que de um modo ou outro abordam esta temática. *Machlup e Mansfield - Sabemos que muitos trabalhos em Ciência da Informação possuem um sentimento de culpa sobre o facto de que esta disciplina não descobriu novas leis nem inventou novas teorias e, além do mais, não obteve reconhecimento como ciência. Este complexo de inferioridade é o resultado de uma doutrinação com um modelo de filosofia da ciência que contém definições persuasivas de ciência e do método*

---

<sup>28</sup> Apud IDEM – *Ibidem*. p. 42.

<sup>29</sup> RABELLO, Rodrigo - *Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugar de encontro* *Perspectivas em Ciência da Informação*. [Em linha]. Belo Horizonte: UFMG. V.17, nº 1, 2012. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n1/a02v17n1.pdf>. p. 2.

<sup>30</sup> SILVA, Armando Malheiro da – *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. p. 22.

<sup>31</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 24.

*científico. (...) nós nos importamos se a Ciência da Informação, Biblioteconomia, Ciência da Computação ou qualquer outra disciplina, são ou não ciências* <sup>32</sup>. Por sua vez Armando Malheiro defende que a CI é essencialmente uma transdisciplina constituída pela acção integradora de outras existentes e com afinidades essenciais entre si, que busca, por esta via, uma identidade científica própria, podendo participar ativamente em múltiplos programas interdisciplinares e intercientíficos, sem se diluir neles e beneficiando com os efeitos/resultados dessas apostas<sup>33</sup>. Armando da Silva defende que os *SI junto com a Arquivística, a Biblioteconomia/Documentação e a disciplina Organização e Métodos formariam o núcleo transdisciplinar, o core dinâmico e identitário constitutivo da nova Ciência da Informação. Sendo que bibliotecários e documentalistas têm um papel fundamental em virtude da experiência acumulada em matéria de classificação, indexação e “linguagens documentárias”, ou, numa expressão agregadora, organização e representação da informação algo que os informáticos tendem a ignorar*<sup>34</sup>.

Armando da Silva entende que: *a Ciência da Informação é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à génese do fluxo, à organização e ao comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação). Ela é trans e interdisciplinar (...)*<sup>35</sup>. *Pela dinâmica transdisciplinar a CI constrói-se e consolida-se através da simbiose das disciplinas práticas fundacionais como são a Arquivística, a Biblioteconomia/Documentação e a CI (em sentido restrito)*<sup>36</sup>.

Sistemas de Informação, segundo Armando da Silva Malheiro, não fazem parte do core transdisciplinar da Ciência da Informação, embora tenham uma

---

<sup>32</sup> Apud IDEM – *Ibidem*, p. 24.

<sup>33</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. p. 29-30.

<sup>34</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 37-38.

<sup>35</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006. p. 141.

<sup>36</sup> SILVA, Armando Malheiro da – *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar*. p. 40.

relação de grande proximidade com a Ciência da Informação<sup>37</sup>. Sendo que não se deve ignorar que: *a CI se relaciona estreitamente com os SI, desde, logo porque estes constituem uma ferramenta indispensável na produção, organização (meta informação ou meta dados), armazenamento e recuperação da informação, incorporando na área da organização e representação/recuperação da informação as técnicas há muito inventadas, como sublinhou Lancaster, e assumindo estudos infométricos em ambiente digital ou Web métricos: é impossível trabalhar e estudar a informação, sem ter em conta o sofisticado meio ou suporte onde ela hoje e no futuro se encontra registada*<sup>38</sup>.

Coloca-se então o problema de definir esta nova área científica, sendo que Bertram Brooks descreve-a do seguinte modo: *A ciência que investiga o comportamento as propriedades e o comportamento da Informação, as forças que governam o fluxo da informação, e os meios de processar informação para uma óptima acessibilidade e uso. O processo inclui a criação, disseminação, arquivo, organização, colecta, recuperação, interpretação, e uso da informação. O campo deriva ou está relacionado com a matemática lógica, linguística, psicologia, informática, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, gestão, assim como outros campos*<sup>39</sup>. Como afirma Zorriho, a informação é também considerada e utilizada em muitas organizações como um fator estruturante e um instrumento de gestão da organização<sup>40</sup>, assim como uma arma estratégica indispensável, para a obtenção de vantagens competitivas<sup>41</sup>. Sendo ainda de mencionar as organizações cujo propósito é precisamente a gestão da informação<sup>42</sup>.

Tefko Saracevic identifica três características gerais que delimitam a existência e a evolução da Ciência da Informação: *em primeiro lugar, é uma*

---

<sup>37</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 42-43.

<sup>38</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 42-43.

<sup>39</sup> *Apud* SILVA, Armando Malheiro da [et al.] - *Op. cit.*, p.30.

<sup>40</sup> *Apud* AMARAL, Luís Alfredo - *Gestão de Sistemas de Informação, Relatório de disciplina contendo o programa*. Relatório de disciplina contendo o programa, conteúdo e métodos de ensino, p. 18.

<sup>41</sup> PORTER, Michael; MILLAR, Victor - *How information gives you an advantage*, Harvard Business Review. Boston, MA: Harvard Business School Publishing. Julho- Agosto, 1985. p. 2-3.

<sup>42</sup> DRUCKER, Peter - *The coming of the New Organization*, [Em linha]. (1988), [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://hbr.org/1988/01/the-coming-of-the-new-organization>>.

*área interdisciplinar por natureza, no entanto estas relações estão a mudar com o tempo, a evolução interdisciplinar está longe do fim; segundo, a Ciência da Informação está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação, sendo imperiosa e necessária para a evolução da mesma, assim como de vários outros campos, e da evolução da Sociedade da Informação como um todo; terceiro lugar, a Ciência da Informação é como muitos outros campos, um participante activo na evolução da Sociedade da Informação, tendo uma forte componente social e humana, que vai para além da tecnologia<sup>43</sup>.*

A especialização que se dá em virtude da fragmentação das ciências<sup>44</sup> dá origem a uma integração de campos, gerando o aparecimento de novas ciências multidisciplinares, como a Ciência dos Sistemas, ou transdisciplinares como a Ciência da Informação.

A relação entre a Ciência da Informação e os Sistemas de Informação não é simples, na medida em que partilhando os temas de interesse, mantêm-se disciplinas separadas. Tal deve-se ao facto de possuírem metodologias diversas<sup>45</sup>. Em Ciências da Informação, um Sistema de Informação apresenta-se como *uma totalidade formada pela interacção dinâmica das partes, possui uma estrutura (entidade produtora/receptora) duradoura com um fluxo de estados no tempo sendo constituído pelos diferentes tipos de informação registada ou não externamente ao sujeito, podendo ter um suporte material/tecnológico<sup>46</sup>.*

E a definição que nos é dada pelo Institute of Information Scientists, do Reino Unido, o qual se refere especificamente aos Sistemas de Informação, na sua definição de Ciência da Informação *The broad concepts and theories of*

---

<sup>43</sup> SARACEVIC, Tefko - *Op. cit.* p. 42.

<sup>44</sup> BERTRAND, Yves ; GUILLEMET, Patrick – *Organizações : Uma Abordagem Sistémica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p. 17.

<sup>45</sup> ALLEN, David ; ELLIS, David ; WILSON, Tom - *Information Science and Information Systems: Conjoint Subjects Disjunct Disciplines*. *Journal Of the American Society for Information Science*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell. Volume 50, Issue 12, 1999. p. 1100.

<sup>46</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. p. 148-149.

*information systems and information and communication technologies insofar as they apply to the principles and practices of information management*<sup>47</sup>.

Dois campos comuns de estudo são a recuperação da informação e os estudos de utilizador, hoje integrados no campo do comportamento informacional, esta afirmação advém da observação dos estudos realizados ao longo dos anos em ambas as ciências as quais tendem a focar-se nestes campos, havendo aqui uma sobreposição<sup>48</sup>. Embora foquem o seu estudo nas mesmas áreas, o reconhecimento científico permanece separado. Analisando mais cuidadosamente o tema, podemos considerar que, por este prisma, é possível diferenciar ambas as ciências do seguinte modo: a ciência da informação tende a estar mais preocupada com o conteúdo informativo dos sistemas e a desenvolver serviços de informação mais eficientes, por sua vez os sistemas tecnológicos de informação preocupam-se essencialmente com a organização formal das relações dos dados e o desenvolvimento de um sistema informático mais eficiente, a semelhança poderá assim ser essencialmente aparente<sup>49</sup>. Como reflexo desta indefinição, existe uma dificuldade em vários destes campos em afirmarem-se no mundo universitário, as lutas pelo poder e financiamento, e a inexistência de identidades claramente distintas levam a que haja uma dificuldade de afirmação da Ciência da Informação, que sofre a concorrência da mais tradicional biblioteconomia, levando os sistemas de informação a serem meras secções dos departamentos de informática e gestão.

Para compreender o que são Sistemas de Informação é necessário começar por definir claramente qual o seu campo de aplicação. Tendo em conta que existe uma considerável controvérsia em torno deste tema, ao falarmos de Sistemas de Informação podemos estar a referir-nos à sua vertente no campo da Ciências da Informação, da Tecnologia da Informação, ou mesmo da Gestão, sendo que qualquer uma das respostas estaria correta. Assim esta é na realidade, e como referem a generalidade dos autores, uma área interdisciplinar, no entanto, quando chega o momento de a definir alguns

---

<sup>47</sup> *Apud* ALLEN, David ; ELLIS, David ; WILSON, Tom - *Op. cit.*. p.1095.

<sup>48</sup> *Apud* ALLEN, David ; ELLIS, David ; WILSON, Tom - *Op.cit.*. p. 1100.

<sup>49</sup> IDEM –*Ibidem.* p. 1096-1098.

partem do pressuposto que é necessário haver uma componente tecnológica, o que não muito lógico, pois para haver uma circulação eficiente da informação a vertente tecnológica pode ajudar, mas não é imperativa, dependendo do contexto, devemos sublinhar que se trata de uma disciplina que se preocupa com o interface utilizador-tecnologia, procurando a integração com os outros sistemas existentes na organização. Considerando o espaço que ocupa enquanto disciplina, na *International Encyclopedia of Information and Library Science*, é arguido que o seu domínio começa onde acaba a ciência da computação, embora se discuta que ao estabelecer limites rígidos à sua aplicação se restrinja a sua riqueza e valor, torna-se, no entanto, evidente que tem um foco no contexto social e organizacional das tecnologias da informação<sup>50</sup>.

No estudo Sistema de Informação: que ciência é essa? José Rodrigues Filho e, José; Gilson Ludmer sublinham, que os Sistemas de Informação são um campo fragmentado, que padece do rigor associado a outras disciplinas científicas, havendo alguma preocupação com alguns componentes básicos da Tecnologia da Informação *é um campo de estudo fragmentado, multifacetado e mal localizado como disciplina académica - ora nas faculdades de engenharia ora nas faculdades de ciências sociais, onde se tem produzido uma visão mais ampla de SI*<sup>51</sup>.

Como sublinha Ward, a especialização numa destas áreas não implica a especialização na outra, sendo que os sistemas de informação antecedem as tecnologias de informação<sup>52</sup>. A importância da vertente tecnológica é sublinhada por vários autores quando nomeadamente Karwowski, Rizzo e Rodrick, afirmam: *Information system (IS) can be defined as technological systems that manipulate, store, process, and disseminate information that has or is expected to have an impact on human organized behavior within any*

---

<sup>50</sup> AVISON, David ; FITZGERALD, Guy –*Information Systems*. In FEATHER, John; STURGES, Paul - *International Encyclopedia of Information and Library Science*. 2ª ed. NY: Routledge. 2003. p. 306.

<sup>51</sup> FILHO, José Rodrigues; LUDMER, Gilson (2005) – Sistema de Informação: que ciência é essa?. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação* vol 02, n 02. 2005. São Paulo: TECSI. p. 163.

<sup>52</sup> WARD, John; PEPPARD, Joe - *Strategic Planning for Information Systems*. 3ª ed. Chichester, West Sussex, England: J. Wiley. 2002. p. 3.

*real context and use*<sup>53</sup>. Já Vickery, em 1973, apresentava como definição: *An information system is an organisation of people, materials and machines that serves to facilitate the transfer of information from one person to another. Its function is social: to aid human communication*<sup>54</sup>, colocando para segundo plano a vertente tecnológica. O mesmo autor, em 2004, apresentava como exemplos de Sistemas de Informação tanto as bibliotecas, como os produtores de base de dados, editores livreiros, e o sistema telefónico<sup>55</sup>. Já a UK Academy of Information Systems (UKAIS) define Sistemas de Informação como os meios pelos quais as pessoas e organizações, utilizando tecnologia, recolhem, processam, armazenam, usam e disseminam informação<sup>56</sup>

Outra definição de Sistemas de Informação pode ser encontrada nomeadamente pela mão de Weisman: *Information system refers to the methods, materials, media, producers and recipients involved in an organized way to effect information transfer within a specific field, activity, or organization. An information system consists of a complex collection of information ‘messages’, persons who produce and use them, and a set of behavior patterns, customs, and traditions by which these persons and persons interrelated*<sup>57</sup>. Este abandona a prevalência dada à componente tecnológica na sua definição, sendo que se pode claramente observar a existência de duas correntes de pensamento neste tema, a primeira previamente abordada e a que descarta o elemento informático.

Podemos considerar que são construções que embora tenham pontos em comum, na verdade não se confundem. As tecnologias de informação têm

---

<sup>53</sup> KARWOWSKI, Waldemar; RIZZO, Francesca; RODRICK, David – «Ergonomics». In *Encyclopedia of information systems*. Vol. 2. Ed. Hoseein Bidgoli. Amsterdam: Academic Press, 2003. p. 185-202.

<sup>54</sup> *Apud* MARQUES, Maria Beatriz - *O paradigma formativo do arquivista em Portugal*. Boletim do arquivo da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. [Em linha]. Vol. XXIX. Coimbra: Imprensa da Faculdade de Coimbra, 2016. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:<[https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o\\_paradigma\\_formativo\\_do\\_arquivista\\_em\\_portugal](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_paradigma_formativo_do_arquivista_em_portugal)>. p. 325.

<sup>55</sup> *Apud* FERNÁNDEZ MARCIAL, Viviana Fernández Marcial; GOMES, Liliana Isabel Esteves; MARQUES, Maria Beatriz- «Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos». Páginas a&b.. S.3, 4. (2015). [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:<<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/32053/1/Perspetiva%20te%C3%B3rica%20e%20metodol%C3%B3gica%20em%20sistemas%20de%20informac%C3%A3o%20complexos.pdf>>. p. 5.

<sup>56</sup> WARD, John; PEPPARD, Joe – *Strategic. Op. cit.*. p.3

<sup>57</sup> WEISMAN, Herman M. - *Information systems, services and centers*. New York: Becker and Hayes, 1972. p. 14.

ganhado uma importância crescente no seio das organizações, garantindo-lhes deste modo uma vantagem competitiva. Esta é uma verdade que poderá ser aplicada de um modo mais genérico à ciência da informação, como afirma Tefko Saracevic, a ciência da informação está irremediavelmente ligada à tecnologia da informação, uma vez que como defende o mesmo o imperativo tecnológico cada vez ganha mais importância<sup>58</sup>. Torna-se importante para as empresas terem estratégias de longo prazo no que respeita aos seus sistemas de informação, os quais muitas vezes foram criados de uma forma deficiente, em virtude de uma estratégia deficiente<sup>59</sup>. Mas como se tem constatado no decorrer da análise documental, a existência desta ligação umbilical, como é descrita no início, não impede, que se tratem de disciplinas distintas com vários interesses partilhados, quando considerados os Sistemas de Informação, na sua matriz disciplinar tecnológica. Todavia, no campo da Ciência da Informação, considerados como Gestão de Sistemas de Informação ou como Gestão da Informação, assumem um campo disciplinar daquela.

Intrinsecamente relacionada está a questão da Gestão dos Sistemas de Informação, os quais são definidos por Luís Amaral como *um conjunto de actividades que compõem a área funcional das organizações responsável pela gestão do recurso informação e de todos os recursos envolvidos no planeamento, desenvolvimento e exploração dos seus sistemas de informação*<sup>60</sup>. Luís Amaral defende que sendo o objecto central da Gestão dos Sistemas de Informação o processo de concepção de uma infra-estrutura tecnológica, o responsável por esta deverá ser um gestor com conhecimentos sobre Tecnologias e Sistemas de Informação, sublinhando, no entanto, a importância da existência de profissionais com um perfil híbrido<sup>61</sup>. Ou seja, como se tem vindo a observar ao longo deste trabalho, o tema frequentemente é a eficiência, ou seja, qual a melhor forma de alcançar um objectivo, sendo que tudo nos leva a crer que a colaboração interdisciplinar entre estes dois campos do conhecimento é a melhor opção, sublinhando que

---

<sup>58</sup> SARACEVIC, Tefko - *Op. cit.* p. 42.

<sup>59</sup> IDEM – *Ibidem.* p. 2.

<sup>60</sup> AMARAL, Luís Alfredo, *PRAXIS: Um Referencial para o Planeamento de Sistemas de Informação*. [Em linha]. BRAGA: Universidade do Minho, 1994. Tese de doutoramento, [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/49>>. p. 36

<sup>61</sup> AMARAL, Luís Alfredo – *Op. cit.* p. 7.

são duas áreas diferentes. O erro que frequentemente se observa é a prevalência dada à área computacional pois numa organização, o fluxo de informação não ocorre apenas no campo digital, logo o estudo da mesma não poderá apenas ser realizado por quem apenas tem conhecimentos nessa área. O que não se pode confundir, que a Ciência da Informação distingue claramente, são Sistemas de Informação com Sistemas Tecnológicos de Informação.

Segundo Choo afirma *a gestão da informação tem como objectivo otimizar os recursos de informação com o fim de alcançar os objectivos da organização neste sentido, a prática da gestão de informação traduz-se na criação de canais e meios para transmitir e aceder à informação, bem como acrescentar valor à mesma*<sup>62</sup>. Podemos observar que quando se discute gestão de informação a prevalência é dada ao fim a alcançar e não aos meios pelos quais esta é realizada nomeadamente, e voltando um pouco atrás, o recurso a meios tecnológicos. Do mesmo modo, Armando Malheiro da Silva define gestão da informação como: *lidar, administrar, encontrar soluções práticas desde a génese até ao efeito multiplicador do fluxo da informação e compreende um conjunto diversificado de actividades, a saber: produção, tratamento, registo e guarda, comunicação e uso da informação*<sup>63</sup>.

Das várias definições de Sistemas de Informação que foi possível recolher é possível observar que partilham vários elementos, como seria de esperar, visando, nomeadamente, actividades como o armazenamento, o processamento, e a difusão da informação, havendo depois várias definições, o elemento diferenciador das várias definições presentes é a primazia do uso da tecnologia, e se o uso desta é imperativa.

Seguindo a análise dos Sistemas de Informação, mas agora centrados na perspectiva organizacional devemos analisar os seus primórdios. Para dar lugar à análise dos sistemas de informação. A sua história começa com Ludwig

---

<sup>62</sup> CHOO, Chun Wei - *Information management for the intelligent organization: the art of scanning the environment*. Bulletin for the American Society for Information Science. Silver Springs. [Em linha] MD: American Society for Information Science [Consult.07/07/2017]. 3 ed. FEb/ Mar 1999. Disponível na internet: <choo.fis.toronto.edu/FIS/ResPub/.../ASISbulletinES.pdf>. p. 24.

<sup>63</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. p. 148-149.

von Bertalanffy, o qual em virtude dos problemas resultantes da crescente fragmentação e duplicação da pesquisa científica e tecnológica, durante a primeira metade do séc. XX, criou a *Allgemeine Systemlehre*, geralmente chamada Teoria Geral dos Sistemas<sup>64</sup>. Para tal começou por considerar os princípios de organização envolvidos a vários níveis e manifestados em sistemas naturais. A sua primeira comunicação data de 1925-1926, altura em que Alfred North Whitehead criava a *Philosophy of organism*. Na mesma altura, o biólogo Paul A. Weiss iniciou uma abordagem sistémica baseada na importância de encontrar uma integração conceptual que permitisse um mapa do conhecimento não só mais completo, mas mais coerente. Von Bertalanffy, Whitehead e Weiss compreenderam o potencial de desenvolver uma ciência da complexidade organizada. Sendo que Bertalanffy foi o mais bem-sucedido<sup>65</sup>.

Na década de 50, Kenneth Boulding entrou em contacto com o trabalho de von Bertalanffy quando este conduzia um seminário sobre a integração das ciências sociais na Universidade Michigan. Em 1954, em conjunto com o matemático Anatol Rapoport e o fisiologista Ralph Gerard, von Bertalanffy e Boulding juntaram-se no centro para estudos avançados em ciências comportamentais, em Palo Alto, onde compreenderam que, embora abordando o tema de diferentes perspectivas, as suas opiniões eram convergentes<sup>66</sup>.

Apesar de ter apresentado a Teoria Geral dos Sistemas num seminário de filosofia na Universidade de Chicago, em 1937, apenas, no período subsequente à 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, em 1968, surgiram as suas primeiras publicações sobre esta matéria, tratando o estudo transdisciplinar do fenómeno organizacional no abstracto, independentemente da sua substância, tipo, espaço, ou escala temporal de existência. Investigou tanto os princípios comuns a todas as entidades complexas, como os modelos (habitualmente

---

<sup>64</sup> LAZLO, Alexander; KRIPPNER – *Systems Theories : Their Origins, Foundations and Development. Systems theories and a priori aspects of perception*. Vol.3. Amsterdam: Elsevier Science, 1998. p. 4.

<sup>65</sup>IDEM – *Ibidem*. p. 5.

<sup>66</sup>IDEM – *Ibidem*. p. 6.

matemáticos) que podiam ser usados para os descrever<sup>67</sup>. O método proposto pela teoria dos sistemas é modelar entidades complexas criadas pela interacção de componentes por via da abstracção de certos detalhes da estrutura e componentes, e concentrando-se na dinâmica que define características funcionais, propriedades, e relações que são internas ou externas ao sistema<sup>68</sup>.

A Teoria Geral dos Sistemas desenvolveu princípios unificadores, que aproximaram os objectivos de unidade científica criando uma base, de grande importância em virtude dos objectivos do trabalho científico daquela época<sup>69</sup>. A Teoria dos Sistemas apresenta a vantagem de potenciar uma base de trabalho transdisciplinar, tanto crítica como normativa de exploração da relação entre as nossas percepções e concepções e os mundos que elas suportam e representam<sup>70</sup>.

Uma vez que sabemos as origens deste campo científico, devemos partir para a fase seguinte, procurar aprofundar e compreender melhor quais são os objectivos que procura alcançar, e compreender exactamente em que consistem os Sistemas de Informação. O método proposto pela Teoria dos Sistemas visa modelar entidades complexas criadas pelas múltiplas interacções dos seus componentes, abstraindo-se de certos detalhes da estrutura, e concentrando-se na dinâmica que define as funções características, propriedades e relações que são internas e externas ao sistema. Esta simplificação, a redução à dinâmica, é aplicável a todo o género de sistemas<sup>71</sup>.

Assim, recorrendo ao pensamento de von Bertalanffy, podemos observar a importância do todo na abordagem sistémica uma vez que pressupõe que, uma vez desarticulado ou dividido o todo, dá-se uma alteração significativa do sistema, dando lugar a uma desorganização ou reorganização, o sistema é constituído por um conjunto de elementos inter-relacionados e articulados

---

<sup>67</sup> HEYLIGHEN, Francis; Joslyn, Cliff - *What is Systems Theory?* [Em linha]. (1992) [Consult.11/07/2017] Disponível na internet: <<http://pespmc1.vub.ac.be/SYSTHEOR.html>>.

<sup>68</sup> LAZLO, Alexander ; Krippner – *Op. cit.*. p. 2.

<sup>69</sup> FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op.cit.*. p. 5.

<sup>70</sup> LAZLO, Alexander ; Krippner- *Op. cit.*. p. 4.

<sup>71</sup> LAZLO, Alexander ; Krippner - *Op. cit.*. p. 14.

entre si, organizados e direccionados para um propósito definido<sup>72</sup>. Também, para Bertalanffy, a forma como as partes se organizam e ordenam marcará toda a diferença para o entendimento completo do todo estruturado. De tal modo que, quando as partes se dividem e desarticulam, o sistema altera-se significativamente, havendo hipótese de desorganização ou reorganização<sup>73</sup>. Lawrence e Lorsh partilham a opinião com Bertalanffy ao considerar que o que se passa no interior da organização está intrinsecamente relacionado com o que se passa no seu exterior, na medida em que um subsistema numa visão mais ampla também pode ser considerado um sistema, abordando igualmente a matéria relativa às partes, afirmando que os sistemas ao crescerem as partes diferenciam-se do funcionamento destas, sendo que se têm de unir para que o sistema como um todo seja viável<sup>74</sup>.

Assim, no contexto sistémico, o todo não é apenas a soma das partes, mas o enquadramento destas, num todo organizado, sendo este, algo mais complexo do que a simples soma daquelas<sup>75</sup>. Como exemplifica Bertalanffy, a mesma situação gerará sempre análises diferentes, garantindo apenas uma parte da visão global da organização.

Os efeitos das partes no todo, e vice-versa, reflectem-se nas afirmações de Chiavenato, sobre o tema uma vez que todos os sistemas são caracterizados pelo globalismo ou totalidade, todo o estímulo em qualquer unidade irá afectar as demais unidades. Destes pressupostos derivam duas importantes consequências para o funcionamento de um sistema: entropia, a tendência para o desgaste, desintegração e o aumento da aleatoriedade ou imprevisibilidade; e a homeostasia: tendência para adaptar-se, a fim de alcançar um equilíbrio interno e dinâmico entre as partes, face às mudanças de ambiente<sup>76</sup>.

---

<sup>72</sup> FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op.cit.*. p. 5-6.

<sup>73</sup> FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op.cit.*. p. 18.

<sup>74</sup> *Apud* COSTA, R. S. ; FREITAS, H. ; ANDRIOTTI, F. K. «Uma reflexão sobre o uso da teoria sistémica para a compreensão do fluxo da informação nas organizações». Porto Alegre: Revista Eletrônica . [Em linha]. (2007) [Consult.11/07/2017] Disponível na internet:<[http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2007/2007\\_200\\_GIANTI.pdf](http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2007/2007_200_GIANTI.pdf)>. p. 3.

<sup>75</sup> FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op. cit.*, p. 6.

<sup>76</sup> *Apud* FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op. cit.*. p. 9.

Alexander Lazlo e Krippner sublinham precisamente que a abordagem sistémica visa permitir observar o mundo como vários sistemas interligados. No entanto, não excluem a possibilidade de haver especialização. Esta solução visa a cooperação e incorporação da perspectiva especializada no quadro da concepção geral<sup>77</sup>.

Sistema também poderá ser definido pela sua relação com a estrutura, como defende Piero Mella, segundo o qual, *para definir um sistema, é necessário entender a sua estrutura como um complexo unitário formado por uma pluralidade de elementos relacionados entre si, pelo que, toda e qualquer estrutura é sempre estruturada (o seu estado deriva dos elementos integrantes) e, simultaneamente, estruturante (o seu estado condiciona o dos seus elementos)*<sup>78</sup>. Como descreve Armando Malheiro da Silva, *não sendo uma estrutura, o sistema pressupõe, possui ou integra uma estrutura duradoura com um fluxo de dados no tempo*<sup>79</sup>.

Para Edgar Morin, as partes constitutivas de um sistema são unidades complexamente organizadas, portanto indissociáveis. A organização é o aspecto interno do sistema, configurado pelas inter-relações, articulações e estrutura. O sistema propriamente dito, aparece como o aspecto externo e caracteriza-se pela globalidade, forma e emergência. O papel do sujeito face ao sistema é descrito por Morin do seguinte modo: O sujeito intervém na definição do sistema nos e pelos seus interesses, selecções e finalidades, quer dizer que traz ao conceito de sistema, através da sua sobredeterminação subjectiva, a sobredeterminação cultural, social e antropológica<sup>80</sup>.

Numa análise hierárquica do mesmo sistema, Morin afirma que sistema é tudo aquilo que um observador considera como autónomo e emergente. Sendo que subsistema é tudo aquilo que é considerado como integrante e dependente. Sendo que, como afirma o próprio, as fronteiras entre ambos são

---

<sup>77</sup> LAZLO, Alexander; Krippner - *Op. cit.*. p. 2.

<sup>78</sup> *Apud* FERNÁNDEZ MARCIAL, Viviana ; GOMES, Liliana Isabel Esteves ; MARQUES, Maria Beatriz – *Op. cit.*. p. 4.

<sup>79</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. p. 161.

<sup>80</sup> MORIN, Edgar - *O método: a natureza da natureza*. Portugal: Publicações Europa-América, 1977. p. 135.

facilmente esbatidas, pois um sistema pode ser subsistema de outro, e vice-versa<sup>81</sup>.

Segundo a divisão tradicionalmente adoptada pela Ciência da Informação, existem quatro tipos de Sistemas de Informação/subsistemas nomeadamente: o Sistema de biblioteca, o Sistema de Arquivo, o Sistema de Museus e o Sistema de Centros de Documentação<sup>82</sup>. Considerando uma perspectiva pós-custodial, perspectiva que em rigor não existe, porque não se anula a dimensão custodial, estes tipos de entidades deverão ser considerados como um todo orgânico, constituído por vários subsistemas, que contribuem para a excelência do funcionamento dos Supersistemas, em que se inserem através do incremento substancial do seu valor económico, social e cultural, adoptando assim uma visão sistémica das organizações na qual é valorizada a relação entre os vários subsistemas de informação, assim como a capacidade para os gerir, de uma forma planeada e integrada, sujeita a uma avaliação permanente, valorizando-se uma visão do todo<sup>83</sup>.

A estrutura pode, então, ser definida como o modelo estabelecido das relações entre os componentes ou as partes de uma organização. No entanto, a estrutura de uma organização não é tão visível como a estrutura de um sistema biológico ou a de um sistema mecânico. É difícil vê-la, devendo-se antes inferi-la a partir das suas operações e do seu comportamento<sup>84</sup>. Como refere Armando Malheiro da Silva, *não sendo uma estrutura, o sistema pressupõe, possui ou integra uma estrutura duradoura com um fluxo de estados no tempo*<sup>85</sup>.

Gordon Davis, cuja definição de Sistemas de Informação foi dada logo na introdução, opta por dar primazia a uma visão mais prática ligada ao mundo empresarial. Para o autor, o propósito dos sistemas será garantir a gestão e funcionamento dos sistemas de informação nas organizações, visando ainda o

---

<sup>81</sup> MORIN, Edgar - *Op. cit.* p. 138.

<sup>82</sup> FERNÁNDEZ MARCIAL, Viviana ; GOMES, Liliana Isabel Esteves ; MARQUES, Maria Beatriz - «Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos». *Páginas a&b*. S.3, 4 (2015) p. 3.

<sup>83</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 9.

<sup>84</sup> BERTRAND, Yves ; GUILLEMET, Patrick – *Organizações : Uma Abordagem Sistémica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p. 85.

<sup>85</sup> SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. p. 161.

seu desenvolvimento, a sua implementação e a operação quotidiana. Caberá a estes sistemas capturar, armazenar, processar e comunicar dados e informação. O sistema combina tanto elementos técnicos, como humanos, assim como os utilizadores<sup>86</sup>, sendo que este autor identifica mesmo o conceito de sistemas de informação com informática tecnologia<sup>87</sup>.

Sistema pode ser descrito como *complex of interacting components together with the relationships among them that permit the identification of a boundary-maintaining entity or process*<sup>88</sup>.

Finalmente, Chiavenato considera ainda que os sistemas possuem ainda duas classificações, no que concerne à sua constituição, podendo ser físicos ou concretos, referindo-se a objectos reais, ou abstractos, caso em que abordam o plano das ideias, ou seja, quando não são mensuráveis fisicamente. No que concerne à natureza, poderão ser fechados, caso em que não se relacionam com o exterior, ou abertos, sendo que neste caso existe uma interacção com o exterior, em virtude de derivar ou não de um ato consciente do ser humano. Do ponto de vista metodológico, os sistemas podem ser classificados em sistemas abertos os quais compreendem à necessidade de uma constante adaptação ao ambiente externo, e sistemas fechados os quais vivendo apartados da interacção com o ambiente, têm um comportamento completamente programado<sup>89</sup>.

É fácil concluir que os sistemas de informação são uma ferramenta nuclear na análise de qualquer entidade, o progresso realizado na sua aplicação não aparenta ser revolucionário, as várias situações exigem tipos de análises ligeiramente diferentes, e embora se deva manter uma visão global do sistema, as ferramentas usadas devem ser adaptadas às várias situações. Seja por via da complementaridade de vários tipos de abordagens sistémicas, seja optando por aquelas que melhor se adequam.

---

<sup>86</sup> DAVIS, Gordon – *Op. cit.*. p. 62.

<sup>87</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 63.

<sup>88</sup> LAZLO, Alexander ; Krippner - *Op. cit.*. p. 2.

<sup>89</sup> *Apud* FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Op. cit.*. p. 9.

A complementaridade dos sistemas de informação com as tecnologias de informação é outro ponto a sublinhar. Sendo imperativo sublinhar que estes não se confundem.

No campo da arquivística, os sistemas de informação também exercem a sua influência, sendo que só com recurso a estes é possível ficar a conhecer os arquivos, na sua vertente orgânica e funcional, ou seja pelo seu todo.

## 2. Metodologia

No âmbito das ciências sociais, compreender os caminhos que se tomam no desenvolvimento do trabalho científico é um ponto de vital importância quando se procura garantir a própria cientificidade do trabalho. Assim, ao optarmos por uma metodologia, procurámos garantir o respeito pelo método científico.

Ao desenvolver um trabalho de investigação, é da maior pertinência uma organização metodológica adequada de modo a permitir que o trabalho científico seja assente num procedimento sólido. Os conceitos apresentados são explicados por Quivy e Campenhoudt do seguinte modo: o procedimento é uma forma de progredir em direcção a um objectivo, enquanto os métodos são formalizações particulares do procedimento<sup>90</sup>.

Deste modo, é necessário compreender as várias etapas desenvolvidas no decorrer do trabalho, partido da pergunta de partida até alcançar a conclusão.

Devemos considerar que esta dissertação fica sujeita a quatro critérios de qualidade, algo que é comum à generalidade das ciências sociais, sendo os critérios a considerar os seguintes:

Validade da construção: estabelecer medidas operacionais corretas para os conceitos que estão sob estudo.

Validade interna (apenas para estudos explanatórios ou causais, e não para estudos descritivos ou exploratórios): estabelecer uma relação causal.

Validade externa: estabelecer o domínio ao qual as descobertas de um estudo podem ser generalizadas.

---

<sup>90</sup> CAMPENHOUDT, Luc Van, QUIVY, Raymond- *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005. ISBN 972-662-275-1, p. 24-25.

Confiabilidade: demonstrar que as operações de um estudo - como os procedimentos de colecta de dados - podem ser repetidas, apresentando os mesmos resultados<sup>91</sup>.

O procedimento utilizado neste trabalho estará assente na proposta procedimental de Quivy e Campenhoudt, considerando ser vantajoso, numa fase preliminar, proceder a uma explicação do procedimento de investigação proposto pelos autores. Na obra *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, é proposta uma metodologia de investigação, a qual se desenvolve ao longo de sete etapas, as quais, segundo o modelo de P. Bourdieu, J. C. Chamboredon e J. C. Passeron se subdivide em três actos, conforme descrito adiante.

No que concerne às sete etapas, estas são identificadas do seguinte modo:

- 1- A pergunta de partida;
- 2- A exploração;
- 3- A problemática;
- 4- A construção do modelo de análise;
- 5- A observação;
- 6- A análise das informações;
- 7- As conclusões.

Por sua vez, no que se refere aos três actos, estes podem ser descritos do seguinte modo:

1. A “Ruptura”, que compreende as três primeiras etapas. Esta primeira fase permite dotar o investigador do conhecimento teórico necessário, enquanto simultaneamente, combate ideias falsas, preconcebidas que possam existir.
2. O segundo acto, denominado de “Construção”, compreende a terceira e a quarta etapa. Nesta fase, a tónica está na apresentação de um modelo lógico, organizado, susceptível de transmitir de um modo coerente as

---

<sup>91</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 56.

ideias, estabelecendo um plano de investigação que permita uma análise cuidada, para que o investigador no decurso do seu estudo possa prever quais os resultados que pode esperar no termo da observação.

3. A Verificação, composto pelas três últimas etapas, constitui o último acto, visando essencialmente a verificação dos factos ou a sua experimentação.

É de igual modo relevante, se não da maior importância, explicar a natureza deste estudo. Sendo que ele será de natureza qualitativa, como afirmam Bogdan e Biklen<sup>92</sup>, estes estudos têm como principais características:

- O ambiente natural como fonte directa de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- O significado que as pessoas dão às coisas e às suas acções como preocupação do investigador;
- O enfoque indutivo.

Concluída a análise do processo de uma perspectiva conceptual, podemos partir para a subsunção do mesmo ao trabalho que iremos desenvolver.

O primeiro ponto a considerar é a pergunta de partida. O trabalho visa analisar o sistema de informação da canhoneira pátria, sendo que a pergunta se reporta à eficiência deste sistema, podendo ser formulada do seguinte modo: **De que modo se estruturava e organizava o sistema de informação da canhoneira Pátria?**

Partindo desta pergunta inicial, analisaremos o contexto no qual a Canhoneira Pátria se integrava enquanto a produtora de informação, a estrutura orgânico-funcional, as atribuições e as competências dos distintos órgãos e unidades orgânico-funcionais, as funções e actividades, assim como as unidades de informação que seriam produzidas. Depois, quando possível, os motivos que conduziram a eventuais ineficiências.

---

<sup>92</sup> *IDEM – Ibidem.* p. 26-28.

Para tal recorrer-se-á às fontes de informação manuscritas e jurídico-normativas de modo a compreender rede comunicacional a bordo do navio. Esta fase assentará em dois momentos: na pesquisa documental e na sequente análise da mesma.

A segunda etapa, no que concerne à exploração, e mais concretamente às leituras que pretendemos realizar, estas deverão acompanhar a narrativa, sendo multidisciplinares, quando não intercientíficas, designadamente no âmbito da história, da ciência da Informação e, possivelmente, da administração naval.

Para encontrar as leituras mais adequadas, efectuámos pesquisas em bibliotecas e arquivos relacionados com a área náutica, seja o Arquivo de Marinha, seja a Biblioteca de Marinha, e na área da Ciência de Informação efectuámos esforços para encontrarmos a informação pretendida na bibliografia recomendada no decorrer do curso, assim como nos recursos electrónicos disponibilizados pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e, sempre que necessário, com a natural orientação do Professor Carlos Guardado da Silva, para nos indicar a melhor alternativa.

Destaque-se, ainda no âmbito da pesquisa documental, a informação produzida e acumulada pela canhoneira Pátria.

Passando à etapa subsequente, a problemática, na qual devemos considerar as grandes problemáticas decorrentes da pergunta de partida, e que constatámos, quando das leituras efectuadas, e destas escolher uma. Das diferentes orientações teóricas recolhidas, coube então optar por uma, fundamentada, comparada e justificando basear a nossa opção, partindo num segundo momento para a construção do nosso próprio modelo teórico.

Nesta fase, procurámos considerar as problemáticas em confronto, para numa segunda fase, optarmos pelas que considerámos relevantes para a investigação, estabelecendo uma orientação teórica, tomando como ponto de partida a pergunta inicial.

A problemática a tratar será o Sistema de Informação, as suas componentes e o seu modo de funcionamento, considerando o tratamento arquivístico da informação acumulada ao longo dos tempos, e a influência que este pode ter tido na análise possível do primeiro ponto.

Entrando na quarta etapa, impôs-se a necessidade de dar início à construção do modelo de análise. Aqui procurou-se alargar a perspectiva de análise, travar conhecimento com o pensamento de autores cujas investigações e reflexões poderiam inspirar as do investigador, revelando facetas do problema, nas quais não teríamos pensado antes, optando, por fim, por uma problemática apropriada. Visando organizar a investigação em torno de várias hipóteses, sendo de igual relevância a construção de conceitos. Este ponto é uma base dos anteriores, pois não existe observação ou experimentação que não seja assente em hipóteses. Assim, com base em várias hipóteses formuladas, as quais são uma resposta parcial à pergunta de partida, conjugando as hipóteses com os conceitos criados, procurámos elaborar o modelo de análise.

A hipótese colocada deverá ser testável, tentando assim fundamentá-la tanto quanto possível. A análise da hipótese deve procurar ser tão genérica quanto possível, procurando com base no estudo de um caso particular, relacionado com a base teórica de algumas áreas científicas, expandir os conhecimentos dessas mesmas áreas.

Sendo que a construção será baseada num modelo hipotético-indutivo, a construção partirá da observação. Sendo o indicador de natureza empírica, a partir deste constroem-se novos conceitos, novas hipóteses, submetendo o modelo ao teste dos factos. O modelo hipotético-dedutivo terá igualmente de entrar em equação, sendo que a construção final do modelo terá de comportar elementos de ambos.

Dando continuidade ao trabalho, considerámos as correlações entre as estipulações legais que previam o funcionamento do sistema de informação a bordo do navio, e as eventuais discrepâncias com a realidade, isto é, com a informação acumulada, testemunho da estrutura e funcionamento do sistema

de informação. Tendo então de considerar eventuais ineficiências do sistema de informação, bem como as causas destas.

Considerando agora a quinta etapa, a observação, esta foi constituída pelo conjunto das operações através das quais o modelo de análise foi submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis, sendo reunidos dados para posterior análise. Foi também necessário circunscrever o campo de análise e o período a estudar, isto é, o do contexto de aquisição da Canhoneira Pátria, e o do seu funcionamento, entre 1903 e 1931.

Colocou-se então a questão de como proceder à análise, considerando-se os tipos de observação que existem, começando pela directa, aquela em que o investigador recolhe directamente os dados sem a intervenção de outros agentes, por sua vez na observação indirecta será requerido o apoio de alguém na recolha da informação.

No presente estudo, socorremo-nos da análise da pesquisa bibliográfica e da análise de dados documentais, uma metodologia abrangida no campo da observação directa. Socorrendo-me desta metodologia, analisando o fundo da canhoneira pátria. Análise da informação acumulada, a qual incidiu sobre os documentos relativos à canhoneira Pátria, correspondendo a uma observação de artefactos escritos. A análise de dados tende a ter uma função de complementaridade, sendo usada em paralelo com uma ou duas técnicas. No entanto, tendo em consideração a natureza deste trabalho, o qual tem por objecto de estudo uma canhoneira, a qual se encontra inactiva há cerca de 100 anos, o uso de meios complementares como entrevistas, inquéritos, etc, dificilmente traria valor acrescentado para a nossa investigação. A obtenção dos documentos, relativos a reuniões, atas, inclusivamente relatos em jornais, ou menções de outras entidades relativamente aos factos acontecidos, são elementos importantes para complementar a investigação, e como elementos probatórios, das afirmações efectuadas.

Alcançamos então a fase da análise das informações, na qual o objectivo é averiguar se as informações recolhidas correspondem de facto às hipóteses esperadas à partida, sendo necessário ter em consideração as várias variáveis,

nomeadamente para analisar a eficiência da circulação da informação no navio, ou o respeito pelo previsto na legislação. Deste modo, procurámos confrontar a informação produzida pelos distintos órgãos e unidades orgânicas da Canhoneira Pátria, acumulada no Arquivo de Marinha, confrontando-a com as unidades de informação referidas pelos instrumentos jurídico-normativos, de modo a percebermos eventuais perdas de informação.

Finalmente, procedemos à comparação entre os resultados observados e os resultados esperados.

A última parte, a conclusão, permitirá ao leitor do trabalho compreender sumariamente o interesse do presente estudo trabalho, onde procurámos apresentar uma verdadeira síntese do mesmo.

Como um ponto de análise mais específico da metodologia desenvolvida, devemos abordar o estudo de caso, considerando que, numa perspectiva mais específica, é a metodologia usada. Schramm descreve o estudo de caso como visando esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados<sup>93</sup>.

Cabe-nos agora aprofundar um pouco a metodologia do estudo de caso, para melhor compreendermos o modo como definimos a metodologia para o desenvolvimento da dissertação, a qual se destaca por permitir, de forma incomparável, compreender o funcionamento dos fenómenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, permitindo manter as características originais dos mesmos, tornando-se assim muito útil para o nosso estudo, pois este visa fazer transmitir ao leitor o funcionamento do sistema orgânico funcional<sup>94</sup>.

Como explica Robert Yin, a estratégia de estudo de caso deve ser aplicada nos casos em que a pergunta pode ser representada por “como” ou “por que”, sendo que nesta tese, procuramos analisar como se estruturava e organizava a canhoneira Pátria, sendo assim um método a ser aplicado neste caso. No entanto, é de sublinhar que o estudo de caso poderá e deverá ser usado em paralelo como outras metodologias, como já sublinhamos anteriormente, algo

---

<sup>93</sup> YIN, Robert K - *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2001. ISBN 75-7307-852-9, p. 27.

<sup>94</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 19-21.

que reforça o seu valor probatório<sup>95</sup>. Encontramo-nos num caso em que a pesquisa histórica por via da análise de documentos, primários e secundários, é realizada com o auxílio do estudo de caso, cuja metodologia permitiu uma melhor organização dos dados acumulados<sup>96</sup>.

A análise realizada *desenvolve-se* seguindo uma sequência temporal, acompanhando o fundo da canhoneira Pátria, no decorrer da sua história e procurando, assim, encontrar a relação causa efeito para as incidências que se procura justificar no decorrer da tese<sup>97</sup>. Assim a estrutura escolhida será a cronológica, sendo que o estudo de caso segue uma sequência cronológica.

Ao elaborar um estudo de caso, foi imperioso estabelecer um projecto de pesquisa, o qual sendo composto por cinco componentes, providenciou as bases para o seu desenvolvimento. O primeiro componente, o qual já foi anteriormente tratado de um ponto já anteriormente abordado, a questão de partida, o qual ganha aqui uma importância suplementar pois esta metodologia só será apropriada para questões de partida do tipo “como” e “por que”, assim ao lembrarmos a questão de partida foi-nos possível observar o seu enquadramento nesta metodologia: **“De que modo se estruturava e organizava o sistema de informação da canhoneira Pátria?”**, o que nos permitiu determinar com clareza a matéria em estudo. De seguida coube-nos considerar as várias teses apresentadas à partida e quais os critérios que nos levariam a considerar este esforço bem-sucedido, procurando em primeiro lugar desenvolver uma explicação completa de fácil compreensão e facilmente comprovável do sistema de informação da canhoneira Pátria e, simultaneamente, sempre que necessário justificar as lacunas, e a sua causa, quando tal não for possível, as pistas dadas poderão garantir a futuros investigadores prosseguir a investigação. O terceiro elemento é a determinação da unidade de análise, um ponto fulcral na qual se define o indivíduo ou organismo sob estudo, algo que neste estudo não apresenta dúvidas ao leitor, sendo que facilmente se depreende que o tema de estudo é a canhoneira Pátria. O quarto e quinto elementos surgem

---

<sup>95</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 23.

<sup>96</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 31.

<sup>97</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 31.

relacionados, uma vez que nesta fase procurou-se que a lógica que une os dados com as proposições estivessem ligadas com os critérios para a interpretação das descobertas, sendo que o propósito foi desenvolver a conclusão apresentada no final<sup>98</sup>.

É de sublinhar que, neste estudo de caso, como é conveniente, realizou-se um esforço para se criar um banco de dados, que servirá de base probatória da tese e que servirá para outros investigadores que tenham interesse em desenvolver o trabalho realizado<sup>99</sup>.

Ponto por ponto, foram considerados os objectivos a alcançar em cada fase do trabalho, sendo que no que concerne à recolha de dados, iremos socorrer-nos da análise de dados. Com este propósito analisaremos o fundo da canhoneira pátria e demais informação relacionada, nomeadamente a legislação que influenciou a sua actividade, assim como outros registos contemporâneos à canhoneira que aparentem ser relevantes para este trabalho, nomeadamente trabalhos jornalísticos, autobiografias e registos de outras entidades oficiais, que se relacionem com o desempenho da canhoneira Pátria.

---

<sup>98</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 42-49.

<sup>99</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 124.

### 3. Canhoneira Pátria

#### 3.1 Uma breve história

Para compreender a importância do navio, é necessário saber os factos que lhe deram origem, o momento histórico que se vivia, bem como a relevância que se pretendia obter do desenvolvimento da força naval existente.

Assim, a história da Canhoneira Pátria inicia-se com os acontecimentos que levaram à sua aquisição, os quais começam várias décadas antes. Portugal após a declaração de independência do Brasil em 1822 progressivamente virou-se para África como alternativa tendo por base um projecto apresentado por Sá da Bandeira em 1830, o qual só se torna viável a partir de 1851 em virtude do impulso dado pelo Conselho Ultramarino e do próprio Sá da Bandeira. Desenvolveu-se assim um plano que visou unir Angola e Moçambique territórios nos quais além das tradicionais explorações agrícolas se esperava encontrar as minas do rei Salomão. No entanto nesta fase inicial não houve capacidade económica nem vontade política para levar o projecto a bom porto. Entre 1870 e 1890 a dinâmica em Africa, aumentando o interesse das grandes nações europeias pelo continente. A Grã-Bretanha tendo por base um plano arquitectado por Cecil Rhodes, ambicionava ligar o Cairo à cidade do Cabo entrando assim em conflito com o plano português. A França, Alemanha, Bélgica e a Espanha também tinham interesses nos territórios africanos, para dirimir estes interesses divergentes foi organizada a Conferência de Berlim (1884-1885) na qual se estabeleceu os princípios segundo os quais todas as nações colonizadoras se deveriam reger nomeadamente: todas as nações que tomassem posse de um território costeiro ou estabelecessem um protectorado deveriam informar as restantes nações, o ocupante deveria provar que dispunha de “autoridade” suficiente para fazer respeitar os direitos vigentes,

sendo que nas regiões interiores também se fazia valer o princípio da ocupação efectiva. Portugal para ver reconhecido o ser direito de ligar Angola a Moçambique concedeu algumas zonas costeiras à França e à Alemanha as quais em contrapartida reconheceram as reivindicações portuguesas, o dito mapa cor-de-rosa. Subsequentemente a 11 de Janeiro de 1890 dá-se o Ultimato forçando as tropas portuguesas a abandonar a zona do Chire (actual Malawi) a terra dos Macolonos e Machonas. O Governo português cedeu, embora o tenha feito sob protesto <sup>100</sup>.

O ultimato aumentou o nível de insatisfação dos portugueses para com Inglaterra os quais eram tidos como responsáveis pela independência do Brasil, eram vistos como culpados pela destruição da indústria portuguesa após o tratado de Methuen, assim como pela morte de Gomes Freire de Andrade. Analisando estes vários casos, podemos melhor compreender o sentimento tido na época, e que foi crescendo ao longo do tempo.

Começando por analisar o tratado de Methuen assinado a 27 de Dezembro de 1703. Este surge integrado no contexto da guerra da sucessão espanhola, criando um tratado comercial entre dois membros da aliança que apoiavam Carlos III como pretendente à coroa espanhola. O acordo visaria garantir um regime mais favorável no comércio de panos vindos de Inglaterra simultaneamente garantindo a Portugal vantagens no que concerne às exportações de vinho para Inglaterra. Como estipula o tratado:

*Sua Majestade ElRey de Portugal promete tanto em Seu proprio Nome, como no de Seus Sucessores, de admitir para sempre daqui em diante no Reyno de Portugal os Panos de lã, e mais fábricas de lanificio de Inglaterra, como era costume até o tempo que forão prohibidos pelas Leys, não obstante qualquer condição em contrário.*

*He estipulado que Sua Sagrada e Real Magestade Britanica, em seu proprio Nome e no de Seus Sucessores será obrigada para sempre daqui em diante, de admitir na Grã Bretanha os Vinhos do produto de Portugal, de sorte que em tempo algum (haja Paz ou Guerra entre os Reynos de Inglaterra e de França),*

---

<sup>100</sup> LUCAS, Maria Manuela, *Organização do Império*, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, vol. V. ISBN 972-42-0752-8, p. 301-311.

*não se poderá exigir de Direitos de Alfândega nestes Vinhos, ou debaixo de qualquer outro título, directa ou indirectamente, ou sejam transportados para Inglaterra em Pipas, Toneis ou qualquer outra vasilha que seja mais o que se costuma pedir para igual quantidade, ou de medida de Vinho de França, diminuindo ou abatendo uma terça parte do Direito do costume. Porem, se em qualquer tempo esta dedução, ou abatimento de direitos, que será feito, como acima he declarado, for por algum modo infringido e prejudicado, Sua Sagrada Magestade Portugueza poderá, justa e legitimamente, proibir os Panos de lã e todas as demais fabricas de lanifícios de Inglaterra<sup>101</sup>.*

No que toca ao Brasil, a abertura dos portos ao comércio livre, dando vantagens a nível de tarifas superiores a Inglaterra do que a Portugal conduziu ao progressivo afastamento entre a antiga colónia e a metrópole.

Finalmente o descontentamento pela morte de Gomes Freire de Andrade, surge no período que se segue às invasões napoleónicas. Nesta fase o problema derivou da influência estrangeira excessiva que se fazia sentir em Portugal, D.João VI, permanecia no Brasil na sequência da fuga realizada a quando das invasões francesas existindo na metrópole um conselho de regência no qual o chefe militar britânico William Carr Beresford participava, para piorar a situação este procurava um papel de maior relevo político-social na sociedade portuguesa, e além disso promovia os oficiais britânicos em detrimento dos portugueses, levando ao crescente sentimento antibritânico e nacionalista. Criaram-se várias sociedades secretas das quais se releva o Supremo Concelho Regenerador de Portugal, Brasil e Algarves, criado em Lisboa em 1917, encabeçada pelo general Gomes Freire de Andrade a qual visava afastar os estrangeiros do controle militar, no entanto a conspiração foi descoberta e o general juntamente com 11 conspiradores foram executados, causando uma onda de choque pelo país em virtude da sua qualidade de

---

<sup>101</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. 2ª ed. Lisboa : Editorial Verbo, 1982. V vol., p. 229.

militares, sendo vistos como mártires da liberdade do país criando um descontentamento geral por parte da população<sup>102</sup>.

Na noite de 11 de Janeiro de 1890, um milhar de pessoas saiu às ruas de Lisboa e apedrejou as janelas do ministro dos negócios estrangeiros, tendo levado à demissão do Governo<sup>103</sup>. Na altura Bordalo Pinheiro caracterizou a situação nas quais John Bull representava Inglaterra.

---

<sup>102</sup> Araújo, Ana Cristina, *As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais* in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. Lisboa : Círculo de Leitores, 1993. vol. V, p. 50-54.

<sup>103</sup> RAMOS, Rui, *A Segunda Fundação*, in José Mattoso (dir), *História de Portugal*: Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, vol. VI. ISBN 972-42-0971-7, p. 38-39.

Novos mandamentos do brio nacional, a fim de não alterar as boas relações diplomaticas com a nossa fiel alliada, a Inglaterra.



1.º mandamento—Aceitar sem protesto.



2.º mandamento—Agradecer humildemente tanta bondade.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Resultados praticos:—Portugal fica sendo para todo o sempre, uma loja de engraxadores humildes da Grã-Bretanha... E cara alegre por que o estrangeiro é forte!

Fig.1 - Raphal Bordallo Pinheiro - Ilustração<sup>104</sup>

<sup>104</sup> BORDALLO, Raphael – *Jornal pontos nos ii*. N.º 267. Hemeroteca da câmara municipal de Lisboa. [Em

Gerou-se assim um movimento patriótico, que teve manifestação em alguns dos mais populares autores da época, os quais ainda hoje são das mais importantes referencias culturais nacionais. Podemos para tal nomear Antero de Quental, o qual promovia um sentimento reformista do Estado, e não antibritânico.

*Há no grande movimento nacional, que começou no dia 11 de janeiro, um elemento afirmativo, que é a intensa paixão patriótica do povo português, e um elemento negativo, o descuido das nossas instituições politicas, das praticas de governo e dos homens governantes. Se o primeiro é uma inequivoca manifestação da vitalidade nacional, manifestação bem consoladora para todos os que já começavam a descrever da alma collectiva d'este povo, o segundo é o symptoma d'um estado morbido do organismo social, symptoma tão grave que bem se póde dizer que sobreleva em importancia a todos os outros, aos olhos dos verdadeiros pensadores. Enquanto subsistir este lamentavel divorcio entre o sentimento nacional e o Estado, que por natureza deveria ser o seu órgão, faltará sempre á nação portugueza a primeira condição para o seu perfeito estabelecimento, a qual é o accordo intimo entre o povo e os seus governantes. Sem este accordo, o movimento nacional tomará cada vez mais um character incoherente e desordenado, e descambará finalmente n'uma verdadeira anarchia. Épois necessario que esse funesto divorcio, preparado por trinta annos de materialismo politico, cesse e se restabeleça a intima e indispensavel unidade moral da nação. Mas como? Pela revolução? Seria essa a maior das calamidades. Como então? Pela constituição dos órgãos genuinos do sentimento nacional, semelhantes á Liga Patriotica do Norte, que definindo a pura opinião patriotica e reformadora da nação, a imponham aos governos, quaesquer que elles sejam, e obriguem a Estado a converter-se á sua verdadeira missão de representante e interprete do sentimento nacional. Moralizar e nacionalizar o Estado, tal deve ser depois de passado o primeiro impeto da paixão, o fim consciente do movimento popular iniciado no dia 11 de janeiro. Quando a nação portugueza tiver governos que verdadeiramente a representem e nos quaes confie, quando o Estado voltar a ser um órgão util e não uma excrescencia parasita e nociva do corpo social, só então poderemos dizer que está dado o primeiro passono caminho da restauração das forças vitaes da sociedade portugueza.*

*Fevereiro, 1890.*

A análise de Eça de Queirós era em tudo semelhante:

*Não estou certo do que deva pensar desse renascimento do Patriotismo, esses gritos, esses crepes sobre a face de Camões, esses apelos às Academias do mundo, esses renunciamentos heróicos das casimiras e do ferro forjado, essas jóias oferecidas à pátria pelas senhoras, essas pateadas aos Burnays e Mózers, esse ressurgir de uma ideia colectiva, toda essa barafunda sentimental e verborosa, em que o estudante de liceu e o negociante de retalho me parecem de repente tomar o comando do velho Galeão Português<sup>105</sup>.*

Este movimento patriótico teve reflexos que sobreviveram até hoje, nomeadamente a marcha “A Portuguesa”, escrita por Alfredo Keil e Henrique Lopes Mendonça, que veio a ser adotada como hino nacional pela república. Da instabilidade política que se gerou, o risco de revolução, e outros efeitos, para este trabalho ganha relevância a subscrição nacional para a aquisição de navios de guerra<sup>106</sup>.

O Ultimato Inglês conduziu a uma alteração no plano de renovação da Armada, passando a dar-se prioridade aos navios para a defesa do continente. Nesta fase surgiu a subscrição nacional, construindo-se mais lanchas-canhoneiras, para actuar nos rios do Ultramar<sup>107</sup>.

Tendo efectuado breves referências ao contexto, que antecede a aquisição da Lancha, vamos agora compreender a sua importância estratégica.

---

<sup>105</sup> QUEIRÓS, Eça de – *Correspondência*. MATOS, A. Campos (organização e notas), Vol. II. Lisboa: Caminho, 2008. ISBN 978-972-21-1995-5, p. 33-35.

<sup>106</sup> RAMOS, Rui - *História de Portugal*. 7ª ed. Lisboa: A esfera dos livros, 2009. ISBN 978-989-366-9, p. 552.

<sup>107</sup> PEREIRA, José António Rodrigues - *Marinha Portuguesa : Nove Séculos de História*. [Lisboa] : Comissão Cultural da Marinha, 2010. p. 384.

Em primeiro lugar, citando Bernardino Machado, que se destacou por defender o armamento da nação neste período: A força militar das nações proporciona-se ao seu grau de civilização material e moral, ao seu civismo e riqueza; e tais elementos não se improvisam<sup>108</sup>.

O Governo português sentiu que o aumento do poder naval português era um imperativo, uma vez que a precaridade da nossa marinha suscitava o interesse estrangeiro pelas nossas colónias, havendo uma enorme disparidade entre o poderio naval português e o de outras potências europeias<sup>109</sup>.

Levanta-se deste modo uma nova questão, o que é o poder naval, e como é possível alcançá-lo. De forma sucinta, vamos procurar compreender este conceito recorrendo a algumas definições.

Por poder naval devemos compreender a capacidade de projectar nas águas estrategicamente relevantes a força necessária para o alcance dos objectivos estratégicos indispensáveis à consolidação do objectivo central estabelecido pelo poder político. Sendo assim, o poder naval era, como hoje o é, um meio e nunca um fim. Expressa-se na capacidade de garantir o domínio do mar e na consequente liberdade de atacar onde, quando e em que força se desejar.

Alfred Thayer Mahan, na sua obra *The Influence of Sea Power Upon History : 1660-1783*, descreve com minúcia a importância do poder naval e as condições para o manter, nomeadamente: posição geográfica, configuração geográfica, extensão geográfica, efetivos populacionais, carácter nacional e políticas nacionais<sup>110</sup>.

Podemos igualmente analisar as funções da marinha de guerra apresentadas mais recentemente por George Modelski e William Thompson, na obra *Sea Power in Global Politics : 1494-1993*. Estes autores apresentam 4 funções: A marinha de guerra de uma potência dominante destrói as suas oponentes, exercendo o seu domínio; defende as suas bases navais de ataques e invasões

---

<sup>108</sup> MACHADO, Bernardino - *Da monarquia para a republica :1883-1905*. Coimbra: Typographia F. França Amado, 1905. [Em linha]. [Consultado a 07-06-2017]. Disponível na internet: <<https://digitalis.uc.pt/?q=node/77870>>. p. 81.

<sup>109</sup> OLIVEIRA, Maurício - *Os Navios do Ultimato*. Lisboa: Editora Maritimo-colonial, 1946. p. 29-30.

<sup>110</sup> MAHAN, Alfred Thayer - *The Influence of Sea Power upon History : 1660–1783*. [S.l.]: BOSTON LITTLE, BROWN AND COMPANY, 1890. p. 29-82.

e ataca as dos oponentes; mantem o controlo das linhas de comércio, procura e intercepta as dos inimigos; tem um papel central na defesa conjunto das potências amigas, cimentando coligações<sup>111</sup>.

Assim, devido à importância dada a este projeto, e ao espírito de patriotismo que à data imbuía os portugueses, foi constituída a Grande Comissão Nacional que, por meio de festas e subscrições públicas, angariou avultadas quantias que foram aplicadas na construção do cruzador "Adamastor" e da canhoneira "Pátria". Subscrição nacional efetuada pelos portugueses residentes no Brasil, que recolheu 470 345 694 réis. A Canhoneira Pátria custou 230 417 736 reis fortes.

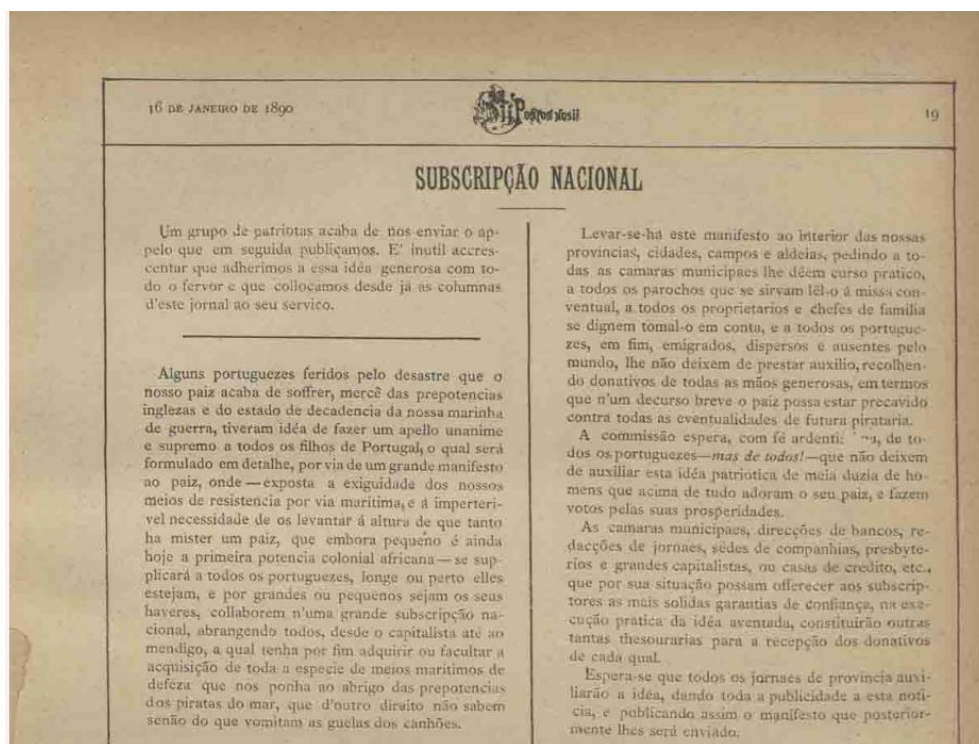


Fig.2 - Artigo de jornal de 1890 referente à subscrição nacional<sup>112</sup>

<sup>111</sup> THOMPSON, William ; MODELSKI, George - *Seapower in Global Politics : 1494-1993*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 1987. p. 11-12.

<sup>112</sup> Nesta imagem podemos observar uma das primeiras referências à subsbscrição nacional que se viria a realizar, sendo que como podemos observar surge mencionada no jornal "pontos nos ii" apenas cinco dias após o ultimato.

NACIONAL, Subscrição – *Jornal pontos nos ii*. N.º 238. Hemeroteca da câmara municipal de Lisboa. [em linha]. (1890). [Consult. a 13/06/2017]. Disponível na internet: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N238/N238\\_item1/P3.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N238/N238_item1/P3.html)>. p. 10.



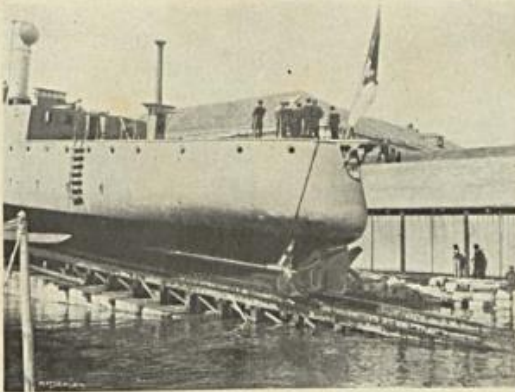
Fig.3 - Recibo de venda de ticket da Subscrição Nacional de 1890<sup>113</sup>

Finalmente, realizando uma breve análise da vida operacional, da canhoneira, podemos observar que operou entre 1903 e 1931. Foi um navio de aço construído no Arsenal da Marinha sob a direção do engenheiro Francês Croneau. Durante o seu período operacional, começou por estar estacionada em Angola, na Divisão Naval do Atlântico Sul, percorreu várias possessões portuguesas na região. Em 1905, visitou o Brasil onde foi recebida com festejos pelos portugueses aí residentes.

<sup>113</sup>Recibo de venda de *ticket* da Subscrição Nacional de 1890, levado a leilão no Clube Filatélico de Portugal [em linha]. (1890). [Consult. a 13/06/2017]. Disponível na internet: <[http://leiloes.cfportugal.pt/20LeilaoCFP/0601%20a%200635%20Correio%20Militar,%20Censuras%20e%20Isentos%20de%20Franquia/slides/20Lis\\_601.html](http://leiloes.cfportugal.pt/20LeilaoCFP/0601%20a%200635%20Correio%20Militar,%20Censuras%20e%20Isentos%20de%20Franquia/slides/20Lis_601.html)>.

## Canhoneira "Patria,"

*Patria*, é nome que bem cabia a um maior navio, mas que assenta bem á canhoneira que não ha muitos dias escorregou no estaleiro do arsenal de marinha de Lisboa, porque esse nome corresponde a uma grande idéa, corresponde ao levantado sentimento de muitos milhares



*Canhoneira «Patria» sem escoras, já pronta a lançar-se no Tejo*

de portugueses, que, longe da terra que lhes foi berço, não a esqueceram nunca.

Bem posto foi, pois, aquelle nome ao navio que é uma recordação, uma saudade, que é expressão enfim de grande amor pela patria portugueza.

Como esse amor se afervora e cresce longe de Portugal, sabem-o por experiencia todos os que, a bordo de um navio, tem transposto os mares. De como esse amor se ariscou nos portuguezes residentes no Brasil, dão testemunho factos de todos os dias, dão testemunho aquelles que uma vez tiveram occasião de visitar algum dos encantadores portos da America do Sul. Ainda hoje, — e já vão passados largos annos, — temos viva a impressão com que foi recebida no Rio de Janeiro uma divisão naval portugueza.

Mendes Leal, esse ministro patriota como poucos, e que como poucos mais diligenciou levantar a nossa marinha de guerra, determinou, antes de deixar o ministerio, que uma divisão composta das corvetas *Bartholomeu Dias*, *Estephania* e *D. João*, visitasse o Rio de Janeiro. A divisão sahio de Lisboa no principio do anno de 1894, e nos primeiros dias de março dava furo nas aguas do Guanabára.

Logo á chegada foi a divisão recebida com demonstrações de enthusiasmo. Era verdadeira a alegria dos portuguezes; os seus corações abriam-se para nós como para irmãos queridos. Quando estavam a bordo era viva a satisfação que sentiam; pizavam o solo da patria, diziam, estavam sob a égide da bandeira das quas.

Havia dias em que os navios eram franqueados aos visitantes. N'esses dias, em volta das corvetas, enchameavam botas e vapores conduzindo numerosas pessoas.

Não era a curiosidade que as movia, era o desejo de estar a bordo de um navio portuguez.

Uma vez, entrou a bordo da corveta *Bartholomeu Dias* um homem um pouco curvado, de andar incerto, amparado por outro ainda novo. Correu o navio de prôa á pópa, como para lhe medir o comprimento, subiu ao castello de prôa, subiu ao tombadillo; ali, perguntou para que lado estava a bandeira, e, fixando os olhos embacucados, sem luz, na direcção que lhe foi indicada, descobriu-se respectosamente; depois quiz dar fé dos canhões que guardavam as amuradas da corveta, das obrabimas, de todo o armamento, e tudo ia apreciando pelo tacto. Por ultimo, tendo examinado quanto estava ao seu alcance, pediu com muito empenho que lhe trouxessem a bandeira portugueza. Fez-se-lhe a vontade. Com não tremula foi seguindo os desenhos da corôa e das armas, e quando os dedos tocaram as quas, rolaram pelas faces do pobre cego duas lagrimas. Não disse; agradeceu e dirigiu se para o portolá, deixando todos que assistiram a esta scena tão commovidos como elle ia.

Que eloquencia n'aquellas lagrimas! Que saudades e que amor pela patria ellas nos revelaram!

Não se terá repetido caso igual, mas quantos semelhantes, quantos factos a attestarem todos os dias o patriotismo dos portuguezes que vivem nas terras de Santa Cruz! A nova canhoneira é mais uma prova; por isso, repetimos que bem lhe cabe o nome que tom.

Foi no dia 27 do corrente, n'uma formosissima tarde de verão, que Sua Magestade a Rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia disse, logo que as regatas deixaram de prender á terra o navio: Em nome d'El-Rei vai! — Vai com Deus!

E a canhoneira foi deslizando pela carreira, adquirindo velocidade a pouco e pouco, até fluctuar livremente nas aguas mansas do Tejo, desfaldando então na pópa, pela primeira vez, a gloriosa bandeira azul e branca. Desde esse momento a pequena esquadra portugueza, graças á generosidade de nossos irmãos de além-mar, conta mais um navio.

A canhoneira *Patria*, construida segundo os planos e sob a direcção do sr. Crouzeau, tem 60 metros de comprimento, por 8 metros e 40 centímetros de boea, 2 metros e 56 centímetros de calado d'agua, e desloca 636 toneladas; as machinas devem desenvolver 1800 cavallos dando a velocidade de 15 milhas por hora; o armamento consta de 4 canhões de 10 centímetros, dispostos 2 em cada, cuos reductos, a ante, o 2, no convex á ré, mais 6 canhões de 47 <sup>m</sup>/<sub>2</sub>, e um de 37 <sup>m</sup>/<sub>2</sub>, na gaves militar. Tem um unico mastro de aço, e duas chaudières, tem quatro embarcações unidas, sendo duas balieiras, um escalor de 7 metros e 50 centímetros a remos, e um escalor igual movido por vapor.

Os trabalhos da construcção começaram em 28 de outubro de 1901; e o primeiro rebite foi cravado em abril de 1902. A canhoneira *Patria* quando foi lançada ao mar já levava as caldeiras e as machinas a bordo. É provavel que, se não houver demora na entrega da artilharia, esteja prompta a navegar antes de um anno.

O seu destino é fazer parte de qualquer das divisões navas das nossas provincias ultramarinas; mas é provavel que a sua primeira viagem seja ao Brasil.

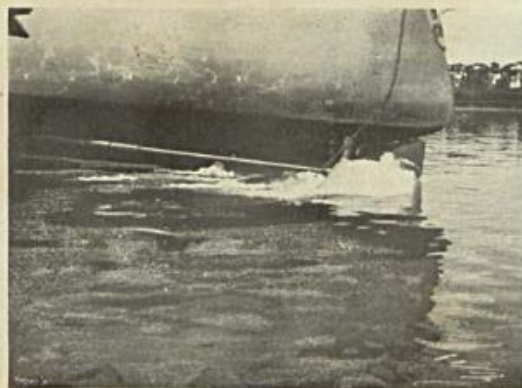
PEDRO DINIZ.

A acrescentar aos Annuaes do país em geral, e da marinha em especial, como manifestação do trabalho nacional, o padrião de ariscado patriotismo dos nossos irmãos d'além-mar, figura como data memoravel, o dia 27 de junho de 1903, dia em que a canhoneira *Patria*, construida a expensas da Grande Subscrição Patriótica no Brasil, promovida pelo Gremio Portuguez do Rio de Janeiro, na presença de SS. Magestades, e no meio do enthusiasmo e jubilo de milhares d'assistentes, foi lançada ao rio, dos estaleiros do Arsenal de Marinha.

O coração de todo o verdadeiro portuguez compartilha no momento actual, do orgulho e regoizo que devem sentir os que mais ou menos contribuíram para esta obra nacional.

Tem esta Revista o enorme prazer de registar nas suas columnas, os nomes dos membros da Grande Commissão do Rio de Janeiro, sr. comde d'Avellar, visconde de Saude, e de Castro Grela, o seu representante em Lisboa, sr. contra almirante Augusto de Castilho, o delegado do Governo juncto da construcção, capitão de fragata Henrique Carrahoza, o engenheiro construtor Alphonse Crouzeau, que elaborou os planos do navio e dirigiu os trabalhos, o engenheiro construtor capitão de fragata Duarte Sampaio que o coadjuvou, o machinista naval José Antonio Santiago que fiscalizou a construcção das machinas, os adjunetos Borthé e Galigné, o mestre Isidoro, e contramestre Guilherme d'Almeida, da officina de construcções navas do Arsenal. A todos aquelles que tem ligado o seu trabalho e actividade ao elegante navio que fluctua no Tejo, esta redacção, interpretando o sentir geral, envia o seu applauso.

Com a verba recolhida pela Grande Subscrição Patriótica, de cerca de 240 contos de réis, não se poderia fazer mais nem melhor, e a canhoneira *Patria* honra o Arsenal que a construiu, não só porque está solidamente feita e acabada, obedecendo todos os seus mteries ás condições de resistencia e trabalho que devem supportar, em conformidade com os previos e respectivos calculos, mas satisfazendo tambem pelo dilatado calado d'agua, pela distribuição dos alojamentos e divisões internas, pela potencia das suas machinas, e pelo relativo poder da sua artil-



*Canhoneira «Patria» ao entrar n'agua*

Fig. 4 - Artigo da Revista Portugal-Brasil sobre a Lancha-canhoneira Pátria<sup>114</sup>

<sup>114</sup>PÁTRIA, Canhoneira - *Brasil-Portugal* : revista quinzenal ilustrada 16 de julho, nº 108. Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa. [em linha]. (1903). [Consult. 13/06/2017]. Disponível na internet: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1903\\_1904/N108/N108\\_item1/P11.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1903_1904/N108/N108_item1/P11.html)>. p. 179.

lharia nos fins para que é destinada, isto é, um navio colonial, podendo navegar nos estuários e deltas dos rios africanos, subir estes, e emprender longas viagens e demorados cruzeiros no mar. Foi para satisfazer estes variados serviços, que conforme as instruções recebidas do engenheiro Creneau, director tecnico do Arsenal, estudou e elaborou os planos do navio, que representa o typo da canhoneira fluvial americana Helena, entre nós.

As suas caracteristicas principais são:

Comprimento entre perpendiculares . . . . .	60 <sup>m</sup> ,000
Boca na fluctuação . . . . .	8 <sup>m</sup> ,404
Altura da carena . . . . .	2 <sup>m</sup> ,416
Altura da quilha . . . . .	6 <sup>m</sup> ,150
Callado d'agua . . . . .	2 <sup>m</sup> ,566
Superficie da casa mestra . . . . .	17 <sup>m</sup> ,187
Superficie da fluctuação . . . . .	353 <sup>m</sup> 2,580
Deslocamento total . . . . .	636 toneladas
Velocidade prevista . . . . .	15,5 milhas

O casco é construido d'aço de primeira qualidade, sendo as canoas e chapas fornecidas pela casa franceza Providence. A linha de fluctuação é reforçada por uma cinta d'aço nickel de 15 millimetros d'espessura, proveniente da casa Creusot. A roda de proa, que é um primor de bom acabamento, d'aço forjado bem como o cadaste em aço moldado, foram adquiridos na casa Ferniny.

Para melhorar o balanço, que não poderá deixar de ser grande, attendendo ás formas do navio e pouco callado d'agua, é a canhoneira provida de robaletes.

Um unico mastro militar, d'aço, tem o navio e na plataforma do mesmo fica installada uma metralhadora, que em occasio de desembarque poderá ser montada na proa d'uma embarcação. A proa e na tolda a ré estão situados os supports para os projectores electricos, e que servem ao mesmo tempo para o serviço de montacargas das peças de maior calibre.

Avante do mastro, está collocada a ponte da navegação com casa, abrigo, e meio para o leme e telegraphos, ficando por baixo d'esse mesmo abrigo, installada sobre o spardeck casa de pilotagem.

Por ante a ré do mastro e avante das chaminés encontra-se o guincho electrico para manobra das embarcações, que vão assentes sobre picadeiros dentro do navio.

As *Machinas*: são duas de triple expansão verticaes installadas em compartimentos separados e estanques construidas na casa Labrosse & Fouché de Nantes, podendo desenvolver cada uma d'ellas um maximo de 900 cavallos de força, accionando o respectivo propulsor a que deve imprimir 220 voltas por minuto. Os distribuidores de vapor são cylindricos e o aparelho de marcha é o de sector Stephenson. Veem munidas com os respectivos condensadores, bombas, esquentadores e mais aparelhos accessorios destinados ao seu funcionamento.

As duas caldeiras de tubos d'agua, do systema La Brosse & Fouché, estão collocadas num compartimento unico, e tem na parte superior col-



Canhoneira «Patria» fluctuando no Tejo

Uma caldeira auxiliar de 40 cavallos, typo Neelansse, fornecerá o vapor para illumination e aparelhos auxiliares, em porto fundeado, quando as caldeiras principais não funcionarem.

Nos paioes arruma o navio 210 toneladas de carvão que lhe garantem um raio d'ação de 1:300 milhas a toda a força, ou 4:000 milhas com velocidade reduzida.

A sua guarnição incluindo officiaes deve ser de 120 homens, para os quaes as porões do navio tem capacidade para 30 dias de mantimentos, e 2400 litros d'agua.

Os alojamentos para este pessoal, relativamente amplos e arejados, são assim distribuidos:

O commandante aloja-se debaixo do spardeck na parte de ré do mesmo, tendo no lado EB, o salão de recepção, o camarote, a casa de banho e a retrete, e a BB a casa de jantar, e a dispensa. Avante da dispensa independente com porta para a coberta, fica situada a casa dos chronometros. Um corredor central separa os compartimentos dos dois bordos, tornando-os independentes. Sob o mesmo spardeck, e para vante dos compartimentos do commandante, até á proa fica a coberta vasta destinada a alojar a guarnição. Na proa encontram-se installadas as retretas do estado menor e marinheiros, casa de luzes, e a meio o aparelho e accessorios para a manobra das ancoras.

As cozinhas acham-se n'este pavimento avante da sahida das chaminés. Os officiaes tem os seus alojamentos installados sob a tolda, de meio navio até á popa, onde fica o alojamento dos guarda-marinhas.

A BB contando da vante para ré encontra-se a casa de jantar, quatro camarotes para officiaes, casa de banho e retrete; a EB casa de detalhe, dispensa d'artilheria, quatro camarotes para officiaes, retrete, e arrecadação de guarda-marinhas. Um largo corredor, onde ficam armados contra as anteparas os armeiros com o armamento portatil, corre a meio, dividindo os diferentes camarotes.

Avante d'estes alojamentos ficam dois camarotes para machinistas, um por cada bordo; a casa de banho para os mesmos, o dormitório de conductores de machinas, botica e enfermaria seguem-se do lado de BB, enquanto que a EB se encontra a officina, o alojamento dos aspirantes machinistas, o alojamento do estado menor e camarote do mestre.

No pavimento inferior de ré encontra-se, a partir da popa, o compartimento do aparelho do leme electrico, o paiol de aguada, paioes de machina, electricidade, e aparelhos auxiliares, e avante o paiol do mestre e de munições d'armamento de mar.

No ultimo pavimento inferior ficam os dois paioes de munições para as peças de 10<sup>m</sup>, um avante, e outro a ré, paiol de munições para as peças de 47<sup>m</sup>, situado avante, bem como os paioes das amarras e mantimentos.

Os paioes do carvão ficam ás amuradas nos compartimentos das machinas e caldeiras, e avante d'estas.

A installação electrica a bordo do navio é muito completa, sendo todo o material com excepção dos projectores e guincho electrico para serviço d'igar embarcações que foram fornecidos pela casa Saulier Harlé, proveniente da Société d'Éclairage Electricque.

A energia electrica é produzida por dois dynamos com motor a vapor. Existem a bordo dois grupos electrogenos, um de 300 ampéres, e o outro de 100. A voltagem é a ultimamente adoptada na marinha de guerra nacional, 80 volts.

A electricidade gerada pelo grupo de maior amperagem é sufficiente para o serviço de toda a illumination do navio, manobra de guinchos, ventiladores, monta-cargas, monta-cinzas, etc. O grupo de menor amperagem, e que é alimentado pela caldeira auxiliar Neelansse, apenas fornece electricidade para a illumination reduzida em porto fundeado, e movimento das machinas-ferramentas da pequena officina de bordo.

A illumination geral do navio é composta de 300 lampas d'intensidade com base de rosca de 10 velas, 150 de 15 velas, 10 de 30, 5 de 50 e 10 de 100.



Grupo de embarcações esperando o lançamento da Canhoneira «Patria»

lectores distribuidores d'agua, e superiormente o reservatorio de vapor, em communicação com os distribuidores acima indicados por um feixe de 1:120 tubos.

A pressão de regimen é de 15 kilogrammas, superficie de grelha 6<sup>m</sup>2,16, e superficie d'aquecimento 215<sup>m</sup>2,0. Para um consumo de 300 kg. de carvão por hora, registou-se nas experiencias officiaes realizadas na fabrica, em Nantes, uma vaporização de 21 litros d'agua por metro quadrado de superficie d'aquecimento.

O aparelho distillatorio completo, do mesmo autor que as machinas e caldeiras, produziu nas experiencias 14:000 litros d'agua em 24 horas.

Fig.5 - Artigo da Revista Portugal-Brasil sobre a Lancha-canhoneira Pátria <sup>115</sup>

Os projectores que são de 75 ampéres, tem 60 centímetros de diâmetro, e um poder illuminante de 3.000 velas Carcel. São de regulação automática, e podem igualmente ser regulados á mão.

Os monta-cinzas são calculados a ligarem pesos até 85 kilogrammas. Os monta-cargas tem uma potencia de 500 kilogrametros por segundo.

A artilharia é composta de 4 peças Schneider Canet de 10  $\frac{1}{2}$  e 45 calibres, sendo duas installadas avante nos reductos das cobertas, e duas na tolda a ré, e de 8 peças Hotchkiss de 47  $\frac{1}{2}$ , curtas montadas sobre o spardeck, tres por cada bordo. Sobre o resto de gavia militar é collocada a metralhadora de 6,5  $\frac{1}{2}$ , Mannlicher.

Esta artilharia colloca a canhoneira *Patria*, em condições muito superiores a todas as outras canhoneiras que o paiz actualmente tem em serviço. Pode lançar por minuto 240 projecteis, representando um peso d'ago de 1050 kilogrammas. O numero de balas n'aquella unidade de tempo é mesmo superior a que lançam qualquer das cruzadeiras *Vasco da Gama*, *Adamastor* e *Di. Alencar*, dando-lhe n'este ponto e quarto lugar entre os 7 modernos navios que Portugal possui.

As embarcações que o navio tem são:  
Um escalor a vapor de 7 $\frac{1}{2}$ ,50 de comprimento, typo Chaligny. Um escalor a remos do mesmo comprimento, e duas balleiras de 5 $\frac{1}{2}$ ,50, sendo uma salva-vidas.

Os escalores vão dentro do navio, onde são ligados por pau de carga, movido electricamente, e as balleiras são ligadas em convenientes torcos á borda.

A mobilia de camaras e camarotes é de chapa d'ago galvanizada, e

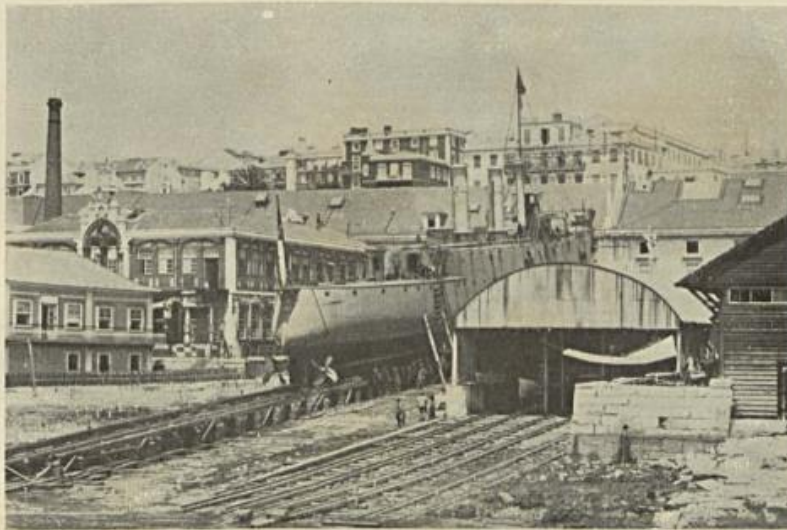
## Dr. Patrocínio da Costa

**L**embrou-se um dia, quando os cuidados lhe diminuiram, e os meios de fortuna, para a modesta vida que levava, já iam sobrando, de vêr toda essa terra, onde desbrocharam as antigas civilizações, que tanto admirou, cujo estudo lhe era quotidiano passatempo.

Que importavam as grandes metropoles da civilização moderna? O Oriente! lá é que estava e mais querido dos seus anhelos, que o espirito, povoado de grego e de latins, lhe afagava sem cessar durante largos annos, cheios de nostalgias pelo borsão padre-mestre, que á força de martellar na lingua do Lacio e nas rapasdas hellenicas, quasi que lhe não deixava materia alguma do cerebro livre para se occupar de qualquer outra coisa.

Ao abolir-se a palmatoria nas escolas, disse o Patrocínio que tinha sido uma grande tolice, por achar devéras provado que o latin, graças aos milagres da *Santa Lúzia*, entrava mais pelas pontas das unhas, do que pela cabeça.

E esses profícuos estudos levaram-n'o em passeata annual á Italia, á Grecia, em summa, a todo o littoral do Mediterraneo, que lhe foi possível visitar.



A Correia do Arsenal — Aspecto da Canhoneira «Patria» antes de ser lançada ao mar

a não ser o ferro interior da camara e salão do commandante que é de nogueira, sala de jantar dos officiaes em mogno, coxvez em teca, a madeira é muito sobria e limitadamente empregada na construção do navio, conforme modernamente se adopta em todas as marinhas de guerra.

Estão os trabalhos no navio em grande adiantamento, e em breve vão começar as experiencias preliminares das machinas.

Ficará contido o seu acabamento dependente da parte que o governo se compromette a fornecer, isto é, artilharia, mobiliário e embarcações.

Aquella só agora foi encomendada e para o escalor a vapor nem ainda sequer foram estabelecidas relações sobre o seu fornecimento com a casa constructora, como para o fornecimento d'artilharia são pedidos 10 meses não ficará a nova canhoneira prompta, no prazo estipulado de dois annos para a sua completa construção.

Só devido a isto, os nossos irmãos d'além-mar, não terão o orgulho e o prazer de vêr ainda este anno, nas aguas do Brasil, tremular a querida bandeira da patria, no navio que devido ao seu concurso, veio acrescentar a diminuta esquadra do seu paiz, e que será a prova do patriotismo e do amor dos benemeritos que longe d'agua sentem palpitar o coração pela sua terra natal.

S. M.

As mulheres pensam com o coração e enganam-se muito menos que os homens, que pensam com a cabeça.

LESCURE.

Deixaria de ser completamente exacta esta verdadeira narração, omitindo-se aqui uma das causas determinantes, fortíssima, da sua primeira excursão. Quiz vêr com os proprios olhos o theatro dos lendricos amores de Romeo e Julieta, apalpar o marmore do jarigo, comprar para alfinete de peito, de uso constante, um pedaco d'elle, que maldão engastar em ouro, cravejado de brilhantes, sem duvidar por um momento sequer da authenticidade da preciosa joia.

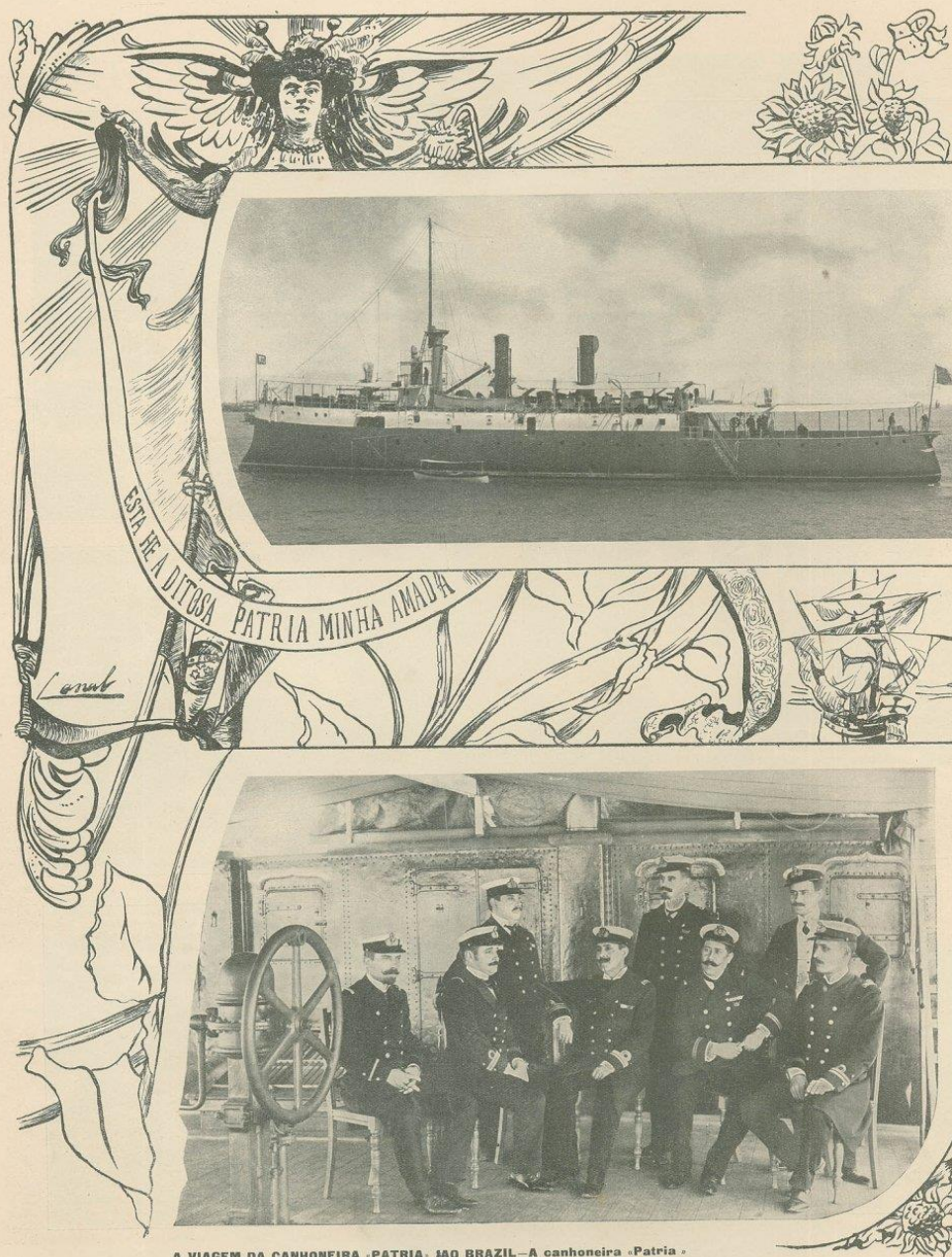
Ao avistahar-se o almejado dia da viagem, dava-se a um estudo, que muito o entretinha; itinerário com todas as minudencias, em que se dobravam as suas infinitos permenores; tantas horas aqui, tantos minutos arolá; combices, vapôres e carruagens; preços de passagem e cambios; cicerones e hotéis; as terras a visitar, e, pela demora calculada em cada uma d'ellas, o que lhe seria possível vêr e fazer; isto tudo com tal sequencia e precisão, que nem havia margem para o imprevisto, como se da sabida do porto até o regresso á terra natal, toda a viagem lhe fôsse prescripta por uma interminavel formula mathematica, que Newton, ou Leibnitz, não conseguiram descolibr.

De uma saúde de ferro, imaginou que nunca a doença, a não ser lá para a provecta idade, que ainda via muito afastada, o ehogasse a prostrar, e veio este imprevisto surprehender o na ultima viagem, á Syria. A insolação causou-lhe a ultima, talvez a primeira, doença que teve, e pôs termo a uma existencia, toda cheia de episodios, a maior parte dos quaes, de notorios que eram, se tornaram do dominio publico.

Tôseo e geralmente engraçado no dizer, quem conversasse com elle reconhecia logo que estava tratando com um excentrico de primeira ordem, e os seus escriptos não desdizem tambem do mesmo conceito.

Fig. 6 - Artigo da Revista Portugal-Brasil sobre a Lancha-canhoneira *Pátria*<sup>116</sup>

<sup>116</sup> IDEM — *Ibidem*. p. 181.



A VIAGEM DA CANHONEIRA 'PATRIA' AO BRAZIL—A canhoneira 'Patria'.

O estado-maior que primeiro tripulou a canhoneira 'Patria', composto pelos ares: *Abraão Augusto Ganhôa Leite*, machinista naval; *segundo tenente Luiz Damiã Lobo*, imediato do navio; *Pedro Maria Pacheco*, Consilheiro; *machinista naval; capitão-tenente Alfredo de Silva Ribeiro*, comandante do navio; *segundo tenente comde de Arasso (João)*; *João Augusto Madeira*, machinista naval; *Ernesto de Lencastre*, segundo tenente; e *Armando da Gama Pachôa*, segundo tenente.

A canhoneira 'Patria' vai agora ao Brazil pagar uma dívida de gratidão aos ares, irmãos residentes n'este florido paiz e que n'uma hora angustiosa se lembraram da sua terra natal tendo feito uma subscrição para produzir a canhoneira 'Patria' e a fim de se construir um navio que se chamaria n'uma homenagem a alguma cidade afilhada. E esse o bello barco que se vê em viagem ao Brazil onde os seus tripulantes serão recebidos com aquella

grandeza de animo e com aquelle enthusiasmo com que os portugueses aqui residentes e os brasileiros acolhem sempre os que vão de Portugal. A 'Patria' foi construída no Arsenal de Marinha e baptizada a 25 de Junho de 1902, sendo entregue ao governo em 28 de dezembro do mesmo anno pelos delegados de comendador, *Arce*, visconde de S. João e *Manuel Maria do Valle*. O navio mede 80 metros, tem uma bella artilheria e o uma velocidade de 16 milhas por hora. Do seu

primeiro estado maior deixaram de fazer parte os ares: *Pacheco*, Consilheiro; *machinista*, e *Garcos de Lencastre*, 2.º tenente. *Segundo tenente* dos ares, tendo sido augmentado o numero d'officiaes n'esta viagem ao Brazil, fazem tambem parte do estado maior de 'Patria' os ares: *Alvaro Roque*, segundo tenente; *rodolpho Duarte da Silva*, e os guardas-marinhas *Silva e Machado*, *Carreira do Imbo*, *Sousa Leal* e os machinistas *sr. Aschero Borges e Oliveira Moraes*.

Fig.7 - Artigo da Ilustração Portuguesa da Lancha-canhoneira Pátria no Brasil<sup>117</sup>

<sup>117</sup> PÁTRIA, Canhoneira - *Ilustração Portuguesa*. Ano 2, nº 91, 31 de Julho de 1905 Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa. [em linha]. (1905). [Consult. 13/06/2017]. Disponível na internet:

Posteriormente foi enviada para o extremo oriente, onde das várias missões realizadas se destaca a intervenção na rebelião timorense de 1912<sup>118</sup>.

Finalmente, em 1931, a Canhoneira Pátria foi desarmada e vendida em Macau, por 50 000 mil patacas, servindo mais tarde a marinha de guerra chinesa com o nome Fu Yu.

Nos documentos seguintes podemos constatar a importância da população de naturalidade portuguesa residente no Brasil, para a aquisição deste navio.

---

<[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1905/N91/N91\\_master/JPG/N91\\_0006\\_branca\\_t0.jpg](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1905/N91/N91_master/JPG/N91_0006_branca_t0.jpg)>. p. 612.

<sup>118</sup>ESPARTEIRO, António Marques -*Três Séculos no Mar : 1640-1910. IX Parte/ Canhoneiras/5.ºVolume*. Coleção Estudos nº 28. Lisboa : Instituto Hidrográfico,1986. p. 56-90.

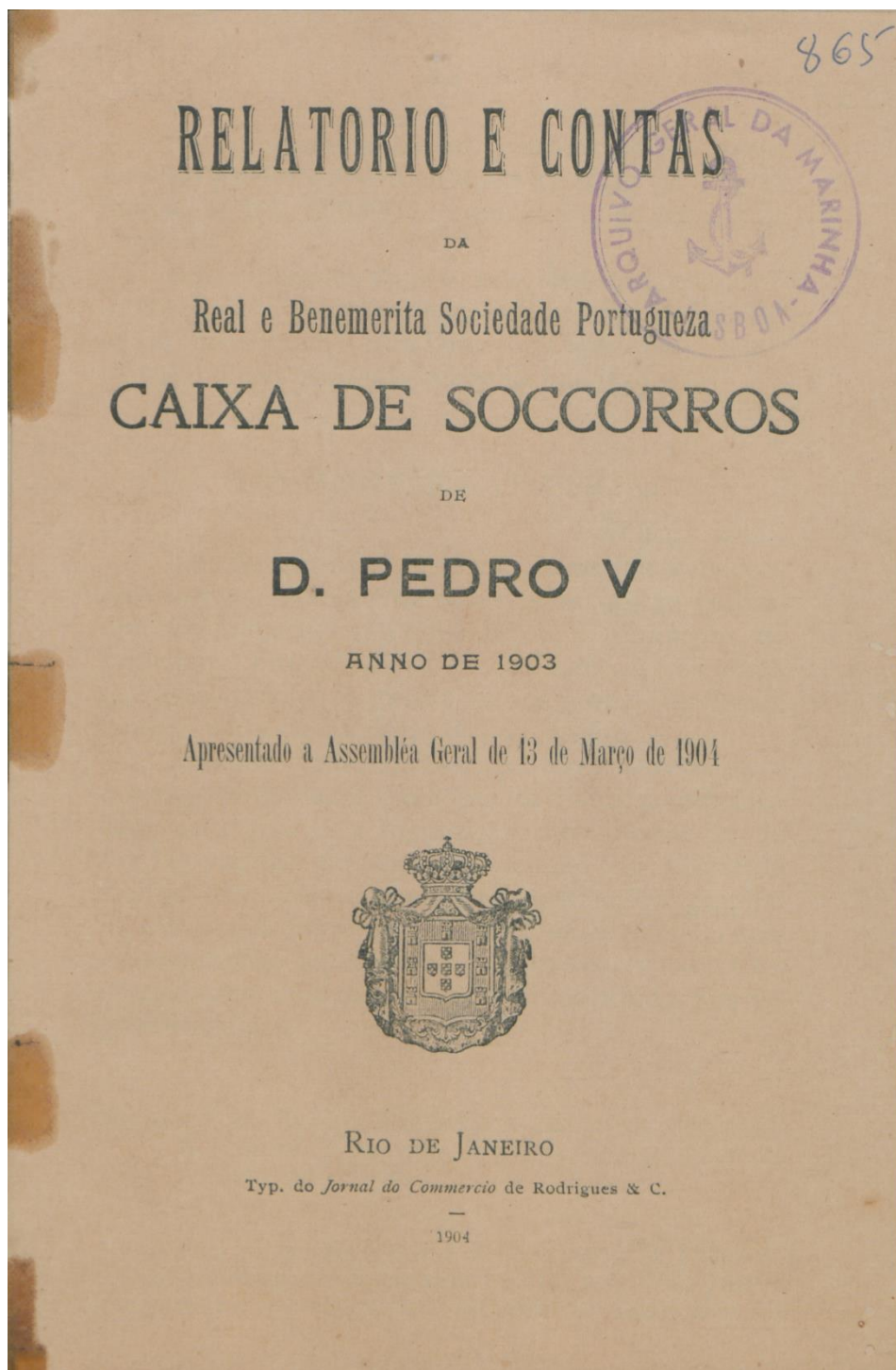


Fig.8 - Relatório e Contas da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros de D.Pedro V anno de 1903<sup>119</sup>

<sup>119</sup>Arquivo Histórico de Marinha - *Relatório e Contas da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros de D. Pedro V anno de 1903*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1904.

Em commemoração ao passamento do nosso Excelso patrono, distribuiram-se esmolas na importância de Rs. 800\$000, como consta da respectiva verba.

Foi celebrante do acto religioso o nosso eminente patricio e digno consocio Exm. Sr. padre Ricardo Silva, a quem esta Directoria aqui deixa consignado o seu profundo reconhecimento.

### CANHONEIRA «PATRIA»

*Relatório do anno de 1905*

Esta Benemerita Instituição, como lhe competia, associou-se cordialmente aos festejos que se realizaram em homenagem á officialidade e guarnição da canhoneira *Patria*, na viagem que este vaso da nossa gloriosa marinha de guerra fez aos portos do Brasil, quando surta na bahia do Rio de Janeiro.

Além do comparecimento desta Directoria a diversas festas dadas em honra da distincta officialidade, entregou esta Instituição, por intermedio de sua Directoria e de uma Commissão do Conselho Deliberativo, uma mensagem de saudações, graphada em pergaminho aquarellado, encerrada em uma pasta de setim aquarellado com as cores nacionaes portuguezas, cuja mensagem era concebida nos seguintes termos :

MENSAGEM DA REAL E BENEMERITA CAIXA DE SOCCORROS  
D. PEDRO V. DIRIGIDA Á BRIOSA OFFICIALIDADE DA  
CANHONEIRA «PATRIA»

A Real e Benemerita Caixa de Soccorros D. Pedro V, sociedade portugueza de caridade, fundada no Rio de Janeiro ha quarenta e dois annos, para perpetuar no Brazil o nome

Fig. 9 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D. Pedro V anno de 1903<sup>120</sup>

<sup>120</sup> IDEM - *Ibidem.* p.13.

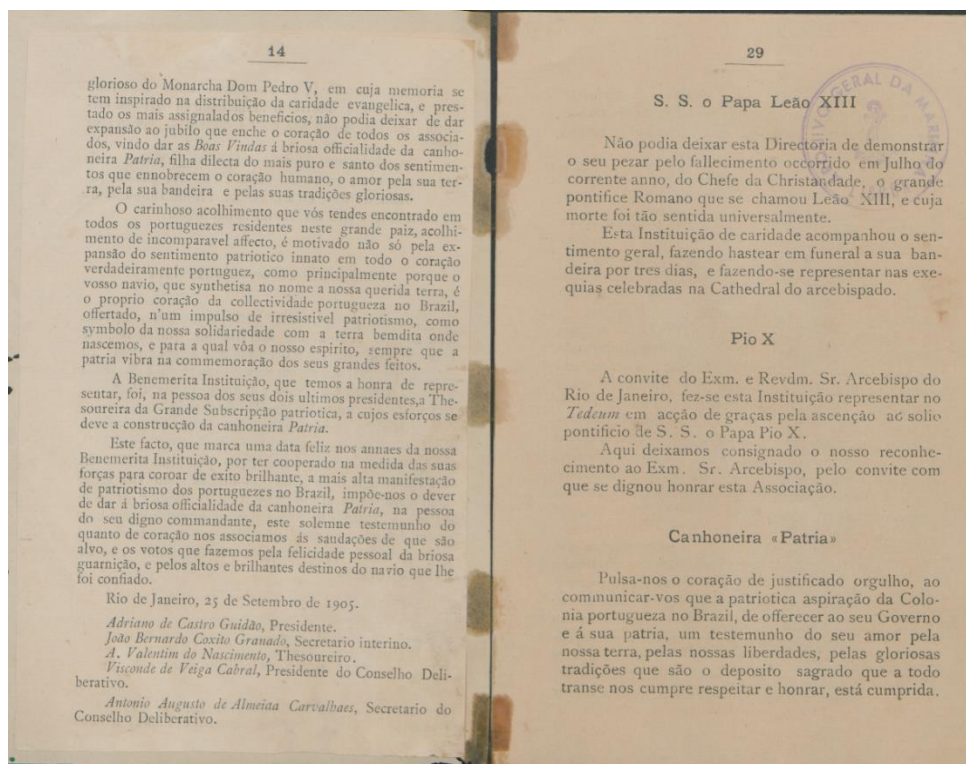


Fig.10 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D. Pedro V anno de 1903<sup>121</sup>

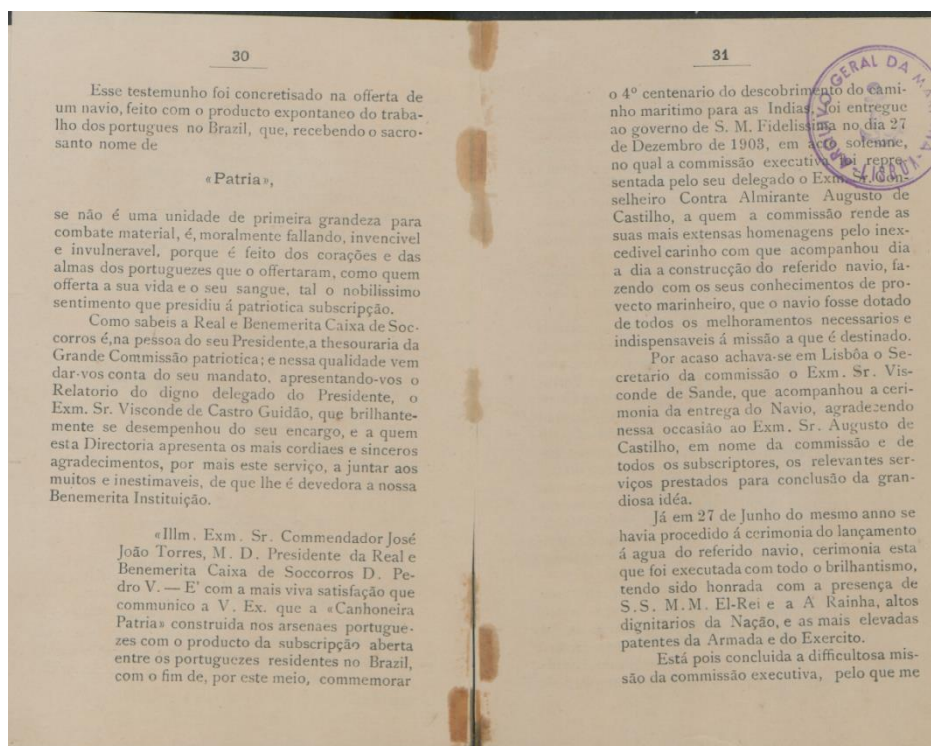


Fig.11 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D. Pedro V anno de 1903<sup>122</sup>

<sup>121</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 14. p. 29.

<sup>122</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 30-31.

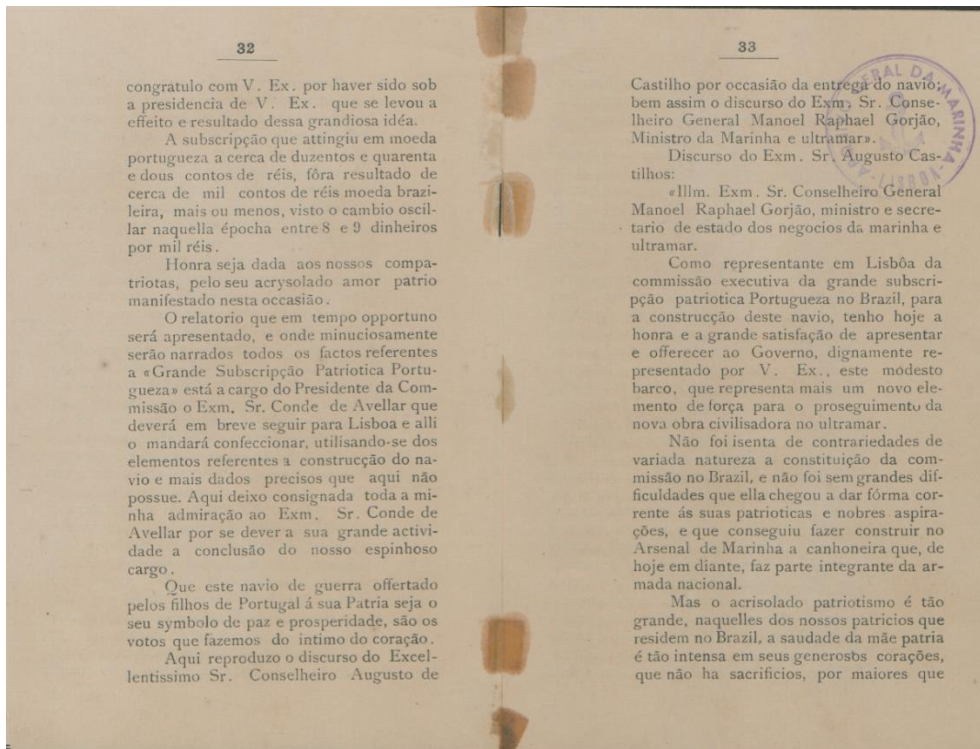


fig.12 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D.Pedro V anno de 1903<sup>123</sup>

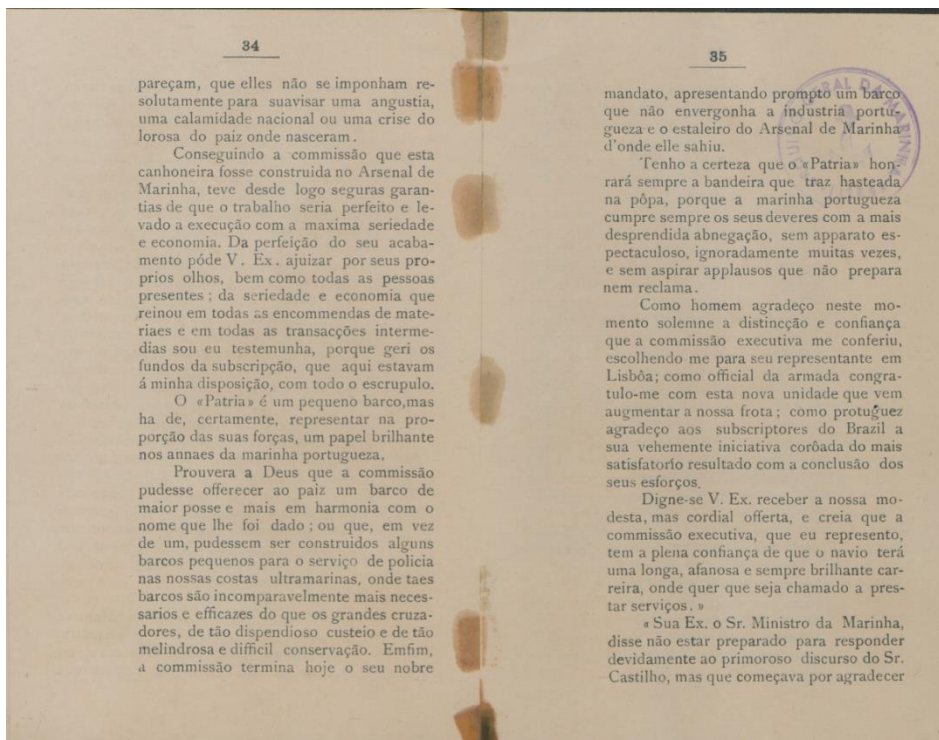


fig. 13 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D.Pedro V anno de 1903<sup>124</sup>

<sup>123</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 32-33.

<sup>124</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 34-35.

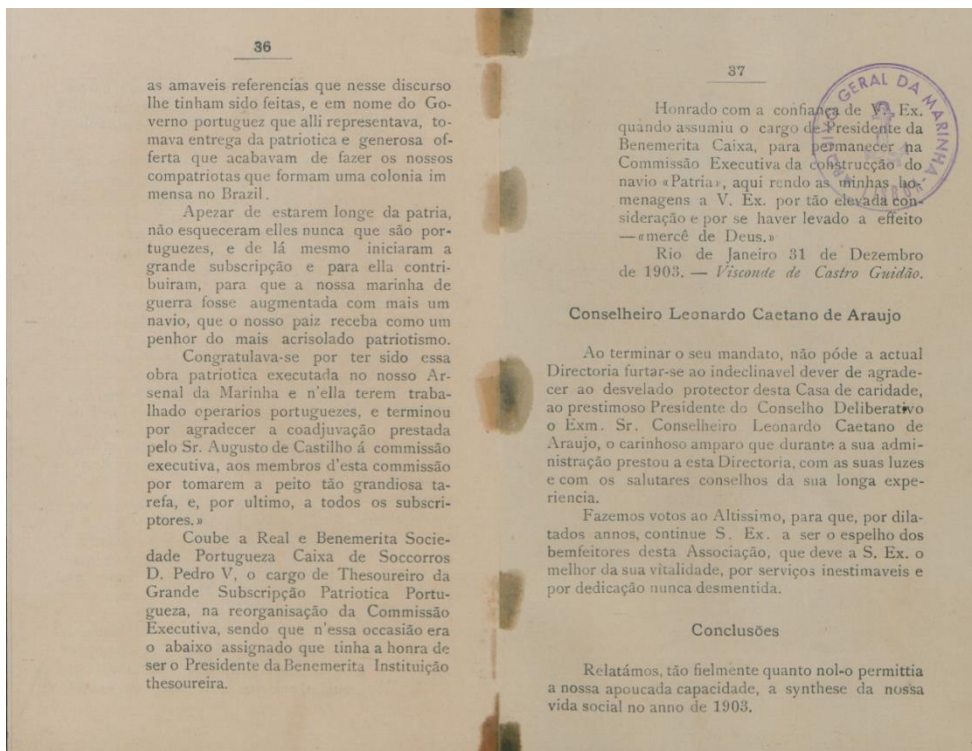


fig.14 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D. Pedro V anno de 1903<sup>125</sup>

<sup>125</sup> IDEM - *Ibidem.* p. 36-37.

Não sabemos se conseguiu o nosso esforço, dar uma pallida idéa do que desejava a nossa boa vontade em prol do engrandecimento desta Benemerita Instituição, e do desejo a que aspiravamos de honrar o mandato que nos confiastes.

Em todo o caso, uma consolação nos enche a alma, ao dar-vos conta dos nossos esforços; é que se não fizemos o que desejavamos, fizemos,—e do coração, — o mais que podíamos.

Elegemos-vos nossos juizes; e fazemos votos a Deus, para que continue a pairar sobre esta Casa a sua Divina Graça, para orgulho de todos os obreiros da Caridade, e allivio de tantos infelizes que aqui encontram desvelada protecção e auxilio.

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1903.

JOSÉ JOÃO TORRES, Presidente.

ANTONIO SOARES DA CRUZ, Secretario.

ADRIANO DE CASTRO GUIDÃO, Thesoureiro.

fig. 15 - Relatório e Contas da R.B.S.P. C. de S. de D. Pedro V anno de 1903<sup>126</sup>

<sup>126</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 38.

### 3.2 Estudo orgânico-funcional

Como ponto de partida, devemos compreender qual o objecto do estudo. A análise de um fundo, constituindo o conjunto de documentos de arquivo de uma única proveniência, criando assim uma ligação entre os dois conceitos, em particular no que concerne ao Arquivo definitivo, a norma portuguesa 4041:2005 define Arquivo como conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação. É a mais ampla unidade arquivística. A cada proveniência corresponde um arquivo<sup>127</sup>.

O processo da análise orgânico-funcional decorreu essencialmente com base na análise legislativa, enquadradora das atribuições e competências da Canhoneira, assim como das funções e actividades desenvolvidas na e pela mesma, de que a informação acumulada no arquivo histórico da marinha faz eco. Questão particularmente relevante, uma vez que, tendo em conta o longo historial da informação produzida e acumulada pela Canhoneira Pátria, e a reorganização mais recente deste arquivo, torna-se difícil averiguar sob uma perspectiva sistemática se a estrutura cumpria na íntegra o conjunto de normas a ela aplicável.

Convém contextualizar brevemente esta análise:

O estudo desta organização baseou-se apenas no navio em si, sendo que não serão aprofundadas as relações com entidades externas à canhoneira. No

---

<sup>127</sup> PORTUGAL. Instituto Português da qualidade. Comissão técnica 7- *Norma Portuguesa 4041: Informação e documentação, terminologia arquivística, conceitos básicos*. Lisboa: Instituto Português da Qualidade. p. 5.

entanto, devemos compreender as estruturas hierárquicas da lancha<sup>128</sup>-canhoneira para que, quando estas surgirem no estudo orgânico-funcional, compreendermos as relações existentes. Deste modo e seguindo a hierarquia:

#### Secretaria de Estado da Marinha

1-A Secretaria de Estado da Marinha foi criada, por Alvará de 1736, com o título de “Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar”. Por decreto da Assembleia Constituinte, de 11 de Abril de 1907, foi reorganizada, tendo passado, por decreto da Assembleia constituinte, de 23 de Agosto de 1911, a constituir dois Ministérios: o “Ministério da Marinha” e o “Ministério das Colónias”. Em 1918, conheceu nova reorganização por decreto n.º 4:451, de 16 de Junho, , passando a denominar-se “Secretaria de Estado da Marinha”.

Conselho Superior de Marinha (é extinta em 1907)<sup>129</sup>.

Direcção Geral da Marinha (é extinta em 1917).

À Direcção Geral da Marinha incumbia a parte administrativa dos serviços da Armada, aquisição e reparação do material naval; departamentos marítimos e capitania dos portos; marinha mercante e pescas; serviços de faróis e construções de civis da marinha.

---

<sup>128</sup>Segundo Humberto Leitão, e J. Vicente Lopes, no *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga*, podemos definir: Canhoneira; Lancha canhoneira; e Navio do seguinte modo:

Canhoneira – Navio de guerra de pequeno deslocamento e destinado especialmente a serviços de polícia na costa, em rios e nos de soberania no ultramar.

Lancha canhoneira – Pequeno navio de guerra, de fundo chato, próprio para navegar em rios. Geralmente a sua propulsão é feita com rodas com pás.

Navio- Por navio compreende-se um barco de porte razoável ou grande, apto para fazer viagens de cabotagem ou transoceânicas ou, ainda, viagens em rios ou grandes lagos. Os navios podem ser de madeira, de metal ou de construção mista.

Assim, embora o nome mais correto seja lancha-canhoneira, devemos sublinhar que na documentação qualquer um dos nomes é usado.

<sup>129</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [carta de lei de 3 de Setembro de 1897] ORDEM DA ARMADA nº 11, série A, Lisboa: Imprensa Nacional, série A, 1897. p. 589.

Esta nova entidade vem substituir o Conselho do Almirantado, tendo as atribuições de proposta e consulta, e as de expediente. É constituída por seis repartições: 1.<sup>a</sup> do pessoal da armada; 2.<sup>a</sup> do material naval; 3.<sup>a</sup> dos serviços complementares, e da marinha mercante e pescarias; 4.<sup>a</sup> Do processo, e da fiscalização naval; 5.<sup>a</sup> Dos serviços auxiliares da navegação; 6.<sup>a</sup> do arquivo da direcção geral<sup>130</sup>.

A Secretaria de Estado da Marinha era composta dos seguintes organismos:

Comissão Permanente liquidatária de Responsabilidades,

Criada pelo decreto 11 de Novembro de 1917, como subordinada à Direcção Geral da Marinha, tornou-se autónoma pelo decreto 22 de Junho de 1917. Incumbe-lhe a *fiscalização superior técnica e administrativa de todos os actos dos Conselhos Administrativos da Marinha e de quaisquer gerentes de administração da marinha, bem como de todas as despesas, quer pecuniárias quer de material (...)*<sup>131</sup>.

Conselho Geral da Armada, é o órgão de coordenação entre as Direcções Gerais da Secretaria de Estado da Marinha, em assuntos que tenham de ser tratados em mais de uma direcção Geral.

Além destas funções, trata das nomeações dos oficiais para missões de estudo e de fiscalização de trabalhos no estrangeiro; das exonerações deste cargo, sempre que se reconheça a incompetência ou falta de zelo; do estudo dos processos de promoção de oficiais, quando sejam submetidos à sua apreciação; da apreciação das reclamações que lhe forem presentes, relativas a promoções de oficiais e das informações das mesmas; e de quaisquer outros assuntos que forem submetidos à sua apreciação pelo Secretário de Estado da Marinha.

---

<sup>130</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto de 21 de Dezembro de 1897]. ORDEM DA ARMADA n.º 11, série A, Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. p. 583-599; PORTUGAL. Leis, decretos, etc. [Regulamento de Julho de 1897]. ORDEM DA ARMADA n.º 9, série A, Lisboa: Imprensa Nacional 1898. p. 404-444.

<sup>131</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto com força de lei n.º 3:892, de 2 de Março de 1918]. ORDEM DA ARMADA n.º 3, série A, 31 de Janeiro de 1918, Lisboa: Imprensa Nacional, p. 131.

É presidido pelo Ministro da Marinha e constituído pelos diretores gerais e chefe do Estado Maior Naval. Tem como secretário o chefe da secretaria do Comando da Majoria General da Armada, sem direito de voto<sup>132</sup>.

No que concerne à contabilidade da Marinha. *A Repartição de Contabilidade da Marinha (6.ª Repartição da Direcção de Contabilidade Pública) faz parte do quadro da Direcção Geral da Contabilidade do Ministério das Finanças, nos termos da carta de lei de 25 de Junho de 1881, pela qual a contabilidade do Estado foi centralizada naquela Direcção Geral, continuando, porém, em cada Ministério, a cargo duma repartição especial. Quando se refere à contabilidade das receitas, fiscalização financeira, ordenamento das despesas e elaboração do ordenamento de marinha*<sup>133</sup>.

A Direcção Geral da Marinha, uma entidade que veio substituir o Conselho do Almirantado, surgindo em 1918, tendo as atribuições de proposta e consulta, e as de expediente. É constituída por seis repartições: 1.ª do pessoal da armada; 2.ª do material naval; 3.ª dos serviços complementares, e da marinha mercante e pescarias; 4.ª Do processo, e da fiscalização naval; 5.ª Dos serviços auxiliares da navegação; 6.ª do arquivo da direcção geral<sup>134</sup>.

Majoria Geral da Armada (reformulada em 1918)

À Majoria Geral da Armada, reformulada em 1918, competem as funções do alto comando da Armada. *Tem a seu cargo a preparação e o aprontamento dos planos de guerra, chefia na execução das operações das forças navais e no serviço de defesa das costas, a direcção de todos os assuntos tácticos e estratégicos, de organização, manobras, tiro ao alvo, exercícios, telegrafia sem fios e sinais*<sup>135</sup>.

As funções da Majoria General da Armada exercem-se por intermédio das seguintes instâncias subordinadas:

---

<sup>132</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto n.º 5:041, de 3 de Dezembro de 1918]. Secretaria de estado da Marinha nº2, direcção geral do pessoal, 31 de outubro de 1918. Lisboa: Imprensa Nacional-Ordem da Armada nº 4 (série A), p. 91.

<sup>133</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Majoria General da Armada nº1, 31 de Janeiro de 1918. Lisboa: Imprensa Nacional-Ordem da Armada nº 3 (série A), p. 126.

<sup>134</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 126-131.

<sup>135</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 126-131.

*Estado-maior Naval sendo esta a repartição de maior importância da Armada, tendo a seu cargo elaborar estudos e fornecer os elementos para a acção eficaz do Major General, tanto na preparação, como na condução das operações de guerra naval. É o órgão orientador de toda a actividade militar da Armada. Os trabalhos do Estado-maior Naval são distribuídos pelas seguintes secções: 1ª Informações; 2ª Recursos Nacionais; 3ª Política Nacional e planos de operações; 4ª Doutrina; 5ª Instrução e orgânica naval*<sup>136</sup>.

Junto da Majoria Geral, temos ainda o Comando Superior das Forças Navais sendo que, o comando em chefe pertence ao Major General, mas o comando superior é de facto exercido pelos seus respectivos comandantes. O Comando superior das Bases Navais. Junto da Majoria General Funcionam ainda: Secretaria do Comando à qual compete o serviço de expediente da Majoria General e o relativo a transmissão verbal ou escrita das ordens da Majoria General, junto desta Secretaria funciona o Conselho Administrativo da Majoria General, cujas atribuições são circunscritas ao pessoal privativo da Majoria General, material respectivo e serviço expediente. Ao Conselho Técnico Naval compete a fixação de tipos de navios conforme as características fornecidas pelo Estado-maior Naval, a elaboração de cadernos de encargos; a apreciação de propostas de fornecimento de navios para a Marinha de Guerra; elaboração de propostas para a adjudicação e todos os respectivos processos; elaboração técnica dos contractos a fazer com as casas adjudicatárias. É o órgão informador de carácter técnico do Estado-maior Naval em todos os Assuntos em que a sua cooperação se torne necessária e especialmente no que diz respeito à concepção dos tipos de navios a adquirir, melhoramentos materiais a introduzir-lhes e sobre regulamentos e estudos que interessem à Armada; Conselho de Instrução o qual funciona como corpo consultivo do Estado-maior Naval para o estudo de todos os assuntos de instrução, educativos e de carácter pedagógico, que interessem à Armada e que sejam submetidos à sua apreciação; Inspeção de Tiro ao Alvo; Direcção Geral do Pessoal; Trata dos assuntos que se referem ao pessoal militar da Armada, escolas, saúde e

---

<sup>136</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – [Decreto de 21 de Dezembro de 1897]. ORDEM DA ARMADA nº 11, série A, Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. p. 583-599.

justiça; Direcção Geral do Material a qual trata dos assuntos referentes ao armamento e equipamento dos navios, máquinas, hidrografia e construções.

Esta orgânica torna-se mais complexa com a movimentação dos navios e a sua integração em esquadras, flotilhas, entre outros conjuntos de embarcações. A própria estrutura orgânica, que apesar da sua dimensão desenvolve uma série de actividades diferentes, sendo que nesta fase nos centrámos nos órgãos permanentes, mesmo que unipessoais.

Um segundo ponto refere-se às brigadas. A tripulação do navio encontra-se dividida em cinco brigadas, e embora estas tenham produzido documentação, tanto quanto nos foi dado a compreender, não constituem entidades orgânicas do navio, mas apenas uma subdivisão da tripulação.

De seguida analisámos os serviços existentes no interior da canhoneira, as suas competências e as suas funções, tendo por base a Ordenança Geral da Armada de 1896, e o Regulamento Geral para o Serviço dos Navios do Serviço da Armada de 1917.

Começando pela *Ordenança Geral da Armada*, de 1896, no que concerne ao comandante: *O comandante de um navio solto corresponde-se directamente com o conselho do almirantado; O comandante receberá do conselho do almirantado, ou do comandante a quem substituir, os planos e desenhos do navio e das suas disposições internas, das máquinas, da mastreação e velame e a nota das observações que os comandantes anteriores tiverem feito sobre as qualidades náuticas e militares do navio; Cumpre ao comandante estudar cuidadosamente e em circunstâncias diversas as qualidades náuticas e militares do navio do seu comando. Os juízos que formar, as observações que fizer e as alterações em virtude d'elas efectuar serão registados em um livro especial, que ficará pertencendo ao navio enquanto durar o armamento, e que será depois entregue no conselho do almirantado. Quando o navio tornar a armar, este livro será entregue ao respectivo comandante para seu conhecimento no que respeita às qualidades do navio, e para continuar a ter a mesma aplicação; O comandante determinará todo o serviço em conformidade com esta ordenança, com os regulamentos especiais e com as*

*instruções particulares que tiver recebido, manterá rigorosamente a polícia e a disciplina, e fará com que todos os exercícios, fainas e manobras se executem com presteza e o melhor possível; O comandante dirigirá as fainas, e o comandará a manobra nas ocasiões importantes, especialmente nas entradas e saídas dos portos, e todas as vezes que o julgar conveniente ou necessário; O comandante enviará os mapas do estado do pessoal e do material todas ao comando da força naval a que pertencer, e ao conselho do almirantado, por intermédio do referido comando, ou directamente se comandar navio solto<sup>137</sup>. No porto de Lisboa o comandante enviará à inspecção do arsenal uma nota dos operários que trabalham a bordo durante a semana, serviços em que foram empregados, fazendo observações que julgar convenientes; O comandante passará inspecção minuciosa ao navio; nesta inspecção será acompanhado pelo oficial imediato; O comandante prestará especial cuidado á conservação das maquinas e caldeiras, para o que empregará, além dos meios recomendados, n'esta ordenança, todos os mais que para esse a ciência indicar, determinando frequentes inspecções para verificar o bom estado das diferentes peças e suas instalações, prevenindo qualquer irregularidade e dando dela parte superiormente<sup>138</sup>. O comandante enviará ao conselho do almirantado, sempre que tiver oportunidade, os diagramas tirados por meio do indicador, e muito especialmente quando seja preciso fazer concerto na maquina<sup>139</sup>. O comandante fará cumprir o que determina o regulamento da fazenda, quando haja de se fazer aquisição de mantimentos, sobressalentes, ou proceder a fabricos; Navegando em esquadra, se o serviço o exigir, os comandantes dos navios poderão comunicar directamente, por meio de sinais, com o comandante em chefe; Todos os sinais feitos pelo chefe, ou pelos demais navios da esquadra, serão registados nos livros de registo de sinais e de registo de serviço diário. Quando houver abalroamentos ou qualquer outro sinistro, o comandante mandará proceder acto continuo á investigação das causas que o produziram, bem como das suas conseqüências, e de tudo se lavrará o competente auto<sup>140</sup>. O comandante*

---

<sup>137</sup> *Ordenança Geral da Armada*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896, p. 78-79.

<sup>138</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 80.

<sup>139</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 81.

<sup>140</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 82.

*poderá proibir que os oficiais e praças do seu navio, comuniquem com a terra ou com os navios estrangeiros, quando tiver razões para assim proceder; Nos portos, o comandante regulará as licenças para a guarnição ir a terra, em harmonia com as necessidades do serviço, e atendendo ás condições da localidade, de modo que mesmo fora dos portos mais seguros nunca possa estar fora do navio mais que a terça parte das praças da marinhagem; O comandante dará informações do pessoal do estado-maior do navio do seu comando e das praças do corpo de alunos. O comandante informará do pessoal do estado menor do seu comando, e enviará estas informações ao comandante do corpo de marinheiros nos prazos indicados<sup>141</sup>. O comandante mandará registrar em livro especial, devidamente rubricado, todas as ordens e quaisquer instruções que houver de dar acerca do serviço de disciplina<sup>142</sup>. Se falecer ou se ausentar qualquer praça da guarnição, o comandante mandará proceder ao inventário e arrecadação de todos os objectos e papéis pertencentes ao finado ou ausente, para que em ocasião oportuna sejam entregues na estação competente<sup>143</sup>. No caso de ocorrer a bordo nascimento ou óbito de individuo, o comandante mandará proceder em conformidade com o que determina o código civil e o regulamento do registo civil, e dos competentes assentamentos fará entrega na primeira oportunidade ao conselho do almirantado<sup>144</sup>. Quando qualquer oficial ou praça sob o seu comando cometer crime ou delito, o comandante procederá em harmonia com as disposições do código de justiça militar, e remeterá o auto de corpo de delito com todos os documentos que lhe disserem respeito ao comandante em chefe; Se comandar navio solto e o crime foi praticado no ultramar e ai poder ser julgado, a remessa do auto de corpo de delito será feita ao comandante da divisão naval e na falta deste ao governador da província, não podendo ser julgado na localidade em que o crime foi cometido, ficará adiado o julgamento para o primeiro porto do território português em que o navio fundear e onde seja possível reunir o conselho. Não podendo o julgamento ter lugar nas condições do parágrafo antecedente, remeterão auto de corpo de*

---

<sup>141</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 85.

<sup>142</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 87.

<sup>143</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 88.

<sup>144</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 89.

*delito ao conselho do almirantado (...)*<sup>145</sup>. O primeiro e principal dever do comandante durante o combate é bater-se corajosamente, tomando na luta a parte mais activa que comportarem o seu navio e a posição em que se achar (...); Tanto no combate como nas evoluções e na marcha da esquadra todos os comandantes são responsáveis pela execução pontual dos sinais do chefe, das prescrições da táctica naval, e das ordens que tiverem recebido; Em esquadra, comandante algum mandará romper o fogo sem que lhe seja ordenado pelo sinal do chefe, ou em cumprimento de instruções que dele houver recebido (...)<sup>146</sup>; Logo que o navio inimigo arriar a bandeira, o comandante fará cessar o fogo dirigindo a esse navio, e mandará n'uma embarcação um oficial para conduzir a seu bordo o comandante do navio apresado; Dará imediatamente conhecimento ao comandante da divisão a que pertença, e em seguida ao comandante em chefe, das perdas que houver tido no pessoal, do estado em que ficou o navio e o material militar, e da quantidade de munições de guerra que lhe restarem, e recomendará as pessoas que se distinguiram em combate (...); O comandante que for forçado a arriar a bandeira, inutilizará as instruções e regimento de sinais, e todos os mais papéis de que o inimigo possa utilizar-se (...); Quando em combate o comandante esgotar todos os recursos para defender o seu navio, e vir que a resistência é impossível, deve destruí-lo, sempre que tiver meio de salvar a guarnição<sup>147</sup>. No ato de desarmamento do navio, o comandante mandará entregar nas estações competentes a táctica, regimento de sinais, planos do navio, cartas hidrográficas, instrumentos náuticos e meteorológicos, bem como os demais papéis e livros que tenham de ser arquivados<sup>148</sup>.

No que concerne ao oficial comandante de quarto ou divisão este é o responsável pela *estrita execução das ordens dadas pelo comandante*; Em todos os casos não previstos pelas ordens recebidas, o oficial comandante de quarto deve tomar imediatamente as medidas convenientes para a segurança do navio, prevenindo logo o comandante (...)<sup>149</sup>; Sempre que haja aparências

---

<sup>145</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 90.

<sup>146</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 91.

<sup>147</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 92.

<sup>148</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 93.

<sup>149</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 102.

*de mau tempo, e principalmente no inverno, ao pôr-do-sol, tomará as disposições convenientes para garantir a maior segurança do navio, e em ocasiões de trovoadas mandará mergulhar os condutores de para raios; Dará parte ao comandante de todos os sinais do chefe, e mencionará no registo diário a hora em que os sinais tenham sido feitos e a execução que tiveram<sup>150</sup>. O oficial de quarto não executará nem mandará executar manobra ou serviço algum, sem prévia autorização do comandante ou imediato, quando estes se acharem presentes<sup>151</sup>. Caindo alguma pessoa ao mar, fará marcar com todo o cuidado o rumo a que demora tanto a pessoa como a bóia de salvação, e empregará activará todas as diligências e esforços para o salvamento; Mencionará no registo de serviço diário o andamento do navio, rumo, vento, amura e pano, o estado do tempo e do mar, as despesas, as despesas extraordinárias que se tiverem feito, as várias que se derem durante o quarto, as manobras, fainas e exercícios executados, e todas as mais ocorrências de serviço (...) <sup>152</sup>; Cumpre ao oficial de quarto registar no livro competente o resultado das observações meteorológicas feitas durante o seu quarto<sup>153</sup>.*

*O oficial encarregado da artilharia terá a seu cargo a artilharia, metralhadoras, armas portáteis, projecteis e todo o mais material de guerra, excepto torpedos. Das faltas e irregularidades que encontrar dará parte ao imediato para providenciar convenientemente. Sempre que possível será este oficial o comandante da bateria<sup>154</sup>. Passará diariamente visita às baterias, e empregará os meios necessários para que sejam safas, e para que o correspondente material esteja sempre pronto e disposto convenientemente; Passará frequentemente revistas a todo o armamento de mão e respectivo correame e equipamento para se assegurar do seu estado de conservação, sendo coadjuvado pelo fiel de artilharia; Assistirá ao embarque e desembarque da pólvora e projecteis explosivos e á sua arrumação nos respectivos paióis, e prevenirá o oficial de quarto com antecedência, para*

---

<sup>150</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 104.

<sup>151</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 105.

<sup>152</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 107.

<sup>153</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 108.

<sup>154</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 111.

*tomarem no navio as providências e cautelas necessárias; Quando alguma peça estiver carregada fará examinar amiudadas vezes o estado da carga, e quando a mandar descarregar, verificará que as ordens sejam pontualmente cumpridas; Sempre que tenha de se retirar a pólvora do navio, deve certificar que nos paióis não fica porção alguma de pólvora, ou de quaisquer outras matérias explosivas ou inflamáveis<sup>155</sup>. Pertence ao encarregado de navegação a escrituração dos livretes que devem acompanhar cada uma das bocas-de-fogo; O oficial encarregado de artilharia, depois de tomar conta deste encargo, dirigirá ao comandante um relatório circunstanciado do estado de todo o material à sua responsabilidade; Sempre que o oficial encarregado de artilharia notar em alguma boca-de-fogo ou no reparo, qualquer defeito ou avaria de que possa provir perigo continuando a peça a fazer fogo, deverá dar disso conhecimento escrito ao comandante<sup>156</sup>.*

*Do oficial encarregado da pilotagem e das observações meteorológicas o oficial encarregado da pilotagem e das observações meteorológicas tem a seu cargo as cartas, roteiros, livros e todos os instrumentos demais objectos concernentes a esse serviço; Cumpre-lhe fazer a derrota, as observações e cálculos necessários á navegação, comunicar ao comandante os resultados obtidos, regista-los no respectivo diário, e finalmente auxiliar o comandante nos serviços de navegação<sup>157</sup>. Compete ao oficial encarregado da pilotagem fazer registo no livro de serviço de bordo, todas as ocorrências do serviço de navegação, durante as fainas gerais, postos de incêndio e postos de combate<sup>158</sup>.*

*Do oficial encarregado dos sinais tem a seu cargo os códigos e regimento de sinais e o material respectivo, e bem assim os faróis de navegação<sup>159</sup>; Terá um livro rubricado pelo comandante, no qual mencionará todos os sinais que forem feitos ou reconhecidos a bordo, especificando neste registo as horas e minutos precisos em que se houverem efectuado; Registará igualmente e com*

---

<sup>155</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 112.

<sup>156</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 113.

<sup>157</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 113.

<sup>158</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 114.

<sup>159</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 114.

*a mesma exactidão os sinais que fizerem quaisquer navios à vista, embora estes não pertençam à esquadra ou comboio*<sup>160</sup>.

Do oficial encarregado dos torpedos e dos aparelhos eléctricos o oficial encarregado do serviço de *torpedos tem a seu cargo todo o material de torpedos embarcado a bordo do navio, bem como todo o material de iluminação por meio de electricidade e das transmissões eléctricas que exista a bordo (...)*<sup>161</sup>. Na ocasião de desembarcar algodão-pólvora, o oficial encarregado dos torpedos assistirá a este serviço, mandando tomar todas as precauções regularmente para evitar qualquer acidente ao embarque, desembarque ou arrumação. Tomará todas as providências que julgue convenientes sempre que qualquer porção de algodão pólvora tenha de ser manipulada a bordo<sup>162</sup>.

Do primeiro médico, *cumpré ao primeiro médico atender ao estado sanitário da guarnição, visitar diariamente os doentes quer pertençam á guarnição, quer sejam passageiros, e desempenhar todo o serviço clínico pelo modo prescrito no respectivo regulamento; Deverá vacinar as praças da guarnição que disso carecerem, aproveitando para esse fim ocasiões oportunas*<sup>163</sup>. Dará ao oficial imediato um mapa designando os doentes que estiverem na enfermaria, os que entrarem novamente, os que tiverem alta e os devam ser dispensados do serviço; Por ocasião de embarque de indivíduos saídos de prisões, hospitais ou quaisquer lugares suspeitos de insalubridade, o primeiro médico examinará o estado de saúde destes indivíduos, dará parte ao comandante do que observar, proporá as medidas preventivas que julgar convenientes e indicará aqueles indivíduos que devam ser desembarcados por motivo de moléstia contagiosa (...)<sup>164</sup>; Examinará a qualidade e estado dos mantimentos, dietas e medicamentos, que se receberem a bordo, e examinará também o estado dos mantimentos na ocasião da distribuição, sempre que o julgue conveniente, ou quando lhe for determinado pelo imediato; Quando o navio fizer aguada, o médico examinará a qualidade da

---

<sup>160</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 115.

<sup>161</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 117.

<sup>162</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 118.

<sup>163</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 122.

<sup>164</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 123.

*água e se reconhecer nela princípios nocivos proporá ao comandante a aplicação dos meios que a ciência indica para a melhorar, quando se não possa obter outra de melhor qualidade<sup>165</sup>. O primeiro médico fará parte do conselho administrativo de bordo, como perito e com voto de qualidade, sempre que se trate da compra de medicamentos, dietas e mantimentos, ou de examinar as amostras destes géneros, e ainda quando haja de se fazer termo de qualquer deles por estarem deteriorados. O voto do médico é decisivo, quando opinar pela rejeição de um género como nocivo à saúde da guarnição<sup>166</sup>.*

*O maquinista encarregado recebe do comandante ou por intermédio do oficial imediato as ordens concernentes ao seu serviço, e pela mesma forma recebe as instruções sobre o serviço das máquinas, que forem expedidas pelo almirantado ou pelo chefe do serviço de máquinas, se o navio fizer parte de uma força naval; Terá a seu cargo as máquinas, caldeiras, máquinas auxiliares e todo o material correspondente, os aparelhos mecânicos que accionam as dínamos, as bombas de ar comprimido e acumuladores de ar comprimido e bombas reais do navio; Dirigirá todos os trabalhos importantes e necessários à conservação e reparação das máquinas e caldeiras; Prestará toda a atenção ao consumo do combustível e das substâncias oleosas empregadas nas máquinas, a fim de se evitarem extravios e despesas desnecessárias<sup>167</sup>. Passará as inspecções necessárias às caldeiras, e, para a conservação destas porá em prática todos os meios que determinem as instruções sobre este serviço, e as fará cumprir rigorosamente pelos seus subordinados; Fará e assinará o diário da máquina, sendo responsável pela sua exactidão, e navegando, no fim de cada singradura, entregará ao oficial imediato uma cópia do referido diário<sup>168</sup>; Fará parte do conselho administrativo de bordo como perito, sempre que se trate da compra de combustível ou de sobresselentes para a máquina<sup>169</sup>.*

---

<sup>165</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 125.

<sup>166</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 126.

<sup>167</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 128.

<sup>168</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 128.

<sup>169</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 131.

O encarregado de fazenda do navio *recebe directamente, ou por intermédio do oficial imediato, as ordens do comandante, e por igual modo participa na sua execução; Tem a seu cargo e sob sua responsabilidade todos os géneros e objectos recebidos a bordo pertencentes ao estado, que não tenham outros responsáveis; Exerce a bordo as funções de notário público, autenticando os actos que, segundo as disposições do código civil, devam ser autenticadas em terra pelos tabeliães e empregados da administração*<sup>170</sup>.

Agora no que concerne ao *Regulamento Geral* para o Serviço dos Navios do Serviço da Armada de 1917:

Em primeiro lugar o comandante, o qual é *responsável pela condução, segurança e conservação do navio, disciplina e preparação da guarnição, e em geral pela eficiência do pessoal e material, sendo que as responsabilidades dos seus subordinados não o ilibam. Para que esta responsabilidade seja efectiva, tem o pleno direito de fiscalizar todos os serviços de bordo ou neles intervir; porém, em circunstâncias normais, delegará essa fiscalização no imediato, nos termos do regulamento, indicando-lhe a latitude da sua intervenção nos vários serviços de bordo a cargo de oficiais, tendo sempre em mira dar a estes a iniciativa compatível com as suas competências*<sup>171</sup>. No impedimento temporário do comandante, o imediato substitui-o no exercício das suas funções, mas não goza dos seus direitos e prerrogativas. Na falta ou impedimento legal do comandante de qualquer navio, o comando interino recairá sucessivamente nos seguintes indivíduos: *Oficiais de marinha da guarnição, por ordem de graduação e antiguidade, até guarda marinha inclusive; Oficiais de marinha que se achem a bordo sem pertencerem à guarnição, pela ordem de graduação e antiguidade, até guarda marinha, inclusive. Oficiais das outras classes da Armada existentes a bordo por ordem de graduação e antiguidade. É presidente do conselho de administração do navio e claviculário do cofre nos termos de Administração da Fazenda Naval, devendo fazer reunir o mesmo conselho em todas as ocasiões designadas. Cumpre-lhe, em circunstâncias diversas, estudar as qualidades náuticas e militares do navio do seu comando, registando os resultados no livro de*

---

<sup>170</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 133-134.

<sup>171</sup> *Regulamento Geral* para o Serviço dos Navios do Serviço da Armada de 1917. p. 127.

armamento do navio<sup>172</sup>. Examinará diariamente, em viagem, visando-o o livro de registo de navegação; examinará amiudadas vezes os livros de registos do serviço diário ao navio e às máquinas, do registo clínico, de sinais, e radiografia, visando-os<sup>173</sup>. Todas as vezes que por causa de naufrágio ou por qualquer outra eventualidade, for indispensável abandonar o navio, o comandante empregará todos os meios ao seu alcance para manter a ordem, salvar a guarnição e passageiros, pôr a salvo os papéis de importância do navio, bem como todos os objectos que se encontram a bordo, devendo em primeiro lugar desembarcar doentes e feridos<sup>174</sup>. As ordens do comandante serão dadas em regra por intermédio do imediato; o comandante poderá, porém, dar directamente ordens aos chefes dos serviços, quando o julgarem conveniente<sup>175</sup>. Navegando, deverá escrever diariamente num livro próprio as suas ordens durante a noite, assinando-as. Este livro fica em poder do oficial de quarto<sup>176</sup>. Em cada navio e em poder do comandante haverá um Livro de armamento onde registará pelo seu próprio punho todos os elementos e factores que permitam definir o valor militar do navio. No mesmo livro registará tudo quanto possa interessar à história do navio desde o primeiro armamento<sup>177</sup>. Exigirá uma vez por ano os relatórios dos serviços de artilharia, torpedos e electricidade, pilotagem, saúde, máquinas, dos quais enviará cópias em duplicado à autoridade superior, acompanhando cada uma delas com o seu parecer, e conservando os originais no arquivo do navio. Os relatórios do chefe de contabilidade serão apresentados no fim de cada ano económico. Juntamente com as cópias dos relatórios a que se refere o artigo anterior, enviará à autoridade superior o seu relatório, o qual versará especialmente sobre os seguintes pontos: Ocorrências dignas de menção; Estado de conservação e eficiência do material; Estudos feitos sobre o navio ou qualquer das suas partes, quer pelo próprio comandante, quer por algum dos oficiais; Relações exteriores, no caso do navio isolado<sup>178</sup>.

---

<sup>172</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 128.

<sup>173</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 129.

<sup>174</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 130.

<sup>175</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 131.

<sup>176</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 132.

<sup>177</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 133.

<sup>178</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 135-136.

Consideramos, de seguida, a documentação existente no fundo, para a confrontarmos com a legislação, sendo que: podemos sublinhar a falta do livro de armamento do navio, livro de registo de navegação. Assim como dos relatórios que lhe eram entregues todos os anos.

Já no que concerne ao serviço geral de artilharia, em particular ao seu chefe, este é responsável pela boa execução do serviço de tiro, compreendendo a sua regulamentação, municiamento e manobra da bateria<sup>179</sup>. O chefe de serviço de artilharia é responsável pela existência, conservação e eficiência de todo o material de artilharia, incluindo paióis e monta-cargas, bem como do armamento portátil, sendo os comandantes das companhias responsáveis para com ele pelo material que competir a essas companhias. O chefe do serviço de artilharia é directamente responsável pelo material de salvas, munições das armas portáteis, armamento do serviço geral do navio, e todo o outro material, que não esteja distribuído pelas companhias, sendo também directamente responsável pela conservação e arrumação dos paióis e outros compartimentos onde aquele material esteja arrecadado. Cobrará recibo dos oficiais a quem distribuir armamento, a pedido deles ou por ordem superior, ficando estes oficiais responsáveis para com ele pela conservação destas armas e equipamento. Cobrará recibo dos oficiais a quem distribuir armamento, a pedido deles ou por ordem superior, ficando estes oficiais responsáveis para com ele pela conservação destas armas e equipamento. Fará distribuir as armas portáteis pelas companhias, reservando algumas para o serviço geral do navio, conforme indicações do imediato. Passará revista a cada companhia de artilharia, acompanhado dos respectivos comandantes, com o pessoal a postos, assistindo ao movimento das peças em elevação e direcção e ao funcionamento do monta-cargas. Passará inspecção ao armamento portátil e respectivo equipamento de cada companhia, acompanhado pelo comandante desta, para o que formarão todas as praças com o seu armamento, devidamente equipadas<sup>180</sup>. Sempre que a artilharia ou o armamento portátil tenham de servir em fogo, o chefe de serviço de artilharia, acompanhado dos respectivos comandantes das

---

<sup>179</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 230.

<sup>180</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 231.

*companhias, procederá a uma cuidadosa inspecção, a qual será repetida terminado o serviço de fogo depois de feita a limpeza. Sempre que se avaria ou se descobrir qualquer defeito numa boca-de-fogo que prejudique a sua segurança, deverá o chefe de serviço de artilharia comunicá-la por escrito ao comandante do navio. Logo que entender que o estado das pólvoras não é satisfatório, ou que estão sendo sujeitas a temperaturas demasiadas, deverá propor por escrito ao comandante as medidas que entenda conveniente adoptar. Exigirá aos comandantes das companhias a nota de temperaturas dos paióis, bem como sempre que o julgue necessário, ou quando lhe for ordenado pelo comandante. Assistirá ao embarque e desembarque das munições, assim como a sua transferência de um para outro paiol, tomando as precauções precisas para evitar pancadas, temperaturas elevadas e proximidades de luzes não eléctricas, bem como outras recomendadas nas instruções especiais ou que a experiência o aconselhe, e requisitará do oficial de dia ao navio, os meios precisos para exercer essas precauções quando isso se tornar necessário. Depois de terminado o embarque, desembarque ou remoção de munições, passará revista aos paióis, acompanhado dos respectivos chefes das companhias<sup>181</sup>. Não consentirá que nos paióis se arrumem artificios explosivos designando, de acordo com o imediato, o lugar onde estes artigos devem ser arrecadados. Deve ter o maior cuidado na conservação da superfície dos projecteis, dando as ordens precisas aos comandantes das companhias para que sejam beneficiados, sempre que disso careçam, e pintados com as cores regulamentares. O chefe do serviço de artilharia deve apresentar ao imediato, a fim de receber o visto do comandante e ser remetido directamente à direcção geral de material de guerra, o balancete das munições, nota das avarias e benefícios, gráficos de temperaturas e estado higrométrico dos paióis. Extraordinariamente, apresentará a nota das alterações ocorridas nas bocas-de-fogo e reparos. O chefe do serviço de artilharia é director de tiro e como tal compete-lhe: 1.º Instrução do pessoal de regulação; 2.º A responsabilidade do material de regulação, sua conservação e eficiência; 3.º A direcção superior da instrução de pontaria, municionamento e carregamento, nos termos do regulamento de*

---

<sup>181</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 232.

*tiro da armada; 4.º A realização de conferências aos oficiais seus subordinados, sobre tiro, preparação para combate e serviços que o navio pode desempenhar em combate*<sup>182</sup>. Requisitará ao comando do navio as praças que julgar aptas para os serviços de regulamentação de tiro, nos termos do regulamento de tiro da armada. Ao chefe do serviço de artilharia compete dirigir a construção e manobra dos alvos para exercício de tiro, para o que requisitará do imediato e dos comandantes das companhias de artilharia e manobra o pessoal e material necessário. As salvas serão comandadas pelo chefe de serviço de artilharia, e na sua ausência ou impedimento, por um dos comandantes das companhias de artilharia, e manobras designado pelo imediato, ou, na falta destes, pelo oficial de dia ao navio. Requisitará dos comandantes das companhias o pessoal preciso para serviço de carregamento de salvas e outros que julgue necessários ordenar, tendo previamente obtido autorização do imediato<sup>183</sup>.

Consideramos então o adjunto de tiro, uma subunidade do serviço geral de artilharia à qual *compete cuidar da conservação e eficiência dos aparelhos de medição de distância e azimutes para serviço de tiro, bem como dos transmissores de ordens para o mesmo serviço*<sup>184</sup>.

Ao pessoal de regulamentação no contexto do Serviço geral de artilharia, mas enquanto subunidade, *tem por função os medidores de distâncias e azimutes, transmissores para a bateria e paióis e marcadores de pontos de queda, e será escolhido conforme o regulamento de tiro da armada*<sup>185</sup>.

Fiel geral de artilharia, mais uma subunidade sob o mesmo serviço à qual *é responsável para com o seu chefe de serviço, pela conservação do material de artilharia não distribuído pelas companhias, exceptuando o armamento distribuído a oficiais e o material a cargo do adjunto de tiro. Ao fiel geral de artilharia compete receber e entregar nos respectivos depósitos todo o*

---

<sup>182</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 233.

<sup>183</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 234.

<sup>184</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 235.

<sup>185</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 235.

*material de artilharia e munições. É responsável pela arrumação de todo o material de salvas, munições de armas portáteis e qualquer outro que não esteja distribuído pelas companhias, conforme indicação*<sup>186</sup>.

Deste serviço não existe documentação. Sendo de sublinhar que aqui falta a vária documentação exigida pelo chefe de serviços artilharia, como as notas de temperaturas dos paióis.

No que concerne ao serviço de torpedos e electricidade, em particular ao seu chefe, este *fará observar as seguintes regras gerais sobre armazenamento dos explosivos de torpedos: As ogivas de combate dos torpedos, as minas submarinas, bem como as cargas destinadas aos mesmos e que se encontrem fora das ogivas ou das minas, devem ser armazenadas em paióis afastados de quaisquer explosivos instáveis ou facilmente detonantes; As escorvas de quaisquer espécies devem estar também afastadas quanto possível das ogivas de combate e minas submarinas, ou das respectivas cargas que se achem fora das ogivas ou das minas; Os detonadores devem achar-se afastados quanto possível de quaisquer cargas explosivas e das respectivas escorvas, e armazenados em paióis especiais destinados aos explosivos perigosos. Terá em atenção as ogivas de combate, bem como quaisquer tipos de minas existentes a bordo, ou as cargas explosivas que para esse fim existam, sejam armazenadas em paióis adequados, e sobre a sua conservação e arrumação observará as prescrições do regulamento especial do serviço de torpedos. Fará observar as prescrições do regulamento especial do serviço de torpedos, sobre tubos e aparelhos de lançamento. É responsável pela eficiência dos serviços que dirige e pela educação do pessoal empregado nos mesmos serviços*<sup>187</sup>. É responsável para com o comandante pela preparação para combate do pessoal que lhe está directamente subordinado. Na ocasião de embarcar ou desembarcar as ogivas de combate dos torpedos, bem como as cargas explosivas, quando estas se recebam fora das respectivas ogivas, e ainda as minas submarinas, deverá assistir a este serviço, mandando tomar todas as precauções para evitar um acidente. Proceder ao exame das cargas

---

<sup>186</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 235.

<sup>187</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 237.

*explosivas a seu cargo, efectuando todas as provas regulamentares. O resultado da inspecção ficará registado no livro-registo do serviço de torpedos e electricidade, bem como no livro histórico do material de torpedos. Deverá ler e visar o livro registo dos torpedos e electricidade, escriturado pelo contramestre torpedeiro, e o livro-registo de reparações e consertos de material eléctrico e de torpedos, escriturado pelo artífice torpedeiro<sup>188</sup>. Terá a sua responsabilidade o material de mergulhador, por cuja existência é responsável, e dirigirá o serviço de mergulhação, sendo o instrutor do respectivo pessoal, vigiando pela boa conservação e eficiência dos aparelhos e pela segurança do pessoal<sup>189</sup>. Deverá ter um livro de registo histórico do material a seu cargo dividido nas seguintes partes: 1.<sup>a</sup> Órgãos geradores; 2.<sup>a</sup> Órgãos receptores mecânicos; 3.<sup>a</sup> Projectores eléctricos; 4.<sup>a</sup> Iluminação do navio; 5.<sup>a</sup> Quadros de distribuição; 6.<sup>a</sup> Órgãos transmissores; 7.<sup>a</sup> Torpedos e tubos de lançamento; 8.<sup>a</sup> Cargas explosivas dos torpedos; 9.<sup>a</sup> Minas submarinas; 10.<sup>a</sup> Material de mergulhador. Terá a seu cargo os motores de cabrestantes e guinchos, quando forem eléctricos, assim como os cabrestantes e guinchos respectivos<sup>190</sup>.*

Nesta unidade podemos encontrar várias subunidades, nomeadamente:

*Na subunidade oficial maquinista ou oficial inferior de máquinas tem a seu cargo as bombas de compressão, acumuladores de ar comprimido e aparelhos mecânicos que dão movimento aos dínamos geradores, bem como os que recebem movimento dos electromotores, que não estão adstritos a serviços especiais incluindo os guinchos e cabrestantes<sup>191</sup>.*

O contramestre torpedeiro tem como *competências em navios menores serão as funções do artífice torpedeiro acumuladas com outros serviços por um condutor de máquinas, desempenhando as do contramestre torpedeiro ou a praça mais elevada da especialidade. É responsável pelo pessoal do serviço*

---

<sup>188</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 238.

<sup>189</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 239.

<sup>190</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 240.

<sup>191</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 241.

*de torpedos e electricidade, em tudo o que diga respeito à condução e conservação das instalações eléctrica, manejo, serviço e exercício de torpedos. Organiza o pessoal do serviço se electricidade conforme as dirigindo, conforme indicações do mesmo chefe, todas as reparações de artífice torpedeiro para a sua execução. Vigia o serviço de quartos efectuado pelos electricistas de bordo, fazendo com que os chefes de quarto destes serviços escrevem no livro registo dos serviços de electricidade e torpedos as ocorrências e mais indicações respeitantes ao material e serviço de torpedos e electricidade<sup>192</sup>.*

*Artífice torpedeiro, o qual tem por competências todas as reparações de oficina do material eléctrico e de torpedos, bem como quaisquer outras deste serviço, que existam aptidões para a sua execução. Tem a seu cargo todas as montagens, desmontagens e beneficiação do material de torpedos, sob as indicações do chefe deste serviço, funcionamento de acumuladores, sua conservação e arrecadação do material sobresselente. Deve escriturar um livro de oficina (registo de serviço de reparações), em que mencionará todas as reparações e consertos efectuados, devendo este livro ser presente todos os dias, pelas nove horas, ao chefe do serviço de torpedos e electricidade, que o visará<sup>193</sup>. Apresenta ao chefe do serviço de torpedos e electricidade, as requisições ordinárias necessárias, respeitantes ao serviço de torpedos e electricidade, e extraordinárias em qualquer dia, quando se torne necessário<sup>194</sup>.*

*Aos cabos torpedeiros compete: Ser chefes dos tubos de lançamento de torpedos; Ser chefes dum grupo de praças e duma secção do navio compreendendo um determinado número de aparelhos eléctricos, sendo responsáveis pela beneficiação, limpeza arrumação e funcionamento dos aparelhos e órgãos eléctricos que fazem parte da secção que lhes foi designada; Ser chefes de quarto do serviço de electricidade, quando o desenvolvimento dos serviços eléctricos exigir a necessidade dum chefe de*

---

<sup>192</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 242.

<sup>193</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 243.

<sup>194</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 244.

quarto; *Desempenhar as funções designadas para o contramestre torpedeiro, quando este não exista a bordo, quer por falta temporária, quer porque a tripulação o não designe*<sup>195</sup>.

*Primeiros e segundos torpedeiros aos quais compete: Guarnecer os tubos de lançamentos e efectuar todos os trabalhos, exercícios e manobras consignados no regulamento do serviço de torpedos e quaisquer outros que lhes forem designados pelo oficial chefe deste serviço ou pelos respectivos intermediários; Conservar, limpar e beneficiar os diferentes mecanismos dos torpedos e quaisquer órgãos que com eles se relacionam e que pelos detalhes de bordo lhes forem designados; Conservar, limpar, beneficiar, fazer, fazer funcionar e reparar na parte compatível com as suas aptidões os diversos órgãos e aparelhos eléctricos, que lhes forem distribuídos pelo detalhe respectivo; Fazer quartos de serviço aos dínamos e às instalações eléctricas, devendo a praça mais graduada em cada quarto de serviço ser considerada chefe de quarto, e nessa conformidade cumprir todas determinações consignadas para o chefe de quarto dos serviços de electricidade; Ser paioleiros de material eléctrico e de torpedos. As praças mais graduadas podem substituir os cabos nas suas funções*<sup>196</sup>.

Compete às praças não especializadas, ou doutras especialidades, adstritas ao serviço de torpedos e electricidade, *auxiliar nas limpezas, conservação e restauro do material de torpedos e electricidade, na parte compatível com as suas aptidões, podendo entrar na composição da guarnição dos tubos de lançamento e fazer quartos na estação geradora e nas instalações eléctricas quando as suas aptidões o permitam e as conveniências o exijam, sob a responsabilidade do chefe de serviço de torpedos e electricidade*<sup>197</sup>.

Paioleiros do material eléctrico e de torpedos são as *praças especialmente encarregadas da armazenagem, arrumação e conservação do material eléctrico e de torpedos em depósito, bem como de paióis deste material, e*

---

<sup>195</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 244.

<sup>196</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 244-245.

<sup>197</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 245.

*são responsáveis directamente pelo cumprimento destas obrigações para com os fieis do material eléctrico e de torpedos*<sup>198</sup>.

Deste serviço não restou documentação, embora fosse produzido o livro histórico do material de torpedos e o livro registo dos torpedos e electricidade.

Considerando agora o serviço de pilotagem, mais precisamente o seu chefe no âmbito das suas competências é *o auxiliar do comandante em todos os serviços que se relacionem com a navegação, e responsável pela exactidão dos cálculos náuticos e regulação de cronómetros, agulhas e demais aparelhos a seu cargo. Tem a seu cargo: as cartas, os roteiros, os livros e todos os instrumentos e demais objectos concernentes a este serviço. Auxilia o comandante na derrota do navio, e neste particular tem o direito e o dever de olhar pela navegação e de prevenir o oficial de quarto e o comandante quando a julgar perigosa. Verifica a exactidão das ampulhetas e a graduação das linhas de barca e de prumo, bem como examina o estado dos silómetros e dos aparelhos de prumar. O chefe do serviço de pilotagem, quando o navio esteja fundeado, determinará frequentemente os estados absolutos, pela observação dos sinais horários e por observações astronómicas, e estudará com maior cuidado o regime dos cronómetros. Comunicará aos oficiais o estado absoluto e a marcha do contador*<sup>199</sup>. Quando haja exercício de fogo de artilharia, tomará todas as precauções para subtrair aos abalos produzidos pelos tiros todos os instrumentos que estão a seu cargo. Terá especial cuidado no transporte e colocação dos cronómetros e em evitar todas as causas que lhes possam alterar a marcha. Estando o navio fundeado, dará ordens convenientes para que todos os relógios de bordo sejam regulados pela hora local, e calculará as horas do por do sol, fazendo uma tabela que mandará afixar nos locais convenientes. Registarà no livro de serviço de bordo, todas as ocorrências do serviço e navegação, durante as fainas gerais, postos de incêndio, postos de combate e outros. Dirige e executa as observações meteorológicas determinadas para conhecimento dos ventos e

---

<sup>198</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 245.

<sup>199</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 246.

*correntes, dando execução às instruções que houver recebido sobre este serviço. Dirigirá a instrução dos guardas-marinhas e aspirantes, relativa aos diários náuticos, observações e cálculos de navegação e participará ao imediato a opinião que tiver sobre a inteligência e aptidão que eles houverem manifestado no desempenho destes deveres<sup>200</sup>. Exercerá uma vigilância contínua sobre as agulhas magnéticas, determinando frequentemente os desvios, elaborando as respectivas tabelas e diagramas e fazendo remover tudo quanto possa ser causa de perturbações magnéticas. Afixará na casa de pilotagem as tabelas de desvios da agulha-padrão e das de governos, conservando-as sempre em dia. Rectificará a compensação das agulhas de bordo sempre que esta operação se torne conveniente, depois de devidamente autorizada pelo comandante. Terá especial atenção a que os elementos necessários para a determinação do ponto estimado sejam avaliados com o maior cuidado. Navegando, fará as observações astronómicas necessárias para determinar a posição do navio ao meio dia; fazendo também estas observações sempre que lhe for ordenado pelo comandante ou julgue útil determinar uma nova posição do navio. Ao chegar a um porto com uma derrota de mais de 24 horas, só entra na escala do serviço diário ao navio passadas 24 horas do navio ter fundeado. Tem a seu cargo os faróis de navegação, e cumpre-lhe velar pelo seu bom funcionamento. Deverá proceder à leitura do calado do navio a ré e a vante, quando o navio estiver para largar, e logo depois de surto, registando essa leitura no livro-diário de navegação, quando escrever o serviço de faina geral<sup>201</sup>.*

O contramestre de sinais, subunidade do Serviço de pilotagem tem por competências auxiliar o chefe do serviço de pilotagem, em todos os serviços que lhe forem determinados. Terá especial cuidado na arrumação e acondicionamento das cartas e roteiros, bem como de todos os livros do serviço de pilotagem. Exercerá a maior vigilância sobre todos os instrumentos e demais objectos do serviço de pilotagem, evitando tanto quanto possível a sua deterioração, quer pela acção do tempo, quer por causas accidentais, como balanço, temporal, fainas de carvão, etc. Diligenciará que as

---

<sup>200</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 247.

<sup>201</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 248.

*ampulhetas, linhas de barca e de prumo, e os silómetros estejam acondicionados nos lugares próprios e convenientes para serem rapidamente utilizados quando necessário*<sup>202</sup>.

Considerando agora o serviço de sinais, iniciando a análise com o seu chefe este terá a seu cargo o material, aparelhos e instalações destinadas ao serviço de sinais de dia e de noite, incluindo neles a radiotelegrafia e os sinais submarinos. Terá também a seu cargo os códigos e regimento de sinais, sendo responsável pelo seu extravio<sup>203</sup>. Sendo que como funções regista com exactidão, os sinais que fizerem quaisquer navios à vista, embora estes não pertençam à esquadra ou comboio, quando pela sua importância se justifique este registo. Terá a seu cargo os serviços de radiotelegrafia e sinais submarinos a bordo dos navios a bordo dos navios de guerra, devendo providenciar sobre a eficiência deste serviço e perfeita conservação de todo o material respectivo. Tem às suas ordens os sinaleiros e pessoal do posto radiotelegráfico, competindo-lhe dirigir a instrução destas praças e ainda quaisquer outras no serviço da sua especialidade<sup>204</sup>. Vigiará com particular atenção o estado e o funcionamento dos aparelhos de governo, assegurando-se que estão tomadas as providências precisas, para remediar qualquer avaria que possa dar-se nos comandos dos mesmos aparelhos. Tem também em especial atenção o estado e o funcionamento dos aparelhos de transmissão de ordens de manobra do navio, que põem em comunicação o posto de navegação ou o blockhause com as diversas partes do navio. Estuda e propõe as medidas a tomar para assegurar as comunicações em caso de avaria ou destruição destes aparelhos. É responsável para com o comandante, pela instrução profissional e pela preparação para combate, do pessoal que lhe está directamente subordinado<sup>205</sup>.

Considerando agora as subunidades deste serviço:

---

<sup>202</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 249.

<sup>203</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 249.

<sup>204</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 250.

<sup>205</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 251.

Contramestre de sinais tem como funções: *Auxiliar tanto o chefe do serviço de sinais como o chefe do serviço de pilotagem nos seus cargos*<sup>206</sup>. *Cumprir-lhe vigiar todo esse serviço, dar instrução de sinais às praças da especialidade e cuidar pelo bom estado de todo o material de sinais. Vigia com cuidado os aparelhos de sondar. Assegura-se frequentes vezes do bom estado dos prumos que a bordo se empregam. De três em três meses, e mais a miúdo se o julgar conveniente, ou quando lhe for ordenado, verifica as graduações das linhas de sonda, bem como das linhas de barca e o estado das ampulhetas. Terá especial cuidado em que todos os dias antes do por do sol sejam experimentados os aparelhos de sinais de noite, bem como, a navegar, os faróis de navegação, e que dessas experiências seja dada parte ao oficial de dia ou de quarto*<sup>207</sup>.

Fiel de posto radiotelegráfico tem por funções: *ser diretamente para com o chefe do serviço de sinais, pelo bom funcionamento do serviço radiotelegráfico assim como pela conservação e limpeza do posto, competindo-lhe as seguintes atribuições: distribuir o pessoal do serviço rádio telegráfico conforme detalhe; registrar num livro-diário todas as comunicações radiotelegráficas conforme os apontamentos que receber do pessoal empregado no serviço; instruir o pessoal no serviço radiotelegráfico, dirigindo os exercícios conforme as indicações do chefe do serviço de sinais*<sup>208</sup>.

Passando agora a um novo serviço, o serviço de saúde, e analisando as funções do seu chefe: *superintender todo o serviço de saúde, velando pelo seu bom desempenho e pelo cumprimento das disposições regulamentares sobre os assuntos da sua especialidade*<sup>209</sup>. *Antes do navio sair dos portos, inspeccionará cuidadosamente todas as praças, especialmente do ponto de vista de doenças graves, epidémicas ou contagiosas, fazendo baixar ao hospital as que estiverem nestas circunstâncias e as que não possam seguir viagem sem correr risco de vida. Requisitará os instrumentos cirúrgicos,*

---

<sup>206</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 251.

<sup>207</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 252.

<sup>208</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 254.

<sup>209</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 256.

*pensos assépticos individuais, medicamentos, dietas, apósitos, e roupas que julgar necessários para tratamento dos doentes, conforme disposto no regulamento de saúde naval<sup>210</sup>. Indicará ao comandante as regras de higiene a que devem obedecer os exercícios físicos de remos, natação, ginástica e jogos atléticos que as praças executarão em períodos regulares, em conformidade com o horário do serviço de bordo<sup>211</sup>. Fará parte do conselho administrativo como perito, em harmonia com o disposto no regulamento da fazenda. Dará diariamente ao oficial imediato um mapa designando os doentes que estiverem na enfermaria, os que entrarem novamente, os que tiverem alta e os que apenas devam ser dispensados do serviço. Em caso de falecimento de qualquer pessoa a bordo, dará a respectiva parte ao oficial de quarto ou de dia e ao imediato do navio, indicando a hora a que o cadáver deverá ser lançado ao mar, ou levado para terra para lhe dar sepultura<sup>212</sup>.*

No que concerne às subunidades existentes neste serviço:

*Os enfermeiros terão como auxiliares no serviço que desempenham um ou mais serventes, conforme a lotação do navio, que serão todos grumetes e não poderão ser distraídos para outros cargos<sup>213</sup>. Requisitarão os géneros necessários para as dietas dos doentes, tomando nota dos artigos que se forem consumindo. Entregarão ao chefe de saúde mensalmente e quando lhes for determinado, uma relação de todos os medicamentos e apósitos que se forem consumindo diariamente com o tratamento dos doentes. Requisitarão, por escrito o material necessário à enfermaria, sujeitando ao visto do médico todas as requisições que fizerem<sup>214</sup>.*

*Os Serventes da enfermaria farão as camas, as limpezas da enfermaria e suas dependências e as dos doentes. Deverão ser rendidos por outros, quando o chefe de serviço de saúde o entender conveniente, ou quando tiverem*

---

<sup>210</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 257.

<sup>211</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 258.

<sup>212</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 262.

<sup>213</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 265.

<sup>214</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 267.

*adquirido os conhecimentos práticos necessários para os socorros a feridos, em que todas as praças devem ser instruídas*<sup>215</sup>.

Analisando agora o serviço geral de máquinas, considerando em particular o seu chefe: este, por função, tem a seu cargo as *máquinas propulsoras, caldeiras e todas as máquinas auxiliares, as máquinas frigoríficas e seus motores, motores de escaleres a vapor e automóveis (excepto eléctricos), bombas de compressão de água, motores de explosão e todo o material sobressalente que corresponda àquele que tem a seu cargo. Os motores de explosão, nos navios que não tenham oficiais nem oficiais inferiores de máquinas para o serviço efectivo de bordo, estarão a cargo do chefe do serviço de torpedos e electricidade*<sup>216</sup>. Providenciará que para o serviço das máquinas e caldeiras haja, além do livro de registo histórico, os seguintes livros de registos: Um livro de registos do número de horas de funcionamento das caldeiras, a fim de se equilibrar, tanto quanto possível, o trabalho das mesmas, escriturado pelo chefe do serviço de máquinas; Um livro de registo da conta corrente do consumo de combustível e lubrificantes, do qual constará tudo quanto interesse à quantidade, arrumação, dispêndio e receção de combustível e lubrificantes, escriturado pelo encarregado deste serviço; Um livro de serviço diário, no qual se mencionarão todos os factos que interessam ou se relacionam com este serviço, especialmente: máquinas e caldeiras em funcionamento, avarias ocorridas, reparações efetuadas, outros trabalhos e ajustamentos, consumos de óleos, água combustível, movimento do pessoal, escriturado pelo oficial de dia às máquinas e caldeiras; Um livro-diário do serviço de máquinas, navegando, no qual serão mencionadas todas as ocorrências e factos que disserem respeito às máquinas e caldeiras, escriturado pelo oficial que saiu desse serviço; Um livro-diário dos trabalhos de oficina, no qual se mencionarão, todos os concertos, reparações e confecções nela efectuados, escriturados pelo encarregado da mesma; Um livro-diário do movimento do paiol ou paióis de máquinas e caldeiras, escriturado pelo fiel respectivo. Os livros registos visados pelo chefe do

---

<sup>215</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 268.

<sup>216</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 268.

*serviço de máquinas, com excepção daqueles que ele escritura<sup>217</sup>. Quando os motores de cabrestante e guinchos forem de vapor ou outro agente, salvo electricidade, estarão a cargo do chefe do serviço de máquinas, assim como os cabrestantes e guinchos respectivos. Exceptuando-se os cabrestantes de barras, cuja conservação e funcionamento fica a cargo do mestre do navio. Os cabrestantes, guinchos e seus motores deverão ser experimentados amiudadas vezes sempre que seja possível, devendo ser prevenido o chefe dos serviços gerais, a fim de assistir a essas experiências<sup>218</sup>. Os relatórios do chefe de serviço de máquinas deverão ser dirigidos ao comandante do navio e versar sobre os seguintes pontos: cuidados com a conservação do material; avarias sofridas durante a sua reparação; estado actual do material; alterações introduzidas e propostas; regime económico e técnico das máquinas e caldeiras durante o seu funcionamento; todas as outras indicações que possam elucidar acerca do funcionamento e conservação do material; cuidados com a preparação do pessoal; estado actual do pessoal sob os pontos de vista de preparação profissional e disciplina<sup>219</sup>. Como competências, este deve, em todas as entradas e saídas dos portos, atender, pessoalmente na casa das máquinas, a que todas as ordens sejam devidamente executadas e, durante o dia ou noite visitará todas as dependências da máquina para verificar se as ordens de serviço são rigorosamente cumpridas. Compete a arrecadação, no paiol que julgar mais adequado, dos combustíveis voláteis, destinados não só ao seu serviço, como a qualquer outro dos serviços de bordo, usando-se para esse fim depósitos volantes de ferro como rolha estanque. Caso haja no seu serviço depósitos fixos para combustíveis, deverá ordenar que lhes passem frequentes inspecções, bem como às suas tabuladoras<sup>220</sup>.*

Considerando agora o fiel de máquinas a subunidade do serviço geral de máquinas, o lugar será desempenhado por um condutor de máquinas nos navios que tenham ao serviço de máquinas cinco ou mais condutores, e nos

---

<sup>217</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 268-269.

<sup>218</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 270.

<sup>219</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 272-273.

<sup>220</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 270.

*outros navios por uma praça, sendo possível um cabo fogueiro. Nenhum condutor ou cabo poderá desempenhar o lugar de fiel por mais de um ano, no mesmo navio. Nos navios que tenham poucos condutores de máquinas poderá o lugar de fiel ser acumulado com o de sargento de campanha e nestes casos ficará dispensado do serviço de escala<sup>221</sup>. É responsável para com o respectivo chefe de serviço, por todo o material em arrecadação nos paióis de máquinas, incluindo ferramentas, sobressalentes e materiais de limpeza<sup>222</sup>.*

Faltam, o livro-diário dos trabalhos de oficina, o livro-diário do movimento do paiol ou paióis de máquinas e caldeiras, assim como o livro de registo da conta corrente do consumo de combustível e lubrificantes.

Passando agora ao serviço de contabilidade, considerando o seu chefe, no que concerne às suas funções cabe-lhe *dirigir todos os serviços administrativos desse navio e é responsável, para com a Fazenda Nacional, por todo o material que conste dos seus livros de carga e, para com o conselho administrativo, pela boa ordem na arrumação de toda a escrita, pela pontualidade na sua execução, por todos os erros e lapsos que cometa no exercício das suas funções, pela aceitação e uso de documentos sem selo ou indevidamente selados e pela remessa dos livros às repartições competentes nas épocas fixadas nos respectivos regulamentos. O chefe do serviço de contabilidade de um navio é responsável pela arrumação do material a seu cargo nos respectivos paióis e porões e bem assim pela beneficiação dos mesmos. Nos navios em que houver outro oficial da administração naval, além do chefe do serviço de contabilidade, terá esse oficial especialmente a seu cargo e responsabilidade a conta do material, sendo por esse facto separadas as responsabilidades de que trata esse artigo, conforme um e outro oficial<sup>223</sup>. Tomando agora em consideração as suas competências este deverá: ter em atenção que o navio se ache completamente abastecido quando lhe seja determinada alguma comissão, para o que organizará as necessárias requisições em harmonia com as instruções que receber do comandante;*

---

<sup>221</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 273-274.

<sup>222</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 274.

<sup>223</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 276-277.

*evitar que os géneros e material a seu cargo se deteriorem ou descaminhem, para o que mandará proceder a balanços aos respectivos paióis sempre que o julgue conveniente, e bem assim às beneficiações que forem necessárias, requisitando-as em sessão do conselho administrativo ou fora das sessões quando seja urgente; ter sob sua guarda as chaves dos paióis de géneros sobressalentes; propor ao conselho administrativo o sargento ou praça que deva desempenhar as funções de fiel de géneros; apresentar ao conselho, ou directamente ao presidente quando o conselho não esteja reunido, todas as informações que forem necessárias para seu esclarecimento, sobre assuntos que digam respeito à administração naval; dar execução às deliberações tomadas em conselho na parte que for da sua competência, e bem assim cumprir as instruções que receber directamente do presidente, ou por intermédio do imediato, fora das sessões e sob a responsabilidade do presidente<sup>224</sup>. Quando essas instruções lhe forem dadas directamente pelo presidente, comunicá-las há em primeiro lugar ao imediato; ter em dia as leis, decretos e regulamentos da marinha de guerra, exercendo as funções de consultor do comando<sup>225</sup>.*

Se sob uma perspectiva legal o organismo parece fazer perfeito sentido, dentro do contexto de um sistema orgânico vertical, com uma aparentemente pesada carga burocrática, que exige aos seus participantes frequentemente requerem vistos por parte do seu superior hierárquico, como podemos deferir por exemplo da interacção entre o enfermeiro e o médico, no caso da requisição de medicamentos, ou no caso dos artífices torpedeiros perante o chefe de torpedos e electricidade, ao qual devem apresentar diariamente o livro de oficina. Sendo que todos os serviços deveriam responder perante o comandante, o qual analisava diariamente os livros de registo dos vários serviços. A questão que se levanta é que no fundo não se encontram todos os livros de registos que deveriam existir, embora se admita que a documentação tenha sido eliminada, o que neste momento é impossível determinar. No que concerne, aos documentos produzidos pela contabilidade,

---

<sup>224</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 277-278.

<sup>225</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 278.

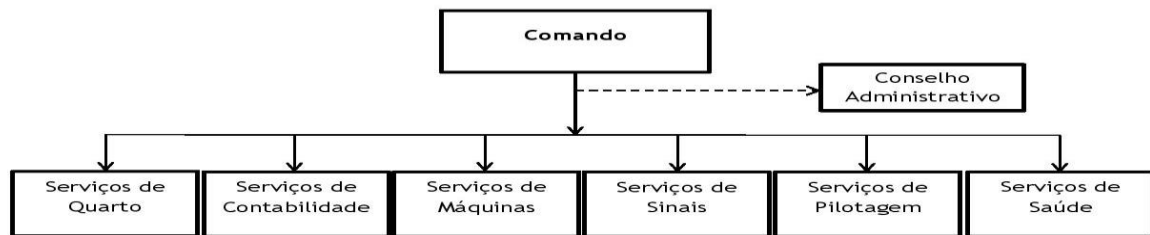
estes ainda se encontram em arquivo intermédio, o que tendo em conta a antiguidade do fundo levanta algumas questões sobre a racionalidade do processo.

Outra questão que se coloca inúmeras vezes praticamente em todas as secções deste fundo é a discrepância entre a vida útil da canhoneira quando relacionado com a documentação produzida, algo que pode ser observado inúmeras vezes, podemos dar como exemplo a entrada que se refere ao Registo de Conta, e à sua destruição a qual atravessa os anos de 1910 a 1929, faltando os restantes anos, registo de rádios e boletins apenas de 1927 a 1930, alardo geral da guarnição 1910 a 1912. Ao longo de todo o fundo este problema repete-se constantemente, quando analisamos as unidades individualmente foi possível observar este problema embora o problema não tenha sido abordado, agora considerando o todo o fundo.

A questão que aqui se coloca será se é possível averiguar se o sistema de informação da canhoneira efectivamente funcionava de acordo com a legislação existente, uma vez que como iremos constatar se torna difícil comprovar os motivos para o desaparecimento de parte da documentação, pois é necessário tomar em linha de conta que, se hoje em dia existe uma preocupação por parte da Marinha com o seu espólio documental, durante muito tempo não foi assim. Com uma análise mais crítica podemos considerar que existem elementos que é natural que tenham desaparecido ou sido eliminados tais como as notas de temperatura dos paióis. Por outro lado, o livro de armamento escrito pelo comandante poderia ter mais relevo conservar, desapareceu, já no que concerne à correspondência, aparentemente foi mantida toda a documentação tendo em conta que boa parte do fundo é por esta constituída.

## Organograma

Desenhamos apenas o organograma e explicamo-lo em texto. Representação gráfica dos órgãos e unidades orgânicas/serviços, objectivos, conteúdos funcionais/atribuições e actividades e materialização dessas actividades em unidades de informação.



Podemos procurar resumir os diferentes cargos do seguinte modo:

Comandante é o responsável máximo do navio respondendo perante as instâncias superiores da Marinha, nomeadamente a Majoria Geral da Armada. No interior do navio os responsáveis dos vários serviços respondem perante ele. Sendo responsável pela sua condução, segurança e conservação do navio, assim como pela disciplina e preparação da guarnição.

Oficial de quarto responsável por dirigir os serviços náuticos durante um quarto de navegação agindo em representação do comandante.

O chefe do serviço de pilotagem, cabe-lhe fazer a derrota, as observações e cálculos necessários á navegação, comunicar ao comandante os resultados obtidos, regista-los no respectivo diário, e finalmente auxiliar o comandante nos serviços de navegação. Na Ordenança Geral da Armada de 1917, também tinha competências relativas às observações meteorológicas.

Chefe do serviço de sinais tem por função registar todos os sinais efectuados, assim como os sinais realizados por navios avistados, tendo a seu cargo a radiotelegrafia, os sinais submarinos, os códigos e o regimento de sinais.

O chefe do serviço de saúde cabe o estado de saúde da guarnição, devendo superintender todo o serviço de saúde.

O chefe do serviço de máquinas tem a seu cargo as máquinas, caldeiras, máquinas auxiliares e todo o material correspondente, os aparelhos mecânicos que accionam as dínamos, as bombas de ar comprimido e acumuladores de ar comprimido e bombas reais do navio devendo dirigir todos os trabalhos importantes e necessários à conservação e reparação das máquinas e caldeiras.

O Chefe do serviço de contabilidade, é responsável pela direcção de todos os serviços administrativos desse navio e é responsável, para com a Fazenda Nacional, por todo o material que conste dos seus livros de carga e, para com o conselho administrativo.

#### 4. A organização da informação produzida e acumulada

### Quadro de Classificação

#### Elaboração do quadro de classificação

Ao elaborar o quadro de qualificação da canhoneira, houve a preocupação de organizarmos o fundo intelectual e hierarquicamente de modo a dar-lhe uma estrutura lógica, que reflectisse o seu contexto e a ordem original.

Como convém esta análise terá por base um enquadramento teórico abordando as definições mais relevantes para esta parte do trabalho. Assim iniciando com o conceito de organização e recorrendo à NP 4041, trata-se do *conjunto de operações de classificação e ordenação de um acervo documental ou parte dele. É aplicável a qualquer unidade arquivística, mas a organização dos arquivos intermédios e definitivos tem de atender aos princípios da proveniência e do respeito pela ordem original*<sup>226</sup>. Para proceder a este estudo temos de realizar um trabalho prévio no qual analisamos a documentação existente, leis, regulamentos, e outras fontes, para que assim seja possível conhecer as funções e actividades do produtor do fundo, e assim posteriormente, elaborar o plano de classificação.

É essencial compreender, antes de mais, alguns conceitos básicos, nomeadamente as noções de arquivo e fundo documental. Em primeiro lugar, o documento de arquivo, segundo o Dicionário de terminologia arquivística, *é um documento produzido a fim de provar e/ou informar um procedimento administrativo ou judicial. É a mais pequena unidade arquivística, indivisível do ponto de vista funcional. Pode ser constituído por um ou mais documentos*

---

<sup>226</sup> PORTUGAL. Instituto Português da Qualidade. Comissão Técnica 7 – *Op. cit.*, p. 16.

*simples*<sup>227</sup>. No que respeita à norma ISAD(G), esta dá-nos a seguinte descrição de documento de arquivo: *informação de qualquer tipo, registada em qualquer suporte, produzida ou recebida e conservada por uma instituição ou pessoa no exercício das suas competências, ou actividades*<sup>228</sup>.

Considerando agora a noção de fundo, segundo Cruz Mundet um fundo é o resultado da acção administrativa de uma entidade que ao longo da sua história desempenha uma série de funções, para as quais se dota de uma estrutura administrativa, podendo ser variáveis ao longo do tempo<sup>229</sup>.

A NP 4041 estabelece que o conceito de fundo é mais utilizado no âmbito dos arquivos definitivos e remete para a definição de arquivo, considerando os como sinónimos<sup>230</sup> sendo a definição que é dada para arquivo: *conjunto orgânico de documentos, independentemente da sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou colectiva, ou por um conjunto público ou privado, no exercício da sua actividade e conservados a título de prova ou informação*<sup>231</sup>. A ISAD(G) define fundo como o *conjunto de documentos de arquivo, independentemente da sua forma ou suporte, organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por uma pessoa singular, família ou pessoa colectiva, no decurso das suas actividades e funções*<sup>232</sup>.

O fundo carece assim de uma hierarquia de uma ordem pré-estabelecida, caso o fundo não tivesse uma organização estabelecida, seria necessário analisar a instituição produtora e/ou contactar profissionais que tivessem participado na produção dessa documentação, de modo a organizar a documentação, segundo um plano de classificação que reproduza tão fielmente quanto possível o período activo da organização. A reorganização, do fundo, só deverá ser feita em último caso. Esta situação coloca-se no caso

---

<sup>227</sup>ALVES, Ivone [et al.] – *Dicionário de terminologia arquivística*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993. p. 38.

<sup>228</sup> CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS – *ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística*. 2.ª ed. Lisboa: IAN/TT, 2002. p. 15.

<sup>229</sup> CRUZ MUNDET, José Ramón – *Manual de Arquivística*. Ed. corregida y actualizada. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2005. p. 229.

<sup>230</sup> PORTUGAL. Instituto Português da Qualidade. Comissão Técnica 7 – *Op. cit.*. p. 6.

<sup>231</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 5.

<sup>232</sup>CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS – *ISAD(G)*. p. 15.

da canhoneira Pátria uma vez que carecia de qualquer espécie de hierarquia, existiam apenas unidades de instalação que preservavam documentos compostos, não havendo qualquer espécie de relação hierárquica entre eles.

A organização do fundo é um elemento essencial, pois como afirma Mundet: a organização de um arquivo caracteriza-se por duas necessidades fundamentais: *proporcionar uma estrutura lógica ao fundo documental, de forma a representar a natureza do organismo; e facilitar a localização conceptual do documento*<sup>233</sup>. A organização arquivística compreende dois conjuntos de actividades: a classificação, para uma organização intelectual; e a ordenação, a cotação e a instalação, para uma organização física.

Abordando agora o tema da classificação. O acto de classificar é descrito pela NP 4041 como *a operação que consiste na elaboração e/ou aplicação de um plano ou de um quadro de classificação a unidades arquivísticas, acervos documentais e colecções factícias*<sup>234</sup>. Mundet afirma que classificar consiste em agrupar hierarquicamente os documentos de um fundo mediante de um fundo através de agregados ou classes, desde os mais amplos aos mais específicos, de acordo com os princípios da procedência e ordem original. Descrição segundo a qual as classes documentais vêm estabelecidas pelos próprios autores da documentação<sup>235</sup>.

No que concerne ao plano de classificação, este é descrito pelo Dicionário de terminologia arquivística como o sistema de classes pré-definidas, concebido para a organização de um arquivo corrente. Em princípio, a elaboração de um plano de classificação deve atender às áreas temático-funcionais em que se desenvolve a actuação da entidade produtora desse arquivo e fixar os descritores e remissivos de cada classe ou sub-classe<sup>236</sup>.

---

<sup>233</sup> CRUZ MUNDET, José Ramón – *Manual de Archivistica*. Ed. corregida y actualizada. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2005. p. 229.

<sup>234</sup> PORTUGAL. Instituto Português da Qualidade. Comissão Técnica 7 – *Op. cit.*. p.15.

<sup>235</sup> CRUZ MUNDET, José Ramón – *Op. cit.*. p. 238.

<sup>236</sup> Ivone [et al.] – *Op. cit.*. p. 74.

Finalmente, no que concerne à organização os documentos devem chegar ordenados ao arquivo, onde será mantida a ordem original, atribuída no momento da produção.

Abordando agora efectivamente a lancha-canhoneira Pátria e a sua organização. É importante compreendermos que tratamos de uma entidade de pequenas dimensões, sendo que a divisão desta foi realizada em várias secções. As secções foram criadas tendo por base a *Ordenança Geral da Armada*, de 1896, e o Regulamento Geral para os Navios do Serviço da Armada, de 1917. Como seria de esperar, não existe uma subsunção directa entre o esquema apresentado nestes ordenamentos legislativos e o quadro abaixo apresentado, uma vez que certos serviços englobam uma realidade em comum. Assim foram criadas as seguintes secções: Autos de Vistorias; Conselho Administrativo; Comandante, o qual compreende as subsecções Secretaria, Justiça e Actas; Serviço de Contabilidade; Serviço de Quartos; Serviço de Máquinas; Serviço de Pilotagem; Serviço de Saúde. Estando nós perante um fundo extinto, cujo esquema de classificação é feito *a posteriori* com uma natureza funcional. Na generalidade dos casos foi usada a nomenclatura presente na referida legislação, mas em certos casos, nomeadamente no que respeita à secretaria, tal não foi possível, num navio desta dimensão não existia um Serviço de Secretaria, sendo que havia um encarregado desse serviço.

A secção constituída pelo Conselho Administrativo, tendo por base o art.º 338<sup>237</sup> do *Regulamento da Fazenda*, este Conselho pode ser definido do seguinte modo: comissão de três oficiais que a bordo e em determinados serviços de Marinha que funcionam em terra, administram as despesas orçamentadas que lhes dizem respeito. A bordo, é formado pelo Comandante, pelo Oficial Imediato e pelo Oficial da Administração Naval, quando este exista<sup>238</sup>. Esta secção é na sua integra constituída por correspondência.

---

<sup>237</sup> PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – *Regulamento de administração da Fazenda naval* - [Decreto de 27 de junho de 1907], Lisboa: Imprensa Nacional, 1907. p. 93.

<sup>238</sup> LEITÃO, Humberto, e LOPES J. Vicente - *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, 2ª ed., Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974. p. 174.

A secção apelidada ‘Comandante’ compreende as várias competências que a este estão directamente atribuídas. Nesta secção foram criadas três subsecções: actas, justiça e secretariado, devendo-se esta opção a tratarem-se de matérias sob a sua supervisão.

Assim, de acordo com o *Regulamento Geral para os Navios do Serviço da Armada*, de 1917, O comandante é responsável pela condução, segurança e conservação do navio, disciplina e preparação da guarnição e, em geral pela eficiência do pessoal, seguindo a linha normativa da Ordenança de 1896. No que concerne à subsecção Justiça, integra documentos que tratam deste mesmo tema, tratando-se de uma matéria com regulamentação própria no *Código de Justiça da Armada*, de 1899, o Ordenamento de Justiça também aborda a temática confiando a competência ao comandante não de julgar o caso, mas de remeter o caso à entidade competente, afirmando *Quando qualquer oficial ou praça sob o seu comando cometer crime ou delito, o comandante procederá em harmonia com as disposições do código de justiça militar, e remeterá o auto de corpo de delito com todos os documentos que lhe disserem respeito ao comandante em chefe. §1.º Se comandar navio solto e o crime foi praticado no ultramar e ai poder ser julgado, a remessa do auto de corpo de delito será feita ao comandante da divisão naval e na falta deste ao governador da província, não podendo ser julgado na localidade em que o crime foi cometido, ficará adiado o julgamento para o primeiro porto do território português em que o navio fundear e onde seja possível reunir o conselho. §2.º Não podendo o julgamento ter lugar nas condições do parágrafo antecedente, remeterão auto de corpo de delito ao conselho do almirantado (...)*. A subsecção ‘secretaria’ corresponde a uma divisão intelectual, que compreende vários documentos de natureza administrativa, que seriam tratados por quem assumisse as funções de secretariado no navio, embora este em virtude da sua pequena dimensão, formalmente não tivesse ninguém designado especificamente para essa função.

O chefe do serviço de Pilotagem é o auxiliar do comandante em todos os serviços que se relacionem com a navegação. Auxilia o comandante na derrota do navio, e neste particular tem o direito e o dever de olhar pela navegação e

de prevenir o oficial de quarto e o comandante quando a julgar perigosa. Ideia que já existia na Ordenança da Armada de 1896, quando se afirma a respeito do oficial encarregado da pilotagem e das observações meteorológicas, o precursor do Chefe do serviço de pilotagem, o qual tem na essência as mesmas competências: Cumpre-lhe fazer a derrota, as observações e os cálculos necessários à navegação, comunicar ao comandante os resultados obtidos, registá-los no respectivo diário, e finalmente, auxiliar o comandante nos serviços de navegação.

No que concerne aos Serviços de Contabilidade, tendo por base o *Ordenamento da Marinha* de 1896, a função é exercida pelo encarregado de fazenda: “tem a seu cargo todos géneros e objectos recebidos a bordo pertencentes ao estado que não tenham outros responsáveis”; “... tomará conta do dinheiro e outros valores em cofre...”; do mesmo modo o *Regulamento Geral para os Navios do Serviço da Armada* de 1917, desta vez sob o nome de Chefe de Serviço da Contabilidade: Dirige todos os serviços administrativos desse navio e é responsável, para com a Fazenda Nacional, por todo o material que conste dos seus livros de carga e, para com o conselho administrativo, pela boa ordem na arrumação de toda a escrita, pela pontualidade na sua execução, por todos os erros e lapsos que cometa no exercício das suas funções, pela aceitação e uso de documentos sem selo ou indevidamente selados e pela remessa dos livros às repartições competentes nas épocas fixadas nos respectivos regulamentos. É de sublinhar que, nesta secção, apenas o Registo de Orçamentos se encontra no Fundo, uma vez que, a restante documentação ainda se encontra em Arquivo Intermédio. No fundo da Direcção de Apuramento de Responsabilidades / Serviços Financeiros, podemos encontrar as séries relativas às contas correntes de oficiais 1905 - 1906 -1910-1911-1927 a 1931; contas correntes de sargentos e praças 1907 - 1908 - 1910 -1911 - 1921 - 1922 - 1923 -1924 - 1925; contas correntes de sargentos 1904 - 1905 - 1906 - 1928 a 1931; sargentos contas correntes 1914 a 1921, 1927 - 1931, e ainda as contas correntes relativas a: Chineses e africanos contratados 1927 e Pessoal contratado contas correntes 1927 - 1928.

O Serviço de Máquinas é um serviço que tem a seu cargo as máquinas, caldeiras, máquinas auxiliares e todo o material correspondente, os aparelhos mecânicos que accionam as dínamos, as bombas de comprimir ar e acumuladores de ar comprimido e bombas reais do navio, isto com base no *Ordenamento da Marinha* de 1896, onde surge sob o nome de maquinista encarregado, já no *Regulamento Geral para os Navios do Serviço da Armada*, de 1917: Tem a seu cargo as máquinas propulsoras, caldeiras e todas as máquinas auxiliares, as máquinas frigoríficas e seus motores, motores de escaleres a vapor e automóveis (excepto eléctricos), bombas de compressão de água, motores de explosão e todo o material sobressalente que corresponda àquele que tem a seu cargo. Apresentando uma formulação semelhante tanto no ao artigo introdutório como nos subsequentes.

O Serviço de Saúde vê o seu nome alterado de 1.º médico para serviço de saúde, mas também aqui as competências não sofrem grandes alterações. Onde anteriormente se lia: Cumpre ao primeiro médico atender ao estado sanitário da guarnição, visitar diariamente os doentes, quer pertençam à guarnição, quer sejam passageiros, e desempenhar todo o serviço clínico pelo modo prescrito no respectivo regulamento. Passa a ler-se no novo regulamento: Superintende todo o serviço de saúde, velando pelo seu bom desempenho e pelo cumprimento das disposições regulamentares sobre os assuntos da sua especialidade.

Fundo: Canhoneira Pátria [CAP]

NÍVEL DE DESCRIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO REGISTO DE AUTORIDADE	DESIGNAÇÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO
SC	AV	AUTOS DE VISTORIAS
SR	RAV	REGISTO DE AUTOS DE VISTORIAS
SC	CA	CONSELHO ADMINISTRATIVO
SR	CECA	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA CONSELHO ADMINISTRATIVO
SR	COR	CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA (CONSELHO ADMINISTRATIVO)
SR	CRCASM	CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DOS SERVIÇOS DE MARINHA
SR	CERCA	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA E RECEBIDA CONSELHO ADMINISTRATIVO
SR	CCCA	COPIADOR DE CONTRATOS DO CONSELHO ADMINISTRATIVO
SC	COM	COMANDANTE
SR	COC	COPIADOR DE ORDENS DO COMANDO
SR	CD1	CORRESPONDÊNCIA DIVERSA (1 EMBRULHO)
SR	COE	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA

<b>NÍVEL DE DESCRIÇÃO</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO REGISTO DE AUTORIDADE</b>	<b>DESIGNAÇÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO</b>
SR	CECCFNC	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA DO COMANDO EM CHEFE DAS FORÇAS NAVAIS DO CONTINENTE (4 VOLUMES)
SR	CERCFNO	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA E RECEBIDA DO COMANDO DAS FORÇAS NAVAIS DO ORIENTE (SR)
SR	PNA	PLANOS DO NAVIO
SR	RON	REGISTO DE ORDENS AO NAVIO
SR	ROC	REGISTO DE ORDENS DO COMANDANTE
SR	RODN	REGISTO DE ORDENS DO DIA AO NAVIO
SR	RCC	REGISTO DO COPIADOR DE NOTAS
SR	REC	RELATÓRIOS DO COMANDANTE
SR	RC	RELATÓRIOS DO COMANDO
SCC	AC	ACTAS
SR	RARH	REGISTO DE ACTAS E REPARAÇÕES EM HONG-KONG (4 LIVROS)
SCC	JUS	JUSTIÇA
SR	LCC	LIVRO DE CULPAS E CASTIGOS

<b>NÍVEL DE DESCRIÇÃO</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO REGISTO DE AUTORIDADE</b>	<b>DESIGNAÇÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO</b>
SR	RAC	REGISTO DE ACTAS DO CONSELHO DE DISCIPLINA
SR	RC	REGISTO DE CULPAS E CASTIGOS
SR	RO	REGISTO DE OCORRÊNCIAS
SCC	SEC	SECRETARIA
SR	ALA	ALARDO AUXILIAR
SR	AL1B	ALARDO DA 1º BRIGADA
SR	AL2B	ALARDO DA 2º BRIGADA
SR	AL3B	ALARDO DA 3º BRIGADA
SR	AL4B	ALARDO DA 4º BRIGADA
SR	AL5B	ALARDO DA 5º BRIGADA
SR	AOFI	ALARDO DOS OFICIAIS
SR	ALG	ALARDO GERAL
SR	AGG	ALARDO GERAL DA GUARNIÇÃO
SR	CODE	CORRESPONDÊNCIA DIVERSA EXPEDIDA
SR	COC	COPIADOR DE CORRESPONDÊNCIA
SR	CDR	CORRESPONDÊNCIA DIVERSA RECEBIDA
SR	COE12	CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA (12 VOLUMES)
SR	COR12	CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA (12 VOLUMES)

NÍVEL DE DESCRIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO REGISTO DE AUTORIDADE	DESIGNAÇÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO
SR	CEDON	CORRESPONDÊNCIA DIVERSA RECEBIDA E ORDENS DO NAVIO
SR	MEG	MAPAS DO ESTADO DA GUARNIÇÃO
SC	SQ	SERVIÇOS DE QUARTO
SR	RDSOD	REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO DO OFICIAL DE DIA
SR	RSOS	REGISTO DO SERVIÇO DIÁRIO DO OFICIAL DE SERVIÇO
SR	RSO	REGISTO DO SERVIÇO DOS OFICIAIS
SR	RDSSD	REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO DO SARGENTO DE DIA
SC	SCO	SERVIÇOS DE CONTABILIDADE
SR	CCCI	CONTAS CORRENTES DE CHINAS E INDÍGENAS
SR	CCSP	CONTAS CORRENTES DE SARGENTOS E PRAÇAS
SR	RCC	REGISTO DA CONTA - CAIXA
SR	RO	REGISTO DE ORÇAMENTOS
SC	SEM	SERVIÇO DE MÁQUINAS
SR	DM	DIÁRIO DA MÁQUINA
SR	CNEM	COPIADOR DE NOTAS DO ENCARREGADO DA MÁQUINA (2 LIVROS)

<b>NÍVEL DE DESCRIÇÃO</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO REGISTO DE AUTORIDADE</b>	<b>DESIGNAÇÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO</b>
SR	RMF	REGISTO DIÁRIO DA MÁQUINA (FUNDEADO)
SR	RMN	REGISTO DIÁRIO DA MÁQUINA (NAVEGAR)
SR	RDMF	REGISTO DO SERVIÇO DIÁRIO À MÁQUINA FUNDEADO
SR	RDTM	REGISTO DIÁRIO DE TRABALHOS NA MÁQUINA
SC	SP	SERVIÇO DE PILOTAGEM
SR	DN	DIÁRIO NÁUTICO
SR	LRN	LIVRO DE REGISTO DE NAVEGAÇÃO
SR	LRRN	LIVRO DE REGISTO DE RÁDIOS DO NAVIO (13 LIVROS)
SR	RRB	REGISTO DE RÁDIOS E BOLETINS
SR	RDSR	REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO RADIOTELEGRÁFICO
SR	RT	REGISTO DE TELEGRAMAS
SR	RTGM	REGISTO DE TIROCÍNIOS DOS GUARDAS-MARINHAS
SC	SES	SERVIÇO DE SAÚDE
SR	LVM	LIVRO DA VISITA MÉDICA
SR	LRC	LIVRO DE REGISTO CLÍNICO
SR	REC	REGISTO CLÍNICO
SR	RCD	REGISTO DE CLÍNICA DIÁRIA



## Conclusão

Nesta tese começamos por procurar analisar o estado da arte no que concerne aos sistemas de informação e a sua relação com as ciências da informação, não nos esquecendo da dicotomia existente em virtude da evolução dos sistemas de informação num sentido mais tecnológico, ou mais próximo das ciências sociais, sendo que a conclusão alcançada é que os sistemas de informação exigem uma colaboração destas várias vertentes, tendo uma natureza interdisciplinar sendo que por esta via se fomenta a colaboração entre ambas.

No capítulo da metodologia fez-se uso da pesquisa documental, a informação produzida e acumulada pela canhoneira Pátria, estando assim centrada na observação directa através da qual se procura construir um modelo hipotético-indutivo que nos permita responder à pergunta de partida. Desenvolveu-se um estudo de caso para melhor fundamentar as conclusões alcançadas.

Posteriormente ao analisar a história da canhoneira, considerámos os factores que levaram à sua aquisição, em particular o ultimato inglês, aprofundando o estado de espírito que se vivia no país na época. Assim como o historial da aquisição da canhoneira, o envolvimento nacional para que fosse possível adquiri-la, e posteriormente uma breve análise dos locais onde esteve estacionada.

No capítulo respeitante à organização da informação produzida e acumulada, produzimos uma descrição da informação existente, assim como da informação que deveria existir, isto tendo por base a legislação coeva, esta mesma informação é organizada num quadro de classificação, onde podemos observar os problemas inerentes a um arquivo histórico tais como fundos sem tratamento arquivístico, com perdas de séries e séries incompletas.

Sistema de informação da canhoneira Pátria assentava numa estrutura vertical no topo da qual se encontrava o Comandante sendo este o

responsável máximo pelo navio. Os responsáveis pelos vários serviços estavam-lhe subordinados devendo apresentar-lhe relatórios indicando o estado das secções pela qual eram responsáveis, assim como pelos marinheiros que destas secções faziam parte. Ao longo dos anos que a canhoneira este activa poucas alterações houve aos serviços existentes na canhoneira, sendo que os serviços existentes se mantêm os mesmos apenas os nomes se alteram, e as suas funções mudam ligeiramente.

Embora seja possível observar que não houve tratamento arquivístico e que este deveria ter sido realizado é fácil compreender a razão pelo qual este não foi realizado, tomando em conta que o fundo tem quase um século, e que o Arquivo de Marinha só começou a dar tratamento arquivístico ao seu arcevo recentemente, trata-se de uma tarefa herculea que certamente não será efectuada rapidamente.

Ainda hoje é possível conhecer muita da história da canhoneira Pátria pois existe abundante documentação disponível remanescente do seu período activo, permanecendo algumas dúvidas, no entanto, quanto às razões que levam certas partes da documentação a desaparecer, em virtude da sua aleatoriedade tudo indica tratar-se de problemas relacionados com o tratamento dado à documentação ao longo dos anos.

Podemos constatar ao chegar ao final deste trabalho as dificuldades que se levantam, ao confrontar um fundo por tratar. A impossibilidade de conhecer com exactidão todo o percurso da documentação levanta sérias dificuldades no que respeita a desenvolver uma análise do Sistema de Informação, quando elementos deste se encontram omissos. Além disso, parte da informação acumulada encontra-se dispersa, sendo que podemos encontrar informação relativa à canhoneira Pátria em outros fundos, nomeadamente no fundo da Repartição dos Serviços da Marinha de Macau, onde existem 4 séries que lhe são dedicadas, relativas ao período entre 1905 e 1911, nas quais se indica o mapa da guarnição, assim como o mapa do estado do material, Correspondência e processos respeitantes à canhoneira Pátria 1910-17, 1919-1923, 1929, 1930. Correspondência do Governo da Província de Macau, Serviços de Marinha da Província de Macau para o comandante da lancha

canhoneira, e recibos relativos a pagamentos efectuados à empresa Nunes Correia, isto no período 1909-1912. Do período entre 1903 e 1908, correspondência ao comandante da canhoneira Pátria, por parte da Direcção Geral da Marinha, da Repartição Geral dos Serviços da Marinha, do Comando da Divisão Naval do Atlântico Sul, do Chefe de Estado Maior General da Armada, Comando de Corpo de Marinheiros da Armada. Existindo ainda um núcleo com fotografias da canhoneira. Além disso, no fundo denominado serviços financeiros existe alguma documentação, em particular relativamente a contas correntes do navio, a qual não se encontra descrita no fundo da canhoneira nomeadamente as contas correntes dos oficiais da canhoneira Pátria dos anos 1905 1906 1910 1911 1927-1931.

Deste modo, deparamo-nos com um sistema aberto, hoje fechado, sendo que são muito raras as interacções realizadas com entidades exteriores à marinha, mas nem sempre encontramos toda a documentação que seria expectável, tendo por base a legislação coeva, mesmo quando averiguando o eventual fundo receptor.

Ao prosseguir a análise iniciada neste estudo, seria interessante um estudo alargado ao processo de formação do Arquivo de Marinha, podendo analisar assim a quem coube a custódia dos fundos ao longo da história. A realização de um estudo orgânico funcional mais alargado, abrangendo toda a marinha deste período, sendo que este navio e este período podiam ser usados como amostra. De uma perspectiva histórica, cremos que a presença da canhoneira em Macau pode ter interesse no âmbito da vida quotidiana da época, a saúde e a justiça, analisando o dia-a-dia dos tripulantes.

## Referências Bibliográficas

ALLEN, David ; ELLIS, David ; WILSON, Tom - *Information Science and Information Systems: Conjunct Subjects Disjunct Disciplines*. Journal Of the American Society for Information Science. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell. Volume 50, Issue 12, 1999.

AMARAL, Luís Alfredo - *Gestão de Sistemas de Informação*, Relatório de disciplina contendo o programa, conteúdo e método de ensino. [Em linha]. Guimarães: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 1997. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/413/1/Disciplina-LAA.pdf>>.

- *PRAXIS: Um Referencial para o Planeamento de Sistemas de Informação*. [Em linha]. BRAGA: Universidade do Minho, 1994. Tese de doutoramento, [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/49>>.

ARAÚJO, Ana Cristina - *As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais* in José Mattoso (dir.) - *História de Portugal*. vol. V. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0752-8.

AVISON, David ; FITZGERALD, Guy - *Information Systems* in FEATHER, John; STURGES, Paul - *International Encyclopedia of Information and Library Science*. 2ª ed. NY: Routledge, 2003.

BERTRAND, Yves ; GUILLEMET, Patrick - *Organizações : Uma Abordagem Sistémica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BORDALLO, Raphael - Jornal pontos nos ii N.º 267. Hemeroteca da câmara municipal de Lisboa. [Em linha]. [Consultado a 13/06/2017]. Disponível na internet: <[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N267/N267\\_item1/P6.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/PONTOSNOSII/1890/N267/N267_item1/P6.html)>.

CAMPENHOUDT, Luc Van, QUIVY, Raymond- *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005. ISBN 972-662-275-1.

CHOO, Chun Wei - *Information management for the intelligent organization: the art of scanning the environment*. Bulletin for the American Society for Information Science. Silver Springs. [Em linha] MD: American Society for Information Science [Consult.07/07/2017]. 3 ed. FEb/ Mar 1999. Disponível na internet: <[choo.fis.toronto.edu/FIS/ResPub/.../ASISbulletinES.pdf](http://choo.fis.toronto.edu/FIS/ResPub/.../ASISbulletinES.pdf)>.

COSTA, R. S.; FREITAS, H. ; ANDRIOTTI, F. K. - «*Uma reflexão sobre o uso da teoria sistémica para a compreensão do fluxo da informação nas organizações*». Revista Eletrônica GIANTI. Porto Alegre : EDITOR, 2007.

DAVIS, Gordon - *Information Systems Conceptual Foundations: Looking Backward and Forward*, 2000. Baskerville R., Stage J., DeGross J.I. (eds) *Organizational and Social Perspectives on Information Technology*. IFIP – The International Federation for Information Processing. Springer: Boston, MA: Springer, 2000, vol.41. [Em linha]. [Consult a 07/07/2017]

disponível na internet: <[https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-35505-4\\_5](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-35505-4_5)>. ISBN 978-1-4757-6107-8.

DRUCKER, Peter - "*The coming of the New Organization*", [Em linha]. (1988), [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://hbr.org/1988/01/the-coming-of-the-new-organization>>.

ESPARTEIRO, António Marques - *Três Séculos no Mar : 1640-1910*. IX Parte/ Canhoneiras/5.ºVolume. Coleção Estudos nº28. Lisboa: Instituto Hidrográfico,1986.

FERNÁNDEZ MARCIAL, Viviana ; GOMES, Liliana Isabel Esteves ; MARQUES, Maria Beatriz - «*Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos*». Páginas a&b. S.3, 4 (2015).

FILHO, José Rodrigues; LUDMER, Gilson - *Sistema de Informação: que ciência é essa?*. Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação volº2, nº2. São Paulo: TECSI, 2005.

FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. FREITAS, Maria Cristina V. ; FERREIRA, Daniela A. - *Aspectos e reflexões conceituais sobre informação, sistemas e de sistemas teoria*. [Em linha]. APQ: EFQM, 2012. [Consult. Consult.11/07/2017]. Disponível na internet: <URL:[http://www.apq.pt/portal/web/EFQM/Os%20Conceitos%20Fundamentais%20da%20Excelência\\_2013.df](http://www.apq.pt/portal/web/EFQM/Os%20Conceitos%20Fundamentais%20da%20Excelência_2013.df)>.

GEORGES, Gusdorf - *La conscience révolutionnaire. Les ideologues*. [Em linha]Paris: Les Éditions Payot, 1978. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:

[http://classiques.uqac.ca/contemporains/gusdorf\\_georges/sc\\_hum\\_pensee\\_occ\\_t\\_VIII/sc\\_hum\\_pensee\\_occ\\_t\\_VIII.html](http://classiques.uqac.ca/contemporains/gusdorf_georges/sc_hum_pensee_occ_t_VIII/sc_hum_pensee_occ_t_VIII.html)>.

HEYLIGHEN, Francis; Joslyn, Cliff - *What is Systems Theory?* [Em linha]. (1992) [Consult.11/07/2017] Disponível na internet:<<http://pespmc1.vub.ac.be/SYSTHEOR.html>>.

KARWOWSKI, Waldemar; RIZZO, Francesca; RODRICK, David - «*Ergonomics*». In *Encyclopedia of information systems*. Vol. 2. Ed. Hoseein Bidgoli. Amsterdam: Academic Press, 2003.

LAZLO, Alexander; KRIPPNER - *Systems Theories : Their Origins, Foundations and Development. Systems theories and a priori aspects of perception*. Vol.3. Amsterdam: Elsevier Science, 1998.

LEITÃO, Humberto, LOPES J. Vicente, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*. 2ª ed. Lisboa:Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974.

LIMA, Gercina - *Interfaces entre a ciência da informação e a ciência cognitiva*. [Em linha]. *Cl. Inf.* vol.32 no.1 Jan./Apr. Brasília: IBICT, 2003. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100008)>.

LUCAS, Maria Manuela - *Organização do Império*, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*. vol. V. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0752-8.

MACHADO, Bernardino - *Da monarchia para a republica:1883-1905*. Coimbra: Typographia F. França Amado, 1905. [Em linha]. [Consultado a 07-06-2017]. Disponível na internet: <<https://digitalis.uc.pt/?q=node/77870>>.

MAHAN, Alfred Thayer - *The Influence of Sea Power upon History: 1660-1783*. Boston: Boston Little, Brown and Company, 1890.

MARQUES, Maria Beatriz - *O paradigma formativo do arquivista em Portugal*. *Boletim do arquivo da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade de Coimbra. [Em linha]. Vol. XXIX. Coimbra: Imprensa da Faculdade de Coimbra, 2016. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:< [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o\\_paradigma\\_formativo\\_do\\_arquivista\\_em\\_portugal](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/o_paradigma_formativo_do_arquivista_em_portugal) >.

MORIN, Edgar. *O método: a natureza da natureza*. Portugal: Publicações Europa-América, 1977

OLIVEIRA, Maurício - *Os Navios do Ultimato*. Lisboa: Editora Maritimo-colonial, 1946.

QUEIRÓS, Eça de - *Correspondência*. MATOS, A. Campos (organização e notas), Vol. II, Lisboa: Caminho, 2008. ISBN 978-972-21-1995-5.

PIAGET, Jean - *L'épistémologie des relations interdisciplinaires*. *L'interdisciplinarité: problèmes d'enseignement et des recherche dans les universités*. Paris: OCDE, 1972. [Em linha]. [consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <[http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/VE/jp72\\_eptist\\_relat\\_interdis.pdf](http://www.fondationjeanpiaget.ch/fjp/site/textes/VE/jp72_eptist_relat_interdis.pdf)>.

PEREIRA, José António Rodrigues - *Marinha Portuguesa: Nove Séculos de História*. [Lisboa] : Comissão Cultural da Marinha, 2010.

PORTER, Michael; MILLAR, Victor - *How information gives you an advantage*. Harvard Business Review. Boston, MA: Harvard Business School Publishing. Julho- Agosto, 1985.

RABELLO, Rodrigo - *Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugar de encontro Perspectivas em Ciência da Informação*. [Em linha]. Belo Horizonte: UFMG. V.17, nº1, 2012. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n1/a02v17n1.pdf>>.

RAMOS, Rui, A Segunda Fundação, in José Mattoso (dir), *História de Portugal*: Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, vol. VI. ISBN 972-42-0971-7.

RESWEBER, Jean-Paul - *La Méthode interdisciplinaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1981. ISBN 9782130367871.

ROGERS, Y.; SCAIFE, M. e RIZZO, A. - *Interdisciplinarity: an emergent or engineered, process?*. University of Sussex - School of Cognitive and Computing Sciences, 2003. [Em linha]. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet: <<http://www.sussex.ac.uk/informatics/cogslib/reports/csrp/csrp556.pdf>>.

RIBEIRO, Fernanda - O Sistema de Informação Arquivística da Universidade do Porto: potenciar o uso da memória informacional retro-prospectivamente. *Páginas a&b* : arquivos e bibliotecas. Lisboa. ISSN 0873-5670. 11.

SARACEVIC, Tefko - *Ciência da Informação : origem, evolução e relações.*

*Perspectivas em Ciência da Informação.* [Em linha]. Belo Horizonte: UFMG. v.1, n.1, jan/jul, 1996. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/%20235/22>>.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal.* 2.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Editorial Verbo, 1982. vol. V. ISBN 9789722202701.

SILVA, Armando Malheiro da - *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico.* Porto: Edições Afrontamento, 2006.

- *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação.* Porto: Edições Afrontamento, cop, 1998.

- *Ciência da Informação e Sistemas de Informação:(re)exame de uma relação disciplinar.* Porto : CETAC.com - Centro de Estudos em Tecnologias, Artes e Ciências da Comunicação. n.º 5, Dezembro 2007. [Em linha]. [Consult. 07/07/2017]. Disponível na internet: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/26180>>.

Silva, Carlos Guardado - *Relatório apresentado para obtenção do título de agregado.* Coimbra, 2015.

THOMPSON, William ; MODELSKI, George - *Seapower in Global Politics : 1494-1993.* Basingstoke: Palgrave MacMillan, 1987.

TOFFLER, Alvin - *Future Shock.* [Em linha]. New York: Bantam Books, Cap. 1. [Consult.07/07/2017]. Disponível na internet:

<https://cdn.preterhuman.net/texts/literature/general/Alvin%20Toffler%20-%20Future%20Shock.pdf>. cap. 1.

VICKERY, Brian Campbell; Alina VICKERY- *Information science in theory and practice*. München : K.G. Saur, 2004.

WARD, John; PEPPARD, Joe - *Strategic Planning for Information Systems*. 3.<sup>a</sup> ed. Chichester, West Sussex, England: J. Wiley. 2002.

WEISMAN, Herman M. - *Information systems, services and centers*. New York: Becker and Hayes, 1972.

YIN, Robert K - *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. 2.<sup>a</sup> ed.. Porto Alegre: Bookman, 2001. ISBN 75-7307-852-9.

## Legislação

-CÓDIGO DE JUSTIÇA DA ARMADA - carta de lei de 1 Setembro de 1899. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.

-LISTA DA ARMADA, Lista Anual de Antiguidades dos oficiais da Armada e mais Pessoal dependente do Ministério da Marinha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910.

-LISTA DA ARMADA, Lista Anual de Antiguidades dos oficiais da Armada e mais Pessoal dependente do Ministério da Marinha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1918.

-LISTA DA ARMADA, Lista Anual de Antiguidades dos oficiais da Armada e mais Pessoal dependente do Ministério da Marinha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1903.

- Ordenança Geral da Armada. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896
- Ordenança Geral da Armada. Lisboa: Imprensa Nacional, 1930.
- ORDENS DA ARMADA, SÉRIE A. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- ORDENS DA ARMADA, SÉRIE A. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898.
- ORDENS DA ARMADA, SÉRIE A. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.
- ORDENS DA ARMADA, SÉRIE A. Lisboa: Imprensa Nacional, 1916.
- ORDENS DA ARMADA, SÉRIE A. Lisboa: Imprensa Nacional, 1918.
- REPERTÓRIO de legislação da armada, II, 1910-1925, s.l.:s.n., s.d.
- REPERTÓRIO de legislação da armada, I, 1896-1909, s.l.:s.n., s.d.
- REPERTÓRIO de legislação da armada, II, 1926-1942, s.l.:s.n., s.d.
- Regulamento de administração da Fazenda naval- decreto de 27 de junho de 1907, Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.

## APÊNDICE

### Fundo CAP

#### **Canhoneira Pátria (F)**

Código de Referência: CAP

Datas de acumulação: 1903-1931

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial:

### Secção AV

#### **AUTOS DE VISTORIAS (SC)**

Código de Referência: CAP/AV

Datas de acumulação: 1912-1930

Dimensão e suporte: 2 livs; papel.

Âmbito e conteúdo: Vistorias realizadas ao navio por uma comissão de oficiais.

#### **Registo de Autos de Vistorias(SR)**

Código de Referência: CAP/AV/RAV

Datas de acumulação: 1912-1930

Dimensão e suporte: 2 livs; papel.

História administrativa e custodial: Comissão reunida pelos vários oficiais do navio a mando do comandante para passar vistoria ao navio, verificando as obras a realizar.

## Secção CA

### **CONSELHO ADMINISTRATIVO (SC)**

Código de Referência: CAP/CA

Datas de acumulação: 1905-1931

Dimensão e suporte:

Âmbito e conteúdo: Comissão de três oficiais que administram as despesas orçamentadas que lhes dizem respeito, sendo constituída pelo Comandante, Oficial Imediato e pelo Oficial da Administração Naval quando este existe.

### **Copiador de Contractos do Conselho Administrativo(SR)**

Código de Referência: CAP/CA/CCCA

Datas de acumulação: 1909-1915

Dimensão e suporte: 2 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Cópias dos contractos do conselho administrativo da estação naval de Macau, da qual participavam os comandantes dos vários navios aí estacionados visando a assinatura de contractos para fornecimento de bens à esquadra aí estacionada.

### **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA CONSELHO ADMINISTRATIVO (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/CECA

Datas de acumulação: 1921-1929

Dimensão e suporte: 8 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Enviada pelo conselho administrativo, para a repartição dos serviços da marinha, Inspeção das oficinas navais, comando das forças

navais, depósito de fardamentos da armada, abordando matérias de fazenda do navio, e da tripulação.

#### **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA E RECEBIDA CONSELHO ADMINISTRATIVO (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/CERCA

Datas de acumulação: 1930-1931

Dimensão e suporte: 2 caps.; papel.

Âmbito e conteúdo: Dirigidas ao comandante da canhoneira Pátria abordando vários temas tais como inspecção da marinha; cofres e montepios; brigada da armada; serviço de saúde de Macau; banco nacional ultramarino; (...), sendo assim de crer que se encontra mal identificada.

#### **CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA (CONSELHO ADMINISTRATIVO) (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/COR

Datas de acumulação: 1921-1930

Dimensão e suporte: 10 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Correspondência recebida da repartição dos serviços de marinha da província de Macau; das oficinas navais da província de Macau; do serviço de saúde da província de Macau; F. Rodrigues, Importadores e Exportadores; da repartição dos serviços de marinha da província de Macau, secção de Administração e Contabilidade. Abordando fornecimentos efectuados; facturas; recibos; conta caixa; vencimentos.

## **CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DOS SERVIÇOS DA MARINHA (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/CRCASM

Datas de acumulação: 1921-1926

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Correspondência proveniente da Marinha colonial de Macau, conselho administrativo dos serviços da marinha, dirigida ao conselho administrativo da canhoneira pátria, abordando matérias relacionadas com a fazenda do Navio, em particular a conta caixa.

## **REGISTO DE ACTAS (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/RA

Datas de acumulação: 1905-1931

Dimensão e suporte: 11 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Actas do conselho administrativo da canhoneira, relativas a questões da fazenda naval (gastos do navio): munições; mantimentos; tinta para escrever; açúcar; (...)

## **REGISTO DE TERMOS (SR)**

Código de Referência: CAP/CA/RT

Datas de acumulação: 1905-1913

Dimensão e suporte: 2 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Consiste numa acta do conselho administrativo onde se descrevem despesas a efectuar pelo navio: chávenas de louça, copos de vidro, facas de mesa, tesoura de papel, (...); assim como os membros presentes no referido conselho consultivo.

## **Secção COM**

### **COMANDANTE (SC)**

Código de Referência: CAP/COM

Datas de acumulação: 1900 - 1931

Dimensão e suporte:

Âmbito e conteúdo: Matérias sob a competência do comandante nomeadamente no que respeita à condução, segurança e conservação do navio, disciplina e preparação da guarnição e, em geral pela eficiência do pessoal.

### **COPIADOR DE ORDENS DO COMANDO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/COC

Datas de acumulação: 1911-1912

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Cópias das ordens do comando da Estação Naval de Macau, abordando matérias respeitantes tanto à guarnição do navio como ao navio em si. É de crer que um dos livros presentes no copiadador de correspondência deveria estar aqui, sendo que corresponde ao ano de 1909.

### **CORRESPONDÊNCIA DIVERSA (1 EMBRULHO) (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/CD1

Datas de acumulação: 1929 - 1931

Dimensão e suporte: 1 maço; papel.

Âmbito e conteúdo: Arquivo da correspondência do comandante da canhoneira pátria a várias entidades assim como destas para o referido comandante: chefe do estado maior naval; brigada de artilheiros da armada; hongkong & whampoa dock c.º. ltd.; superintendência dos serviços de saúde - repartição de saúde; direcção dos serviços de electricidade e comunicações; direcção dos serviços de saúde em Macau; brigada de mecanicos da armada; chefe de serviços de marinha de Moçambique; cônsul Geral de Portugal em HongKong; Agente da NiponYusen Kaisha; Administração e Comissariado da Polícia; Correios e Telégrafos de Macau; Chefe dos Serviços de Marinha em Macau;...

### **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/COE

Datas de acumulação:1912-1931

Dimensão e suporte:13 caps., 3 pastas, 3 maços, e 1 conjunto de folhas preso com tachas; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de documentação manuscrita dirigida aos Serviços da Marinha da Província de Macau, tendo como autor o Comandante da Canhoneira Pátria, abordando temas como a saúde da guarnição; questões de justiça; a satisfação de carências orçamentais para que o navio se possa abastecer de carvão; do Comandante ao quartel de marinheiros, no qual se pede a recondução ao serviço de alguns marinheiros; Do comando da Canhoneira Pátria, para a Repartição dos Serviços de Marinha da Província de Macau, tratando do abono a que este teria direito; medalha para um membro da guarnição; reparos a realizar no navio. Do conselho Administrativo da Canhoneira Pátria, dirigido ao Chefe do Serviço de Marinhagem da Província de Marinhagem, fazendo a relação dos descontos a ser efectuados em virtude dos gastos efectuados em material extraviado.

## **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA DO COMANDO EM CHEFE DAS FORÇAS NAVAIS DO CONTINENTE (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/CECCFNC

Datas de acumulação: 1925-1926

Dimensão e suporte: 3 livs., 2 maços; papel.

Âmbito e conteúdo: Correspondência dirigida ao comando em chefe das Forças Navais da Província, tratando de matéria relativa à tripulação, abordando matérias como os exercícios efectuados; assim como à própria canhoneira, tais como o estado do navio.

## **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA E RECEBIDA DO COMANDO DAS FORÇAS NAVAIS DO ORIENTE (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/CERCFNO

Datas de acumulação: 1925-1928; 1930-1931

Dimensão e suporte: 2 livs., 2 pastas; papel.

Âmbito e conteúdo: Correspondência dirigida ao chefe das forças navais do oriente; doca de Hong Kong “The Hongkong & Whampoa Dock co., Limited”; telegramas provenientes de postos externos ao navio. Ordens recebida do comandante em chefe das Forças Navais no Oriente. Tratando de matérias relativas às necessidades do navio e da tripulação, abordando matérias como exercícios realizados, efeitos no navio provocados por desastres naturais, castigos as serem aplicados.

Notas: Correspondência expedida do comando em chefe das forças navais do continente existe um livro relativo à correspondência expedida e recebida do comando das forças navais do oriente. E na correspondência expedida do comando em chefe das forças navais do continente existe uma capilha relativa à correspondência expedida e recebida do comando das forças navais do oriente. Falta o ano de 1929.

### **Planos do Navio (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/PNA

Datas de acumulação: 1900-1903

Dimensão e suporte: 3 caps.; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de desenhos técnicos do navio, várias projecções do mesmo criadas à data da construção.

### **REGISTO DE ORDENS AO NAVIO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM /RON

Datas de acumulação:1909-1912

Dimensão e suporte: 3 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo das ordens ao navio abordando: O serviço para o dia seguinte; Abono; Rações; Recomendações.

### **REGISTO DE ORDENS DO COMANDANTE (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/ROC

Datas de acumulação: 1908-1930

Dimensão e suporte:4 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de ordens manuscritas e assinadas pelo comandante do navio abordando matérias relacionadas com a guarnição da canhoneira.

### **REGISTO DE ORDENS DO DIA AO NAVIO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM /RODN

Datas de acumulação:1/1/1913-15/1/1916

Dimensão e suporte: 3 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de disposições do comandante itemizado onde surgem: os efectivos do navio; a situação do navio; o serviço para amanhã; movimento efectivo do navio; Uniforme (embora haja ligeiras diferenças entre cada entrada, os primeiros elementos nomeados são os que se mantêm constantes).

### **REGISTO DO COPIADOR DE NOTAS (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/RCN

Datas de acumulação:1912-1915

Dimensão e suporte:3 livs; papel.

História administrativa e custodial: Registo de mensagens enviadas pelo comandante da lancha-canhoneira Pátria, dirigidas ao Major General da Armada; ao comando da Lancha-Canhoneira Macau; as docas de Hong Kong “The Hongkong & Whampoa Dock co., Limited”; ao Comandante do Corpo de Marinheiros da Armada; à repartição dos Serviços da Marinha; do comandante da canhoneira, ao secretário do conselho administrativo do mesmo navio; ao Chefe dos Serviços de Marinha.

### **RELATÓRIOS DO COMANDO (SR)**

Código de Referência: CAP/ORG/COM /REC

Datas de acumulação: falta

Dimensão e suporte: falta

Âmbito e conteúdo: falta

### **RELATÓRIOS DO COMANDANTE (SR)**

Código de Referência: CAP/COM /RC

Datas de acumulação:1909-1924

Dimensão e suporte: 1 liv., 1 doss.; papel.

Âmbito e conteúdo: Descrição de várias ocorrências tais como o tempo de navegação, tripulantes operados, preço do carvão, inclui cópias manuscritas da correspondência de 1910.

Notas: O período entre 1911 e 1914 está omissos.

### **Subsecção AC**

#### **ACTAS (SSC)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AC

Datas de acumulação:1914-1915

Dimensão e suporte:

Âmbito e conteúdo:

#### **REGISTO DE ACTAS E REPARAÇÕES EM HONG-KONG (4 LIVROS) (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/AC/RARH

Datas de acumulação:1914-15

Dimensão e suporte:4 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Descrição das reparações efectuadas na canhoneira Pátria.

### **Subsecção JUS**

#### **JUSTIÇA (SSC)**

Código de Referência: CAP/COM/JUS

Datas de acumulação:1904-1931

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial: Competência atribuída ao comandante de acordo com o Código de Justiça da Armada de 1899, o mesmo se aplica à matéria disciplinar uma vez que o comandante é responsável pela disciplina da guarnição.

#### **LIVRO DE CULPAS E CASTIGOS (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/JUS/LCC

Datas de acumulação:1905-1906

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo dos actos, e das punições a que foram sujeitos os membros da guarnição da lancha canhoneira. Livro escrito pelo comandante.

#### **REGISTO DE ACTAS DO CONSELHO DE DISCIPLINA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/JUS/RAC

Datas de acumulação:1904-1911

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo da classificação de cada membro da guarnição e observações segundo o regulamento de disciplina.

## **REGISTO DE CULPAS E CASTIGOS (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/JUS/RC

Datas de acumulação:1905-1906

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo dos actos, e das punições a que foram sujeitos os membros da guarnição da lancha canhoneira.

## **REGISTO DE OCORRÊNCIAS(SR)**

Código de Referência: CAP/COM/JUS/RO

Datas de acumulação: 1923-1931

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo das ocorrências, datas, resoluções e classes dos tripulantes envolvidos.

### **Subsecção SEC**

## **SECRETARIA (SSC)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC

Datas de acumulação:1903 - 1931

Dimensão e suporte:

Âmbito e conteúdo: Divisão intelectual respeitante a matérias de competência última do Comandante, necessária em virtude de não existir um responsável pela secretaria, uma vez que se trata de um navio sem dimensão para tal.

### **Alardo Auxiliar(SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AA

Datas de acumulação: 1913-1915

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

### **ALARDO DA 1ª BRIGADA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AL1B

Datas de acumulação: 4/1/1904-26/10/1910

Dimensão e suporte: 1 liv; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

### **ALARDO DA 2ª BRIGADA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AL2B

Datas de acumulação: 31/12/1906-31/10/1910

Dimensão e suporte: 1 liv; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

### **ALARDO DA 3.ª BRIGADA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AL3B

Datas de acumulação:31/12/1903-29/07/1910

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

#### **ALARDO DA 4.<sup>a</sup> BRIGADA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AL4B

Datas de acumulação:31/12/1903-6/3/1910

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

#### **ALARDO DA 5.<sup>a</sup> BRIGADA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AL5B

Datas de acumulação:30/12/1903-11/5/1910

Dimensão e suporte:1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

### **Alardo Geral (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/ALG

Datas de acumulação:1908-1912

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente. Esta série não trata especificamente da Canhoneira Pátria mas sim de toda a Estação Naval de Macau.

Notas: No fundo indica que existe documentação desde 1908 quando esta só começa em 1910.

### **ALARDO GERAL DA GUARNIÇÃO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AGG

Datas de acumulação:1910-1912

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

### **ALARDO DOS OFICIAIS (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/AOFI

Datas de acumulação:27/12/1903-5/8/1910

Dimensão e suporte: 1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde estão registados os números e nomes dos homens que compõem a guarnição, e pelo qual pelo qual é feita a sua chamada quando conveniente.

#### **COPIADOR DE CORRESPONDÊNCIA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/COC

Datas de acumulação:1903-1912

Dimensão e suporte:5 livs., 1 maço; papel.

Âmbito e conteúdo: Inclui um 1 livro com cópias da correspondência da estação naval de Macau de 1909, as restantes unidades são cópias da correspondência da lancha-canhoneira pátria.

#### **CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA (12 VOLUMES) (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/COE12

Datas de acumulação:1918-1928

Dimensão e suporte:12 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Documentação dirigida à repartição dos serviços de marinha de Macau; comando das Forças Navais da província; Quartel general das Forças Navais. Tratando de matérias referentes à tripulação do navio, assim como ao próprio navio.

#### **CORRESPONDÊNCIA DIVERSA EXPEDIDA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/COE12

Datas de acumulação: 1914 - 1917

Dimensão e suporte: 1 cap.; papel.

Âmbito e conteúdo: cópias da correspondência expedida pelo comando da canhoneira pátria, para a repartição dos serviços da marinha; ao comando da lancha-canhoneira Macau; doca de Hong Kong “The Hongkong & Whampoa Dock co., Limited”.

Nota: Falta o ano de 1916

### **CORRESPONDÊNCIA DIVERSA RECEBIDA (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/CDR

Datas de acumulação: 1912 - 1917

Dimensão e suporte: 3 caps.; papel.

Âmbito e conteúdo: comando do quartel marinheiros da armada; província de Macau, repartição dos serviços de marinha; província de timor; Lancha canhoneira Macau; Ministério da Marinha, Majoria Geral da Armada.

### **CORRESPONDÊNCIA DIVERSA RECEBIDA E ORDENS DO NAVIO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/CEDON

Datas de acumulação: 1914-1918

Dimensão e suporte: 1 cap.; papel.

Âmbito e conteúdo: Várias matérias e fontes desde a repartição dos serviços da marinha de Macau, passando pela doca de Hong Kong “The Hongkong & Whampoa Dock co., Limited”, embora a maioria larga maioria se trate de correspondência com a repartição dos serviços de marinha de Macau, ou com entidades públicas de Macau em geral, embora em menor número.

## **CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA (12 VOLUMES) (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/COR12

Datas de acumulação:1918-1928

Dimensão e suporte:12 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Diversa correspondência primordialmente da Província de Macau, repartição dos serviços de marinha; mas também de outras fontes tais como o Ministério da Marinha- Corpo de Marinheiros da Armada; Ministério das Colónias- direcção geral das colónias; as docas de Hong Kong “The Hongkong & Whampoa Dock co., Limited”; Governo eclesiástico da Diocese de Macau; Mensagens recebidas de postos telegráficos externos ao navio (...), tratando de matérias relacionadas com a tripulação da canhoneira, e por vezes com o próprio navio.

## **MAPAS DO ESTADO DA GUARNIÇÃO (SR)**

Código de Referência: CAP/COM/SEC/MEG

Datas de acumulação:1914 - 1931

Dimensão e suporte: 1 maço; papel.

Âmbito e conteúdo: Mapa com a indicação da guarnição existente no navio, tendo em conta a classe a que pertencem: Oficial de marinha; Médicos navais; Maquinistas navais; Oficiais da administração naval; Brigada de artilheiros; Brigada de mecânicos; Brigada de marinheiros; Indígenas contratados.

## **Secção SCO**

### **SERVIÇO DE CONTABILIDADE (SC)**

Código de Referência: CAP/SCO

Datas de acumulação:1910-1929

Dimensão e suporte:

Âmbito e conteúdo: Documentação relativa ao serviço de contabilidade serviço o qual, o qual dirige todos os serviços administrativos desse navio e é responsável, para com a Fazenda Nacional, por todo o material que conste dos seus livros de carga e, para com o conselho administrativo, pela boa ordem na arrumação de toda a escrita.

### **CONTAS CORRENTES DE CHINAS E INDÍGENAS (SR)**

Código de Referência: CAP/SCO/CCCI

Datas de acumulação: Não se encontra no fundo.

Dimensão e suporte: Não se encontra no fundo.

Âmbito e conteúdo: Não se encontra no fundo.

Nota: A documentação permanece em arquivo intermédio no fundo denominado serviços financeiros, relativo a chineses e africanos contratados no ano de mas apenas no ano de 1927, quando no fundo da canhoneira pátria previa a existência de documentação sobre a contas correntes de chinas e indígenas entre 1911 e 1925.

### **CONTAS CORRENTES DE SARGENTOS E PRAÇAS (SR)**

Código de Referência: CAP/SCO/CCSP

Datas de acumulação: Não se encontra no fundo.

Dimensão e suporte: Não se encontra no fundo.

Âmbito e conteúdo: Não se encontra no fundo.

Nota: A documentação permanece em arquivo intermédio no fundo denominado serviços financeiros, relativo a sargentos está disponível o período entre 1907 e 1931, faltando os anos de 1909, 1913 e 1926; no que

concerne a praças abrange o período entre 1905 e 1928, sendo que faltam os anos 1909, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920 e 1926.

#### **REGISTO DA CONTA - CAIXA (SR)**

Código de Referência: CAP/SCO/RCC

Datas de acumulação:1910-1929

Dimensão e suporte: Não se encontra no fundo.

Âmbito e conteúdo: Não se encontra no fundo.

Notas: Julga-se ter sido destruído, é impossível assegurar no entanto esta documentação não se encontra no arquivo intermédio em conjunto com a restante documentação que aí permanece, logo todos os indícios apontam para a sua eliminação.

#### **REGISTO DE ORÇAMENTOS (SR)**

Código de Referência: CAP/SCO/RO

Datas de acumulação:1918-1919

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo contabilístico dos gastos efectuados e do saldo disponível.

#### **Secção SEQ**

##### **SERVIÇOS DE QUARTO(SC)**

Código de Referência: CAP/SEQ

Datas de acumulação:

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial:

### **LIVRO DE SERVIÇO DIÁRIO A EXECUTAR (SR)**

Código de Referência: CAP/SEQ /LSD

Datas de acumulação:1909-1911

Dimensão e suporte:3 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo do serviço efectuado no dia a dia do navio, como abordando limpezas, pinturas, lavagem da roupa, baldeação.

Notas: Discrepância de 5 anos entre o registo existente do fundo, o qual indica existir documentação desde 1904.

### **REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO DO SARGENTO DE DIA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEQ/RDSSD

Datas de acumulação:1908-1912; 1917-1930

Dimensão e suporte: 16 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo de ocorrências no decorrer do dia, no que concerne a guarnição; licenças; ronda; serviço externo; guarda; lavagem; licenças; licenças especiais; ausente; bebidas alcoólicas; detidos.

Notas: Falta a documentação relativa aos anos 1913, 1914, 1915 e 1916.

### **REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO DO OFICIAL DE DIA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEQ/RDSOD

Datas de acumulação:21/2/1919-10/12/1929

Dimensão e suporte:9 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de anotações efectuadas pelo oficial de dia a respeito de matérias tais como: a situação; tempo; gelo; serviços; prisão militar; correspondência oficial; baldeação; movimento pessoal.

Notas: No segundo livro surge sobre o nome “Registo diário do serviço do oficial de vigilância” embora o conteúdo e matéria sejam os mesmos.

### **REGISTO DO SERVIÇO DE OFICIAIS (SR)**

Código de Referência: CAP/SEQ/RSO

Datas de acumulação:5/3/1913-7/1/1914; 18/7/1916-23/12/1916;  
1/7/1917-20/2/1918

Dimensão e suporte:3 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Contém uma descrição do ocorrido a cada dia, desenvolvendo os vários pontos do estado do estado da ordenança nomeadamente: Situação; Tempo; Guarnição; Embarcação; Desembarque; Noite; Baldeação; Destacamento; Desembarque; Licenças; Ocorrências; Municiamiento; Bateria; Medico; Vapor; Formatura; Gelo; Tempo; Movimento de Pessoal; ...

Notas: Faltam os períodos entre 7/1/1914 - 18/7/1916 ; 23/12/1916 - 1/7/1917.

### **REGISTO DO SERVIÇO DIÁRIO DO OFICIAL DE SERVIÇO (SR)**

Código de Referência: CAP/SEQ /RSOS

Datas de acumulação:1903-1911

Dimensão e suporte: 6 livs., 1 maço; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de anotações realizadas pelo oficial que se encontra de quarto: situação, embarcações, licenças, guarnições, tempo, vapor, sinais, ordem, ordenação, baldeação, escaler, aguadas, oficinas, municiação.

### **Secção SEM**

#### **SERVIÇO MAQUINAS (SC)**

Código de Referência: CAP/SEM

Datas de acumulação:

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial:

#### **COPIADOR DE NOTAS DO ENCARREGADO DA MÁQUINA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/CNEM

Datas de acumulação: 1903-1930

Dimensão e suporte: 2 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: registado pelo encarregado da máquina, abordando matérias como as saias da chaminé; as máquinas principais e auxiliares, cumprindo a sua função de dar ordem por escrito ao oficial de quarto ou imediato conforme prescreve a ordenança geral da marinha de 1898, artº 713.

#### **DIÁRIO DA MÁQUINA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/DM

Datas de acumulação: 1930

Dimensão e suporte: 1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Diário de máquina a navegar. Livro onde o maquinista de quarto vai registando quanto se passa nas máquinas e que seja importante registar em qualquer ocasião. Descrição efectuada sobre a pressão indicada nos manómetros, assim como do óleo e carvão consumidos, eram ainda anotadas observações sobre outros pontos a desenvolver, assim como o lugar de partida e destino da viagem.

### **REGISTO DIÁRIO DA MÁQUINA (FUNDEADA) (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/RMF

Datas de acumulação: 1912-1930

Dimensão e suporte: 15 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Escrito diariamente enquanto fundeado, incluindo entradas sobre a situação das caldeiras; Escaler a Gasolina; Sondagem; Exercício; Trabalhos; Despesa; Pessoal; Caldeiras e mais serviços auxiliares; Carvão; Pessoal; Aguda. Surge sobre o nome serviço da máquina.

Notas: Procede o registo ao serviço diário à máquina fundeado CAP/SEM/RDMF.

### **REGISTO DIÁRIO DA MÁQUINA (NAVEGAR) (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/RMN

Datas de acumulação: 20/1/1910 - 1/3/1930

Dimensão e suporte: 9 livs., 2 caps.; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde o maquinista de quarto vai registando tudo quanto se passa nas máquinas e que seja importante registar em qualquer ocasião. Descrição efectuada sobre a pressão indicada nos manómetros, assim como do óleo e carvão consumidos, eram ainda anotadas observações sobre

outros pontos a desenvolver, assim como o lugar de partida e destino da viagem.

### **REGISTO DIÁRIO DE TRABALHOS NA MÁQUINA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/RDTM

Datas de acumulação: 1930-1931

Dimensão e suporte: 1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: No livro surge sob o nome livro de “serviço da máquina”, aborda matérias como a situação; caldeiras; auxiliares; cinzas; despesa; sondagem; trabalhos; gasolina; aguada; pessoal; ocorrências; consumo; ...

### **REGISTO DO SERVIÇO DIÁRIO À MÁQUINA FUNDEADO (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/ RDMF

Datas de acumulação: 1906-1912

Dimensão e suporte: 5 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Escrito diariamente enquanto fundeado, incluindo entradas sobre a situação das caldeiras; Escaler a Gasolina; Sondagem; Exercício; Trabalhos; Despesa; Pessoal; Caldeiras e mais serviços auxiliares; Carvão; Pessoal; Motor Gasolina; Carvão; (...).

Notas: Antecede o Registo diário da máquina (fundeada) CAP/SEM/RMF.

### **Secção SES**

#### **SERVIÇO DE SAÚDE (SF)**

Código de Referência: CAP/SES

Datas de acumulação:

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial:

### **LIVRO DA VISITA MÉDICA (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/ LVM

Datas de acumulação:1930-1932

Dimensão e suporte: 1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Nomes dos pacientes, postos ou graduações, doenças, tratamento e dias de baixa.

### **LIVRO DE REGISTO CLÍNICO (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/ LRC

Datas de acumulação:1924-1931

Dimensão e suporte: 1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo com o historial médico dos tripulantes enquanto embarcados.

### **REGISTO CLÍNICO (SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/ REC

Datas de acumulação: 1904-1909

Dimensão e suporte: 1 liv. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo das doenças, pacientes assim como dos tratamentos a que foram sujeitos.

## **REGISTO DE CLÍNICA DIÁRIA(SR)**

Código de Referência: CAP/SEM/ RCD

Datas de acumulação: 1904-1930

Dimensão e suporte: 4 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registos com o historial médico dos membros das várias brigadas enquanto embarcados.

### **Secção SP**

#### **SERVIÇO DE PILOTAGEM (SF)**

Código de Referência: CAP/SP

Datas de acumulação:

Dimensão e suporte:

História administrativa e custodial:

#### **DIÁRIO NAÚTICO (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /DN

Datas de acumulação:1904-1906; 1908-1911; 1911-1930

Dimensão e suporte:7 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde o oficial de quarto regista tudo quanto interessa à navegação, como rumos, caminhos percorridos, terras ou faróis avistados ou à vista, estado do tempo, temperaturas, pressões barométricas e todas as ocorrências ocorridas tanto a bordo como no mar.

Notas: Falta a documentação relativa ao ano de 1907. O Livro referente ao período entre Setembro e Dezembro de 1930 embora se encontre referido no fundo não existe.

### **LIVRO DE REGISTO DE RÁDIOS DO NAVIO (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /LRRN

Datas de acumulação:1923 - 1927

Dimensão e suporte:13 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Conjunto de registos relativos às mensagens recebidas pelo posto telegráfico da canhoneira Pátria.

### **REGISTO DE RÁDIOS E BOLETINS (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /RRB

Datas de acumulação:1927-1930

Dimensão e suporte:47 livs. ; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo das mensagens recebidas e enviadas por via do telégrafo do navio. E boletins com notícias sobre o tempo.

### **REGISTO DIÁRIO DO SERVIÇO RADIOTELEGRÁFICO (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /RDSR

Datas de acumulação:1928-1930

Dimensão e suporte:2 livs.; papel.

Âmbito e conteúdo: Notas sobre a condição de recepção e o serviço efectuado, assim como as horas do mesmo.

### **LIVRO DE REGISTO DE NAVEGAÇÃO (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /LRN

Datas de acumulação:1905 - 1922

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Registo dos movimentos efectuados pelo navio, datas de partida e chegada; tempo de navegação; navegação a vapor.

### **REGISTO DE TELEGRAMAS (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /RT

Datas de acumulação:1910-1929

Dimensão e suporte:1 liv.; papel.

Âmbito e conteúdo: Cópia anotada dos diversos telegramas enviados e recebidos pela canhoneira Pátria.

### **REGISTO DE TIROCÍNEOS DOS GUARDAS-MARINHAS (SR)**

Código de Referência: CAP/SP /RTGM

Datas de acumulação:1927

Dimensão e suporte:1 liv.; Papel.

Âmbito e conteúdo: Livro onde são registadas as derrotas do navio.

Notas: Este livro só tem o dia 7 de Julho de 1927 preenchido.